



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

YARINELDI QUIGUAPUMBO VALENCIA

**COTIDIANO DOS INDÍGENAS DA NASA NA CIDADE DE POPAYÁN, CAUCA,
COLÔMBIA**

BELÉM-PA
2023

YARINELDI QUIGUAPUMBO VALENCIA

**COTIDIANO DOS INDÍGENAS DA NASA NA CIDADE DE POPAYÁN, CAUCA,
COLÔMBIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Marcio Douglas Brito Amaral
Coorientador: José Carlos Matos Pereira

BELÉM-PA
2023

YARINELDI QUIGUAPUMBO VALENCIA

**COTIDIANO DOS INDÍGENAS DA NASA NA CIDADE DE POPAYÁN, CAUCA,
COLÔMBIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Data de aprovação: 10/03/2024

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcio Douglas Brito Amaral - Orientador
UFPA

Prof. Dr. José Carlos Matos Pereira - Coorientador
UFRJ

Prof.^a Dr.^a Tatiane de Cassia da Costa Malheiro
IFPA

Prof.^a Dr.^a Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhaes
UFPA

Para minha mãe, Omaira Valencia Mesa, uma mulher indígena Nasa de grande temperamento e caráter para enfrentar a vida, uma mulher que nunca vacilou em sua grande tarefa de ser mãe.

AGRADECIMENTOS

Tendo a oportunidade de agradecer por esta conquista, por este objetivo e por esta grande experiência acadêmica, quero manifestar minha gratidão para algumas das pessoas e instituições que fizeram parte dela.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me acompanhou, me iluminou e protegeu-me em todos os momentos deste percurso acadêmico.

À minha querida, guerreira e corajosa mãe Omaira Valencia Mesa, que sempre esteve presente com seu apoio e amor incondicional, deu-me a vida e as asas para voar e realizar meus sonhos. Agradeço, também, às minhas irmãs e sobrinhas, que, apesar da distância, apoiaram-me e me motivaram a não desistir e a seguir em frente.

Agradeço àqueles que me orientaram academicamente, contribuindo e enriquecendo meu crescimento profissional. Ao Prof. Marcio Douglas Brito Amaral, pelo apoio e confiança nesta pesquisa e em minhas habilidades. Assim também agradeço a meu coorientador Prof. José Carlos Matos Pereira, que compartilhou seu conhecimento e experiência, de forma que enriqueceu este trabalho. Muito obrigada por me permitir conhecer e aprender, vocês são excelentes pessoas e ótimos profissionais. Sou grata e muito orgulhosa de ter compartilhado esta jornada com vocês.

Agradeço, também, a quem me acolheu em terras distantes como filha e recebeu-me como mais um membro da linda família Mitcheisin Imbiriba. Agradecimento infinito à Prof.^a Dr.^a Maria de Nazaré Imbiriba Oliveira Mitcheisin, por me dar o carinho e amor de mãe; ao Prof. Dr. Thomas Mitcheisin, pelo carinho e apoio à sua “filha perdida”. Da mesma forma, agradeço a cada um dos membros dessa linda família, muito obrigada!

Agradeço aos meus amigos lá na Colômbia, que me apoiaram infinitamente, apesar da distância. Aos meus amigos e colegas da turma, agradecimentos por me receberem e me acolherem, lembranças agradáveis ficarão comigo para sempre.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), que me deu condições e suporte material e intelectual para pleitear a continuidade de minha qualificação profissional e humana. Ao CAPES e à OEA, que me concederam bolsa de mestrado. Meu sincero carinho e agradecimento a todos que me ajudaram de uma maneira ou de outra, seja por meio de saberes científicos, experiências, incentivos, conversas, seja por meio de amizade. Todos estarão sempre no meu coração.

“Minhas intenções são de todo o coração proteger o futuro da minha raça que ainda dorme na ignorância, enfrentar o inimigo de nós, povos indígenas, e para que conheçamos a pradaria dos nossos grandes destinos.”

(Manuel Quintin Lame)

RESUMO

Esta pesquisa, orientada na linha de pesquisa de dinâmicas territoriais, é uma investigação cujo objeto de estudo é a vida cotidiana do povo indígena Nasa na cidade de Popayán, Cauca, Colômbia, localizada no sudoeste do país. Esse povo indígena é o terceiro maior grupo étnico da Colômbia, sua língua nativa é o Nasa Yuwe e, geralmente, vivem em áreas protegidas. Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho foi conhecer a vida cotidiana do povo indígena Nasa no espaço urbano da cidade de Popayán. Trata-se de uma pesquisa que nasceu da necessidade de saber se esse povo indígena ainda preserva e pratica seus usos e costumes, além de investigar as causas ou as razões que motivaram essa população a se trasladar para viver em espaços urbanos. Para identificar a dinâmica territorial do povo indígena Nasa, formularam-se perguntas norteadoras: quais as consequências da chegada dos povos ancestrais aos espaços urbanos? Como os indígenas Nasa se relacionam e adaptam-se à cidade? Como isso afeta a vida urbana dos indígenas Nasa? Que usos e costumes são afetados por estarem no espaço urbano? Em vista disso, tem-se como hipótese principal que o povo indígena Nasa luta por sobreviver como povo indígena apesar de ter de viver em um espaço urbano, cuja base teórica é o método dialético de Lefebvre que analisa em três dimensões o espaço urbano: concebido, vivido e percebido. O estudo utilizou uma metodologia qualitativa com um método participativo, no qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com líderes, pessoas comuns, jovens homens e mulheres para conhecer, de diferentes perspectivas, como é vida no espaço urbano sendo indígena Nasa. Da mesma maneira, foram realizados *workshops* de cartografia para identificar a percepção deles sobre o espaço urbano em que habitam. Nos resultados desta pesquisa, foi possível identificar que o povo indígena Nasa, que habita na cidade de Popayán, iniciou sua vida no espaço urbano com algumas dificuldades, mas que, na medida do tempo, adaptou. Além disso, identificou-se que ainda praticam a medicina tradicional, cosem alguns tecidos, praticam alguns rituais, assim como alguns membros do povo indígena falam sua língua nativa e vestem sua roupa tradicional. Além disso, o povo indígena realiza processos comunitários e de governança territorial. Como consideração geral, pode-se dizer que esse grupo leva sua cultura aos espaços nos quais desenvolve suas dinâmicas territoriais. Adicionalmente, evidencia-se a necessidade de políticas públicas que acompanhem os povos indígenas que migram para espaços urbanos para a adaptação e o fortalecimento de sua cultura, visto que as políticas, habitualmente, são pensadas sem essa diferenciação étnica que possuem as cidades na atualidade.

Palavras-chave: Cidade; Espaço vivido; Cotidiano; Povo indígena Nasa; Colômbia.

ABSTRACT

This research, guided by the research line of territorial dynamics, is an investigation whose object of study is the daily life of the Nasa indigenous people in the city of Popayán, Cauca, Colombia, located in the southwest of the country. These indigenous people are the third largest ethnic group in Colombia, their native language is Nasa Yuwe and they generally live in protected areas. In this context, the general objective of this work was to learn about the daily life of the Nasa indigenous people in the urban space of the city of Popayán. This research was born out of the need to find out whether these indigenous people still preserve and practice their customs, as well as to investigate the causes or reasons that motivated this population to move to live in urban spaces. In order to identify the territorial dynamics of the Nasa indigenous people, guiding questions were formulated: what are the consequences of the arrival of ancestral peoples in urban spaces? How do the Nasa indigenous people relate and adapt to the city? How does this affect the urban life of the Nasa indigenous people? What uses and customs are affected by being in the urban space? In view of this, the main hypothesis is that the Nasa indigenous people struggle to survive as an indigenous people despite having to live in an urban space, whose theoretical basis is Lefebvre's dialectical method that analyzes urban space in three dimensions: conceived, lived and perceived. The study used a qualitative methodology with a participatory method, in which semi-structured interviews were carried out with leaders, ordinary people, young men and women to find out, from different perspectives, what life is like in the urban space for Nasa indigenous people. Similarly, cartography workshops were held to identify their perception of the urban space they inhabit. In the results of this research, it was possible to identify that the Nasa indigenous people who live in the city of Popayán began their life in the urban space with some difficulties, but that, over time, they have adapted. In addition, it was identified that they still practice traditional medicine, sew some fabrics, practice some rituals, and some members of the indigenous people speak their native language and wear their traditional clothing. In addition, the indigenous people carry out community and territorial governance processes. As a general consideration, it can be said that this group brings its culture to the spaces in which it develops its territorial dynamics. In addition, there is a need for public policies that accompany indigenous peoples who migrate to urban spaces to adapt and strengthen their culture, since policies are usually designed without the ethnic differentiation that cities have today.

Keywords: City; Lived space; Daily life; Nasa indigenous people, Colombia.

PSXASXNI

Naa mjãa' yumée papëinxi wejxate u'jna ũsa', kiwe pe'lasu nuytadxna. Txãa papëinxi wejxa'a' nasawe'sx ma'weneta Payá çxhabte fxi'ze txa'sku atxaja', kwe'sx kiwe sek khenxi ju'gu. Naa çxhaba' kwe'sx u'pnxi kíwete' tekhte ũsa' Nasayuwe'stxi mej we'we jĩçxaja' ewtx çxhab pëku, yu'khdxiin majina fxi'ze, kijxçxapa ujna énxisa u'wa'. Naa papëinxi wejxate' teeçx dxi'jçxa'sku ya'atxaj, nasawesxa' kijx yuuna ne'ta fxi'ze çxhab wala pãajte, musxkawe'sx khsxavxte, txakwe kiwe's majisata' jĩçte'. Utx papëinxi wejxa' nasawesxa' (piçtatx – kna'sa) wejxtx çxhab wálana kãseje' mjĩnxa', vxite' mjĩi pakweya' pa'ka deweçmétépa, vxite' petx kiwesuy mjĩnxa' wa'luçte, maisa' sek, nus kiwe uçheya açeçte txãa pa'katx çxhab walaçxa's ipeyu', napkaçxha' kna'sawesxa' zxiina dxi'jsu u'j, txã'wey pa'kate meçxaapa mjĩna, vxite' nwe'sxyakh u'pya u'j, maíi piçtatx – kna'sa' wejx píyaya u'j pevxi'a'j yat wálasu; sa' txãa wejxa pa'katetx yumée petx kíweju kãsena çhuku' txkáa iyuun – imi'n, vxite' neywe'sxtxi wãtajna, vxite' khwës nebunxii ewmée fxi'z pa'ka nasadxij na'wë. Txaateytx nasa na'we fxi'zenxix peçxkanuna u'jwe'; nasa's we'wmeen, petx atxtxi athméen, kijx thë' yunxiitxpa peçxkanuna, wáas fxi'zenxixiytha'w psxi'dwëje, petxyuçtepa, iwësxuçtepa, wët we'weçmétépa jwéetha'w çhũkh kuphathe'. Txãa pa'ka'kh kwe'sx kiwe pe'la, kwe'sx çxhabkwe' piçtatx ji'pmée neyu'. Aça' petx kiwesuy fxi'zewëçxa' txsũywesxa' pa'kameçxatx dewe', kijx majiçxapa ujnxitxi' pa'kameteçxatx weywëje'. Sa' txa'sku jwe yumée ew ya' atxaja txakwe thë'we'sx çxhãçxha yatxiçkuth, dejmée Teeçx ũusçxáa ki'pçxa nasnasa na'wë fxi'zpaça sun. Thë' Lefebvre tekx jwed yatxnxi' çxhabsu u'pnxi' náata'; uphnxii, fxi'zenxii txi' ũus atxajnxii. Maíi luuçxa' çxhab wala pãajtenxa'tx uphxi', aça' txã'wesa' isatéetx kijxyúupa nasa fxi'zenxi's naçxkweyupa piya'çmée, Nasayuwe's píyaya wa'lina, íimusxka ũusçxa's yu'akhna. Máan jxã' tubuçte' yumée nasakwetxi wejx petx kiwetey ewew kaũsuthewa' pejxiçxá NASNASA na'wëdxij fxi'zeya', napa vxite musxka pu'çxnxiyakha' jwée pejxme', nasa pwe'sxiçxáa pkhakheçxa luuçx, piçtatx, kna'sa txi' thë' yakh ũkayúu naa yuweçxa's walayuj zxiçxkweçxáa atxajwa' pejxa', txã'menxu' ew jimeçxçxáa çxhab çejna ũphya' yutxna, petx kiwe pe'laçxáapa's thegmée yu'khena nvxihtte' yaçka ksxa'wwe'sxa' yumée usxçxatxna, açx txa'the petxyuwëte'; napa'ka wejx zxiçxkweçxaj txi' çxhãçxçxhaçx yajtxna u'jwena'w nasa na'wëdxij. Sa' nasa' çxhab wálasu u'juwa'jsame' náa ensu'. Txãa pa'kate kiwetey iwejçeçxa ũstja'w açxpa'ph.

Yuwe Sxakwesame: Txawesx kwesx ũus khipnxix jadacxa pkhekheçxamjiújxia txicxapá nasawe`sx aka kiwesu ũstxin txawesxtxis jadacxa púcxna újxia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da localização da área de estudo	25
Figura 2 – Classes de migração	29
Figura 3 – Método dialético (Henri Lefebvre)	30
Figura 4 – Rio Avalancha Páez (1994).....	39
Figura 5 – Mapa do fluxo migratório interdepartamental	44
Figura 6 – Mapa do fluxo migratório povo Nasa	47
Figura 7 – Processo de crescimento da cidade de Popayán 1983-1994	48
Figura 8 – Processo de crescimento da cidade de Popayán 1994-1999	48
Figura 9 – Assentamentos pós-terremoto	49
Figura 10 – Origem do Nasa segundo a <i>Cuetandera</i>	52
Figura 11 – A <i>cuetandera</i>	53
Figura 12 – Estrutura <i>Nej Wesx</i> do povo Nasa	54
Figura 13 – Distribuição espacial de <i>cazicasgos</i> Nasa.....	55
Figura 14 – Localização da cidade ancestral no departamento de Cauca.....	56
Figura 15 – Estrutura do sistema de autogoverno nos territórios indígenas Nasa.....	58
Figura 16 – Ritual <i>Saakhelu Ne'jwesx</i>	60
Figura 17 – Recebendo os primeiros raios de sole <i>Sek Buy</i>	61
Figura 18 – Representação ritual <i>Sek Buy (Chxca Wala Kiwe)</i>	61
Figura 19 – Jesus – Deputado da Assembleia Departamental do Cauca.....	65
Figura 20 – Rosalba, deputada da Assembleia Departamental do Cauca.....	66
Figura 21 – Localização da população Nasa na cidade de Bogotá.....	67
Figura 22 – Localização da população Nasa na cidade de Santiago de Cali.....	68
Figura 23 – Javier Noscué, ex-governador do povo Nasa no território ancestral de Corinto... 70	
Figura 24 – Mapa do bairro Toez na cidade.....	71
Figura 25 – Presidente do conselho de ação comunitária do bairro Toez	72
Figura 26 – Karina Gugú, indígena Nasa	74
Figura 27 – Pisos adequados para plantio de milho	76
Figura 28 – O cultivo de milho no espaço urbano.....	77
Figura 29 – Milhos na urbanidade.....	78
Figura 30 – Parteira Indígena da Nasa.....	79
Figura 31 – Tecidos Nasa na urbanidade.....	80
Figura 32 – Tecido Nasa (<i>Taw Nasa</i>), feito de lã de ovelha	81

Figura 33 – Comércio de tecidos Nasa (Praça do Mercado Bolívar)	82
Figura 34 – Cartografia social, povo Nasa na urbanidade.....	83
Figura 35 – Percepção da cidade de Popayán (oficina de cartografia social)	85
Figura 36 – Conhecedor ancestral	89
Figura 37 – Passado e futuro NASA	91
Figura 38 – Orelha de cachorro	92
Figura 39 – Hortelã-pimenta.....	92
Figura 40 – Coca.....	93
Figura 41 – Arruda	93
Figura 42 – Ervas cultivadas na cultura Nasa.....	94
Figura 43 – Sakthees.....	95
Figura 44 – Parte interna de <i>la Maloka</i>	95
Figura 45 – <i>Tulpa</i>	96
Gráfico 1 – Distribuição demográfica dos povos indígenas Nasa na Colômbia	45
Gráfico 2 – População indígena Nasa distribuída por municípios do departamento de Cauca, Colômbia	46
Gráfico 3 – Roubos de pessoas na cidade de Popayán período 2014 a 2019.....	75

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIC	Associação Indígena do Cauca
CRIC	Conselho Regional do Cauca
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estatística
FCHS	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
OIM	Organização para as Migrações
POT	Plano de Ordenamento do Território
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
UFPA	Universidade Federal do Pará
UAIIN	Universidade Autônoma Indígena e Intercultural

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	18
3 JUSTIFICATIVA	20
4 OBJETIVOS	22
4.1 Objetivo geral.....	22
4.2 Objetivos específicos.....	22
5 METODOLOGIA.....	23
5.1 Tipo de pesquisa.....	23
5.2 Descrição do estudo de caso.....	24
5.2.1 Descrição da cidade de Popayán	24
6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
7 CAPÍTULO I.....	33
7.1 História e visão mundial indígena Nasa	33
7.1.1 Relato histórico da conquista espanhola: nação Nasa	33
7.1.2 Emergência de um novo líder	37
7.1.3 Inclusão dos povos indígenas nos censos populacionais e habitacionais na Colômbia ..	40
7.1.4 Fluxo populacional e processos de ocupação urbana na Colômbia.....	42
7.1.5 Origem mitológica do povo Ancestral Nasa.....	50
7.1.6 <i>La Cuetandera</i>	52
7.1.7 Estrutura <i>Nej Wesx</i>	53
7.1.8 Chefes Nasa	54
7.1.9 Origem geográfica do povo Nasa na Colômbia.....	55
7.1.10 Descrição demográfica e populacional.....	57
7.1.11 Língua.....	57
7.1.12 Bases organizacionais de conformação	57
7.1.13 Plano de vida	59
7.1.14 Cosmovisão, usos e costumes.....	59
7.1.14.1 <i>Saakhelu Ne'jwesx</i> ritual maior.....	60
7.1.14.2 Ritual de compra de sexo (<i>Sun Child</i>).....	60
7.1.15 Estrutura organizada.....	62
7.1.16 Lei de origem (<i>Kisni</i>).....	62
8 CAPÍTULO II.....	64

8.1 Cotidiano dos povos indígenas Nasa	64
8.1.1 A percepção dos indígenas Nasa sobre o espaço urbano.....	64
8.1.2 Desarmonias urbanas da percepção da Nasa	69
8.1.3 A alimentação das pessoas Nasa	76
8.1.4 Desenvolvimento das atividades diárias do povo Nasa no espaço urbano da cidade de Popayán (trabalho, moradia, relações familiares, organizações políticas, lazer) – cotidiano da Nasa na urbanidade.....	85
9 CAPÍTULO III	88
9.1 Usos e costumes preservados	88
9.2 Relação território-cidade	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	103

1 INTRODUÇÃO

O povo indígena Nasa na Colômbia se mudou para espaços urbanos devido a circunstâncias fora de seu controle, como o deslocamento forçado em virtude da guerra entre grupos armados, mas também para buscar uma melhor qualidade de vida relacionada com a educação e o trabalho. Além disso, a mudança ocorreu em decorrência das alterações naturais que afetam seu território e, conseqüentemente, sua harmonia e, portanto, suas vidas nas zonas rurais.

Esse povo é o terceiro com maior densidade demográfica em nível nacional. Originário do departamento de Cauca, não escapa a estas dinâmicas territoriais, levando-os a cidades metropolitanas como Cali, Bogotá, ou cidades intermediárias como Popayán, capital do departamento de Cauca.

De acordo com Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE) (2018), Popayán é uma cidade de 318.059 habitantes, dos quais 1.341 são pertencentes ao povo indígena, que chegaram e nasceram nas áreas urbanas, nas quais vivem seu dia a dia. A presença do povo indígena Nasa no espaço urbano de Popayán não é uma situação nova, é histórica. Os povos indígenas tiveram assentamentos dos quais foram desapropriados. Em decorrência disso, formaram as cidades da atualidade (Zambrano; Bernard, 1993), dando lugar à configuração das cidades mais atuais, incluindo Popayán¹. Todavia, após o processo de colonização, os povos indígenas foram despejados de suas terras.

A vivência na atual cidade de Popayán para os indígenas Nasa pode influenciar o espaço urbano, e também o seu cotidiano na urbanidade, uma vez que esse espaço urbano, que eles adotaram como território, definitivo para alguns e temporário para outros, pode ou não permitir a recriação de alguns usos e costumes como meio de sobrevivência para não ignorar as suas raízes e, assim, não desaparecer culturalmente, a despeito de estarem fora do seu território. Isso porque alguns perdem essa ligação ou nunca a estabelecem por motivos familiares, profissionais e espirituais.

Portanto, estabelece-se um problema de pesquisa que busca responder às seguintes questões: quais conseqüências a chegada dos povos ancestrais gera nos espaços urbanos? Como esse povo indígena se relaciona e adapta-se à cidade? Como a vida urbana afeta esses povos ancestrais? Seus usos e costumes são afetados? Em vista disso, tem-se como hipótese principal

¹ O nome da cidade de Popayán é uma homenagem ao cacique Payán, que governou o Vale de Pubenza na chegada da invasão espanhola. Ele é um símbolo dos princípios ancestrais do povo Misak, que garantiu não só o equilíbrio entre as pessoas, mas o equilíbrio entre o homem e a natureza (Cabildo del Povo Guambiano, 1998).

que os indígenas Nasa lutam para sobreviver como povo indígena apesar de ter de viver em um espaço urbano. Por não ser seu território ancestral, eles devem aprender a realizar suas atividades cotidianas e adaptar-se a esse novo contexto.

Mediante tal cenário, propôs-se um desenvolvimento metodológico qualitativo para responder às perguntas em três fases; primeira, revisão bibliográfica e teórica sobre o cotidiano (Lefebvre, 2013), compreendendo-o a partir da realidade do povo indígena Nasa na cidade de Popayán, um espaço urbano; segundo, informações estatísticas sobre o povo indígena Nasa na área urbana, além de realizar entrevistas semiestruturadas com integrantes do povo indígena Nasa que moram e desenvolvem seu cotidiano na cidade, como lideranças de grande relevância, ex-governadores, deputados, mulheres e jovens.

As pessoas entrevistadas têm grande relevância na luta do povo indígena Nasa, entre elas, dois ex-deputados da Câmara do departamento do Cauca, o major Jesus Chávez e Rosalba Ipia, ambos do povo Nasa, dois personagens com grande trajetória política organizativa para o movimento indígena no departamento. Assim como o líder indígena e ex-governador do resguardo indígena de Corinto e o major José Joel Ramos (QEPD), uma pessoa com grande sabedoria ancestral, política e acadêmica, amante da música e da arte dos povos indígenas. Foram entrevistadas, ainda, outras pessoas que, como também diversos membros do povo indígena Nasa, vieram para a cidade em busca de oportunidades.

Na última fase, analisaremos os resultados obtidos nas conversas e nas entrevistas realizadas, o que nos permitirá conhecer a sua percepção da cidade de Popayán, ao mesmo tempo conhecer e compreender o processo de entrada no espaço urbano, como é essa transição, como se adaptam e se ainda mantêm essa relação e ligação com seu território ancestral. Compreender, também, o desenvolvimento de seu cotidiano na urbanidade no que concerne à sua visão de mundo.

Para compreender o processo da vida cotidiana dos povos indígenas Nasa no espaço urbano de Popayán, Cauca, Colômbia, foram estabelecidos os objetivos específicos deste trabalho de pesquisa, cujo principal deles é descrever as causas sócio-históricas que levaram os membros dos povos indígenas ancestrais a migrar para a cidade. No desenvolvimento do primeiro capítulo, é apresentada uma descrição histórica do povo indígena Nasa, incluindo sua história e cosmovisão.

Destaca-se a luta do povo ancestral durante a época da conquista espanhola, que durou cerca de 100 anos e não foi vencida em batalha, mas, sim, enfraquecida por meio da evangelização e da divisão dos cacicados. Figuras importantes, como o líder indígena Manuel Quintín Lame, são mencionadas por liderar a reivindicação dos direitos indígenas, inicialmente,

por meios pacíficos, mas, eventualmente, recorrendo às armas. O capítulo também aborda a inclusão dos povos indígenas nas estatísticas do país e as razões pelas quais tiveram de abandonar seus territórios ancestrais.

Além disso, o capítulo explora a origem do povo indígena Nasa a partir de sua cosmovisão e conhecimento ancestral, incluindo a narrativa da interação de uma estrela com a água de uma lagoa para originar os primeiros Nasa (Sisco, 2001). Também são descritas informações demográficas do povo, sua língua e estrutura política organizacional, destacando o fortalecimento dos territórios indígenas, principalmente, aqueles afiliados à mesma estrutura organizacional que exerce grande influência nacional. São discutidos os “planos de vida”, projetados para serem continuados ao longo das gerações, visando ao fortalecimento dos usos e costumes do povo indígena Nasa, dentro e fora de seu território, em conformidade com as leis naturais e de origem.

No segundo capítulo, discorre-se sobre o desenvolvimento da vida cotidiana e a percepção da cidade, sendo vista como um grande espaço no qual se encontra tudo, aparentemente, unido, mas com fragmentação, visto que o coletivo fica em segundo plano e o individualismo é refletido em cada rua. A cidade é comparada a uma selva de concreto devido à sua dimensão, identifica-se, ainda, que esses espaços facilitam a perda da identidade cultural Nasa. Além disso, nota-se que é um espaço em que a desarmonia é latente e, portanto, não é percebido como seguro, em virtude dos grandes desafios enfrentados por aqueles que ainda mantêm suas raízes. Não se trata apenas das desarmonias sociais ou territoriais, mas também da má alimentação a que são levados pelo meio, afetando alimentos tradicionais como o milho e parte de rituais, usos e costumes. Muitos aspectos da vida tradicional, como tecelagem, preparação de alimentos ao redor da tulpa e a transmissão de histórias ancestrais foram afetados por esse novo estilo de vida na cidade. Tais percepções também foram refletidas em cartografias realizadas durante as entrevistas, identificando, especialmente, como os Nasa veem a cidade de Popayán.

Por sua vez, no terceiro capítulo, são apresentados os usos e costumes que o povo Nasa ainda conserva e pratica. São mencionados os rituais de limpeza energética realizados em locais distantes da sociedade não indígena, comumente, buscando interação com a natureza, dado que na cidade não se sente essa conexão necessária. Além disso, destaca-se o papel das parteiras, que têm grande relevância na cultura Nasa, transmitindo e praticando rituais como o plantio do umbigo, o plantio da placenta e os banhos, o que levou os hospitais a permitirem sua participação nos processos de gestação e parto, respeitando essa diferença cultural.

São apresentadas algumas das plantas medicinais cultivadas em suas casas, usadas, continuamente, nos rituais. Ademais, são destacados alguns locais importantes para os povos indígenas na cidade de Popayán, em que são realizados rituais ancestrais que envolvem a conexão com os espíritos da natureza para limpeza energética e fortalecimento espiritual.

Também é apresentada a relação que se cria entre o território e a cidade, em vista das emoções, experiências e simbolismos que são gerados e recriados. Isso evidencia que o indígena Nasa não deixa de sê-lo por viver na cidade, apesar de, em alguns casos, ser aconselhado a fazê-lo para obter algum benefício do governo, sobretudo, em termos de habitação. Além disso, evidencia-se como em certos momentos essa relação com o território se torna, ocasionalmente, um interesse pessoal. Por exemplo, quando saem do território para estudar, essa relação deixa de ser voluntária e torna-se obrigatória para poder obter o AVAL, que é o documento que os credencia como indígenas, assim como para aqueles que saem por motivos de trabalho.

Finalmente, esse povo indígena ancestral, originário da estrela e da água, que lutou no campo das leis e da batalha para sobreviver, viu-se obrigado a migrar para os espaços urbanos, os quais não estão planejados ou preparados para enfrentar esses processos diferenciais.

No entanto, como um povo indígena guerreiro, ainda luta nesse novo contexto em que deve realizar sua vida cotidiana, sem deixar de lado suas raízes culturais, as quais foram fortalecidas pela família e pela coletividade. Isso permitiu que, atualmente, sejam considerados em algumas políticas públicas, mas falta nas políticas específicas para os espaços urbanos, a fim de que sua sobrevivência seja menos difícil e consigam manter-se como povo.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Ser e identificar-se como indígena na Colômbia anos atrás era depreciativo, posto que estava relacionado a ser um selvagem, alguém que deveria ser civilizado e utilizado em trabalhos forçados (Bes, 2015), mas tudo isso mudou ao longo dos anos. Os povos indígenas reivindicaram e recuperaram a relevância que não foi gratuita, porque graças às demandas e às lutas conquistaram um lugar importante na sociedade colombiana, de modo que se refletiu na Constituição de 1991.

Tais lutas permitiram que os grupos indígenas tivessem acesso a diversos serviços, inclusive, à educação, aspecto que me possibilitou chegar à academia, local em que encontro grandes conhecimentos surgidos de experiências vividas ou conhecidas em primeira mão pelo pesquisador. Portanto, como indígena e pesquisadora em formação, assumo a tarefa de aprofundar e pesquisar o cotidiano do indígena Nasa colombiano no espaço urbano da cidade de Popayán.

Ser e pertencer a esse povo indígena favorece um olhar mais profundo do como e por que os indígenas se deslocam para as cidades, sendo, aliás, por diversos motivos, os quais são apresentados no desenvolvimento desta pesquisa. Além disso, conhecer como se deu a sua inserção no espaço urbano e o desenvolvimento da vida cotidiana nele apreender e dar a visibilidade da magnitude dessa população nas cidades.

Imperioso ressaltar que o interesse surge da minha própria experiência, pois, como indígena Nasa, vivi esse processo de deslocamento do campo para a cidade, aspecto que me possibilitou perceber o quão vulnerável se pode ser em um espaço tão diverso e longe de seus entes queridos e, até certo ponto, perto deles. Pela experiência vivida, existe o interesse em identificar e entender como é o processo de mudança rural-urbana e como o povo Nasa desenvolve o seu cotidiano.

Apesar das lutas conquistadas e da relevância, ainda existem lacunas no desenvolvimento do povo indígena no espaço urbano. Em vista disso, é relevante conhecer as políticas que permitem um processo de inclusão ou diferenciação dos diversos povos étnicos que chegam, visto que as cidades se tornam espaço que acolhe a todos independentemente de raça, religião, política ou nível de escolaridade.

Embora haja indiferença a esses grupos sociais presentes e que pedem para serem atendidos, ouvidos, visibilizados, é preciso levar em conta seus diferentes modos de vida, de modo a contribuir para o fortalecimento do plano de vida indígena da Nasa. Uma vez observada

a necessidade de aprofundar a integração ao mundo urbano dos ancestrais indígenas Nasa do departamento de Cauca e sua relação com o território, levantam-se as seguintes questões:

- que consequências a chegada dos povos ancestrais gera nos espaços urbanos?
- como os indígenas Nasa se relacionam e adaptam-se à cidade?
- como isso afeta a vida urbana dos ancestrais indígenas Nasa?
- que usos e costumes são afetados por estar no espaço urbano?

Diante disso, para investigar essa população localizada na cidade de Popayán, Cauca, Colômbia, busca-se responder a essas questões esta pesquisa se debruçará sobre a maneira como os povos indígenas Nasa desenvolvem seu cotidiano no espaço urbano, traçando uma breve narrativa histórica desse povo e uma descrição do fluxo populacional de suas reservas² em direção à cidade, o que permite identificar suas causas e motivos. Traçaremos, ainda, uma descrição da cultura, visão do mundo, usos e costumes desse povo indígena colombiano, desenvolvida com base na metodologia qualitativa e na fundamentação teórica de Henri Lefebvre.

O fluxo demográfico dos indígenas, pertencentes à população Nasa, não significa que a cidade-campo tenha relevância no desenvolvimento de suas vidas, que é modificada devido ao seu novo contexto espacial urbano, no qual é necessário nos desenvolver para atender às suas necessidades. Ante o exposto, o levantamento deste problema de pesquisa nasceu para compreender como eles desenvolvem seu cotidiano ao chegarem na cidade.

Como pesquisadora e indígena do povo Nasa também atravessei o mesmo o processo de saída do território ancestral para a cidade, em busca de trabalho e acesso ao ensino universitário. Tal experiência pessoal gerou meu interesse em conhecer, compreender e evidenciar essas experiências de inserção e desenvolvimento dessas pessoas no mundo urbano moderno.

² As reservas indígenas datam da época da coroa espanhola, criadas sob regulamentações indígenas (títulos coloniais, certidões reais, entre outros), devem seu nome ao propósito de “protegê-los” do extermínio a que eram submetidas pelo então chamado conquistador. Além disso, é uma figura de propriedade coletiva com as prerrogativas de inalienável, imprescritível e inexigível, cujas extensões de terra são isentas do pagamento de tributos (Conselhos *et al.*, 2015). As reservas indígenas são propriedade coletiva das comunidades indígenas, em favor das quais são constituídas. De acordo com os arts. 63 e 329 da Constituição Política, são inalienáveis, imprescritíveis e inacessíveis. São uma instituição jurídica e sociopolítica de natureza especial, constituída por uma ou mais comunidades indígenas, que, com título de propriedade coletiva, goza das garantias da propriedade privada. São proprietárias do seu território e regem-se pela gestão dele e da sua vida interna por uma organização autônoma protegida pela jurisdição indígena e por seu próprio sistema regulatório. Fonte: <https://www.suin-juriscal.gov.co/viewDocument.asp?ruta=Decretos/1411247>.

3 JUSTIFICATIVA

O povo Nasa na Colômbia é relevante por ser o terceiro com maior população indígena do país, localizado, principalmente, no departamento de Cauca, no sudoeste da Colômbia. Essa cidade tem um total de 243.716 habitantes, dos quais 23.279 vivem em espaços urbanos, 19.849 em centros povoados (corregimentos) e 200.048 vivem em áreas rurais dispersas (DANE, 2018).

Em relação ao número total de habitantes daquela comunidade, observa-se a distribuição espacial com presença em espaços urbanos, provocada por diversos eventos que ocorreram nos territórios de origem e levam-nos a se deslocarem para outros locais. De tal modo que faz com que essa comunidade tenha de se adaptar a esses novos espaços, em grande parte, desconhecidos daqueles que foram os primeiros a chegar e daqueles que implementaram esses processos de ocupação para sobreviver.

Esse fenômeno social para os povos indígenas ancestrais se deve, em grande medida, a diversas causas, sendo uma delas o deslocamento forçado. Nos últimos 20 anos, o deslocamento forçado do povo indígena equivale a 11% do total da população que saiu de seu território do país. Em conformidade com pesquisa de 2005, a população deslocada, em nível nacional, foi de 2,3% (Ariel, 2014).

O departamento de Cauca é um dos mais atingidos pelo conflito armado que o país viveu nas últimas décadas, sendo um ator de grande importância nesse processo. Além disso, a precariedade do meio rural é uma das razões pelas quais saem em busca de possibilidades e oportunidades que os ajudem ou resolvam a crise socioeconômica com que viveram e com a qual chegam a esses novos espaços para escapar do controle das pessoas e dos mesmos grupos étnicos (Silva, 2010).

Na Colômbia, o processo migratório indígena do campo para a cidade é um fenômeno bastante relevante, tendo ocorrido em cidades ancestrais. No caso da cidade ancestral indígena Nasa, faz-se referência ao fato de estar presente em espaços urbanos 23.279 habitantes, sendo 9,6% de sua população (DANE, 2018).

Ao chegarem aos espaços urbanos, os ancestrais indígenas Nasa buscam uma forma de adaptar e recriar sua cultura nesse mundo novo desconhecido para eles. Costumeiramente, estão localizados em zonas periféricas nas quais lhes é possível aceder às necessidades básicas mínimas que sustentam a sua vida cotidiana. Portanto, nesse processo devem aceder a um mundo de trabalho, por vezes, desempenhando empregos que não exigem altas qualificações, também em busca de educação e outros serviços. Isso porque uma vez imersos nesse mundo

ocidental, devem aprender, desaprender e desenvolver-se de acordo com as suas necessidades nos novos contextos (Baezo; Aizenberg, 2018).

Tal situação que hoje vivem muitos indígenas Nasa é preocupante, mas, ao mesmo tempo, a chegada dos indígenas a esses espaços urbanos é inevitável. Razão pela qual nesta pesquisa é importante saber e entender o desenvolvimento do cotidiano dos indígenas Nasa no espaço urbano da cidade de Popayán, como é sua visão do mundo, seus usos e costumes em um espaço totalmente diferente de seus ancestrais territórios, a forma como se adaptam e fazem dele o seu território para que, no futuro, sejam levados em conta na constituição de políticas públicas urbanas com abordagem étnica diferenciada.

4 OBJETIVOS

Mediante o contexto e cerne desta pesquisa e observando a necessidade de aprofundar a integração ao mundo urbano dos ancestrais indígenas Nasa do departamento de Cauca e sua relação com o território, os seguintes objetivos foram definidos na sequência.

4.1 Objetivo geral

Compreender o processo de vida cotidiana do povo indígena Nasa no espaço urbano vivido na cidade de Popayán, Cauca, Colômbia.

4.2 Objetivos específicos

1. Descrever as causas sócio-históricas que levaram os membros dos povos indígenas ancestrais a migrar para a cidade;
2. Compreender o cotidiano no espaço urbano (onde moram, trabalham, suas relações familiares, quais são as dificuldades que enfrentam e como se organizam politicamente) dos indígenas Nasa da cidade de Popayán;
3. Identificar os usos e costumes que se conservam e a sua relação com o território ancestral.

5 METODOLOGIA

Tendo a clareza do problema de pesquisa, dos objetivos e questões norteadoras expostos, busca-se, neste capítulo, apresentar os aspectos metodológicos que norteiam a pesquisa. Esse panorama dará a base metodológica, a partir da qual esta investigação será pautada para encontrar respostas às questões que a norteiam.

5.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa utilizou a metodologia qualitativa, partindo do método participativo, pela qual a população em estudo é envolvida como seu sujeito, o que viabiliza resultados mais assertivos em seu desenvolvimento (Solís Narváez, 2015). Desenvolvida em 4 fases, a primeira trata da definição do tema e da área de estudo e da revisão de fontes bibliográficas secundárias básicas, como textos que sustentam, teoricamente, o cotidiano da cidade voltado para o povo indígena Nasa permeada pela teoria de Henri Lefebvre.

Nesse bojo, partiremos das leituras de Milton Santos e, no que tange à trajetória de dois movimentos migratórios, de Bovenkerk. Por sua vez, adotamos, ainda, leituras indígenas como Alexandre Surralles, Pedro García Hierro e trabalhos relacionados que permitem identificar pesquisas anteriores e conhecer tal história de mobilizações e dos processos de ocupação e do cotidiano vida dos indígenas na cidade, em que serão priorizados estudos que tenham nível científico, sendo indexados, citados em espanhol, português e inglês.

Na segunda fase, análises da informação estatística sobre os povos indígenas Nasa, consultada com a anuência dos conselhos indígenas e do DANE, da Organização para as Migrações (OIM), para a realização de uma cartografia temática, apresentando o processo migratório nos últimos 10 anos.

Além da realização de entrevistas semiestruturadas com migrantes do território ancestral para captar o desenvolvimento de seu cotidiano sob diferentes pontos de vista desde jovens, adultos, saberes ancestrais mais antigos, acadêmicos e líderes políticos, todos pertencentes ao povo indígena Nasa. Desse modo, identificam-se usos e costumes que ainda são preservados e praticados. Também foram realizadas oficinas de cartografia social de modo a verificar a percepção e interpretar a perspectiva dos indígenas Nasa no espaço urbano em que realizam suas diversas atividades cotidianas.

Como terceira fase, constam as análises e a sistematização dos resultados obtidos nas entrevistas para mapear o processo da chegada dos Nasa ao espaço urbano, de maneira a

entender como é a sua vida na cidade, quais facilidades possuem, quais problemas têm e tudo o que é possível assinalar nessas conversas.

Adicionalmente, mediante geoprocessamento dos dados obtidos nas oficinas de cartografia social, obteve-se um mapa temático no qual estão representados a espacialização, os locais em que realizam seu cotidiano e aqueles em que falam sua língua (Nasa Yuwe), onde está espacialmente e onde estão localizadas suas atividades do cotidiano no espaço urbano, além de áreas que permitem caracterizar sua percepção e, assim, realizar análises de seu cotidiano desenvolvido na cidade de Popayán.

5.2 Descrição do estudo de caso

A descrição do caso é feita em nove seções nas quais será descrita a área de estudo e suas características físicas, nas quais é feita uma breve descrição que nos permite conhecer um pouco sobre a cidade de Popayán. A seguir será feita referência à origem do povo ancestral Nasa a partir de sua mitologia, crenças a fim de contextualizar e dar a conhecer um pouco sobre quem são os Nasa e também a importância através da descrição do povo ancestral indígena Nasa juntamente com a elaboração de uma descrição demográfica e populacional fazer uma descrição cultural dos povos ancestrais em referência a (usos, ritos, costumes).

5.2.1 Descrição da cidade de Popayán³

Popayán, capital do departamento de Cauca, está localizada a uma altitude média de 1.737 metros acima do nível do mar e com uma temperatura média de 19°C, dada a variabilidade climática atual. Ela está localizada a 2°27'51" norte e 76°36'13" longitude oeste do meridiano de Greenwich (Plan de Ordenamiento Territorial, 2002). Possui um relevo variado devido às suas características geográficas, nas quais podem ser encontradas diferentes elevações.

Como uma falha geológica chamada Romeral, localizada no centro da cidade que atravessa o país de sul a norte na zona andina da Colômbia, essa cidade tem relevância sísmica, dado que se desdobra em um centro urbano, afetando, desse modo, diversos setores da cidade.

Detentora de uma área urbana total de 2.725 hectares, dentro da qual estão excluídas a proteção ambiental e as zonas de alto risco, é fragmentada por sua divisão político-

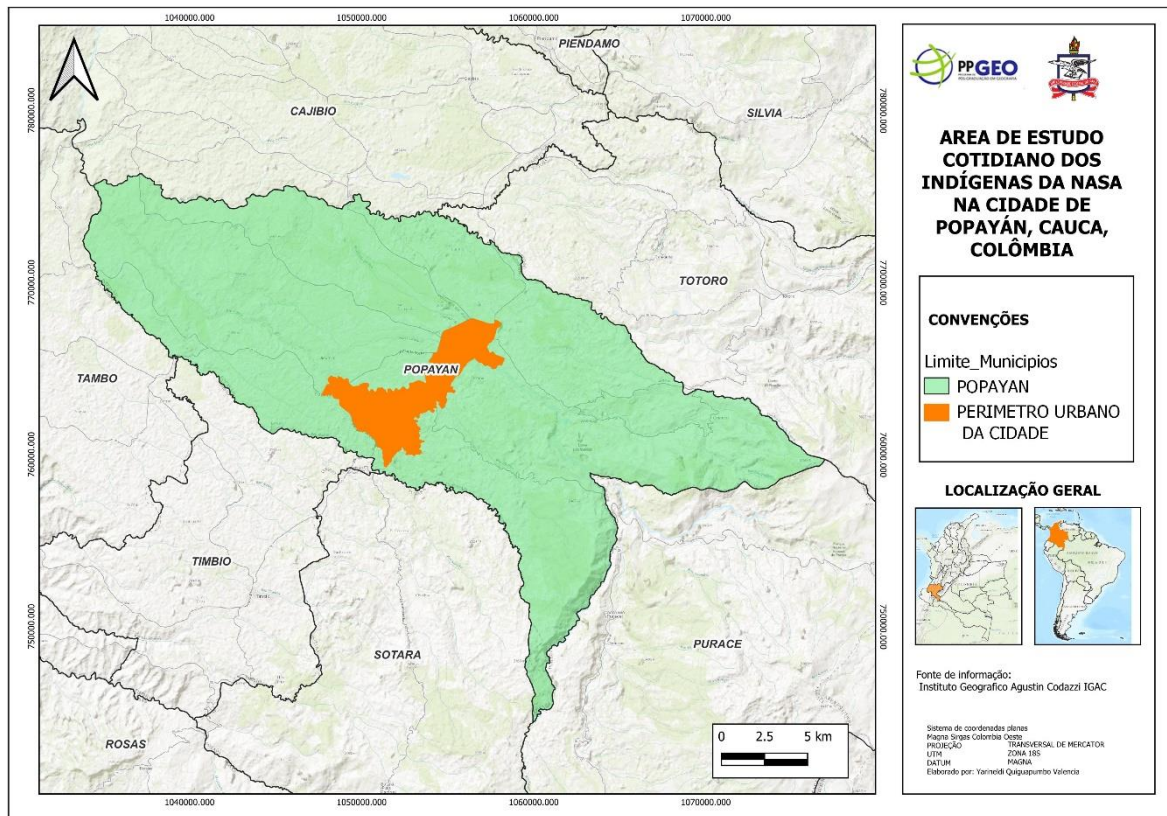
³ Plan de Ordenamiento Territorial (2002) pelo qual é adotado o Plano de Ordenamento Territorial do Município de Popayán em 5 de agosto.

administrativa, visto que possui nove comunas, nas quais se encontram diferentes usos do solo como residencial, comercial, recreativo, entre outros.

Em seu terreno urbano, existem vários corpos de água, dos quais quatro são de grande importância, sendo a sub-bacia do Molino, a sub-bacia do Palacé, a sub-bacia das Piedras e a sub-bacia do Piso. São a partir deles que o aqueduto municipal é abastecido para gerar o desenvolvimento de todas as suas atividades.

Popayán é (Figura 1) uma cidade de atração turística visitada por muitas pessoas, isso visto que detém muitos fatores que tornam interessante conhecer seu território, como sua grande infraestrutura colonial e religiosa, mas também por razões acadêmicas, dado que possui um número significativo de instituições que oferecem excelente qualidade educacional.

Figura 1 – Mapa da localização da área de estudo



Fonte: Elaborado pela autora com base em informações do Instituto Geográfico Agustín Codazzi (2023).

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se concentra no desenvolvimento do cotidiano dos indígenas Nasa nas cidades e traça uma breve contextualização relacionada aos movimentos migratórios que têm a cidade como destino final. Isso porque são espaços urbanos dotados de bens e serviços especializados que cumprem três funções fundamentais: viver, trabalhar e recriar (Lefebvre; Gaviria, 1992).

Esse povo ancestral, como muitos na América Latina, não é alheio a esse problema sociodemográfico, no qual se vê envolvido em situações de caráter voluntário e involuntário. Em 2005, de acordo ao DANE Colômbia, esses movimentos migratórios ocorriam, costumeiramente, por motivos familiares, de trabalho, de ameaças às suas vidas, de educação, de riscos naturais ou de saúde (DANE, 2007).

De acordo com Silva (2010), o migrante é aquele que, no seu deslocamento, vivencia uma transição espaço-temporal para um novo território, preservando o desejo de retornar e de permanecer, enquadrando, na sua memória, a imagem do que foi o seu território no passado, no presente, no futuro, mas também no novo em que se desenvolverá. Esse processo migratório demográfico está relacionado a três motivos, pois todos eles acontecem conforme o contexto em que se desenvolvem (Einsentad, 1954).

A primeira é a motivação para migrar, referindo-se aos motivos ou às necessidades que levaram a população indígena Nasa a se deslocar de suas reservas para a cidade de Popayán; a segunda é a estrutura desse processo migratório correspondente à trajetória de seu local de origem até destino e, finalmente, na forma como os migrantes Nasa se organizam e integram-se ao espaço urbano em resposta à necessidade de resistir e sobreviver como povo (Basante; Castro, 2017).

Esse fluxo populacional é um fenômeno demográfico que sempre ocorreu, mas, por diversos fatores, assume, na atualidade, grande relevância, uma vez que dinamiza e transforma o patrimônio cultural e as práticas sociais em ambos os espaços, tanto aqueles que expulsam a população, gerando uma desterritorialização dada sua saída e, ao mesmo tempo, uma territorialização nos espaços nos quais chegam (Haesbaert; Glauco Bruce, 2009), porque o território não é estático, na medida em que sempre está aberta à possibilidade de movimento, de sair e de expandir-se, estando vinculado às dinâmicas dos processos que estão constata transformação.

Os migrantes desse povo indígena nas cidades encontram um espaço e uma forma de viver diferente de seus territórios de origem, dado que nelas se apresentam que a realidade

racial, as mudanças, os embates culturais, as diferenças de língua, os costumes e as religiões desse mundo urbano com o qual devem conviver, adaptar-se, aprender e desaprender para conviver nele e com as sociedades que o habitam (Oliveira, 1996).

Essa população migrante, ao chegar àquele espaço, apropria-se dele, dando-lhe sentido, entendendo que o território é um espaço que não é fixo e delimitado, mas, sim, um espaço em constante mudança, que vai além do físico e do político, no qual as relações e as dinâmicas espaciais tornam-se relevantes (Massey, 2005). Aquelas ações, emoções, sentimentos, essa apropriação e relevância que as pessoas sentem são o que permite que ela seja transformada por ser esse lugar de mediação entre o homem e sua cultura.

Nesse contexto, o “homem” não é tão somente uma categoria representativa de todos os humanos (seres humanos ou povos) (Stürmer, 2020). Toda essa dinâmica e fluidez fazem com que as populações contribuam para a construção do significado de um lugar.

Em consonância com Santos (1992), está longe de ser vazio, dado que o espaço é um conjunto de configurações que simbolizam interações sociais no passado e no presente, juntamente, com uma estrutura delineada por relações que estão em curso e expressam-se por meio de processos e funções. Para o autor, “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (Santos, 1992).

Trata-se de uma manifestação ou exemplo concreto da sociedade (Nahum, 2012), razão pela qual para o povo indígena Nasa a ocupação de um espaço é muito relevante, sendo um processo no qual a troca de experiências se apresenta e fomenta-se, onde o trabalho, a residência, as trocas materiais e espirituais que nela ocorrem e constroem-se dão sentido como valor agregado, identidade e símbolos que levam aquela sociedade a criar e recriar sua cultura, transformando-a em seu território construindo sua própria territorialidade, que é entendida como:

Modo de apropriação e relação estabelecida entre o homem, a sociedade e o espaço terrestre” (Claval, 1966) também indica a territorialidade do ponto de vista pós-moderno, não como a apropriação de um espaço por um Estado ou por qualquer grupo de poder, mas também de relevância para um território através de um processo de identificação e representação, seja coletivo ou individual, que muitas vezes ignora as clássicas fronteiras políticas ou administrativas (Rodríguez, 2010).

Esses processos migratórios nas comunidades indígenas têm ocorrido de diversas formas por motivos relacionados à cultura e por outros que lhe escapam, segundo o geógrafo alemão Ernst Georg Ravenstein em seu livro intitulado “As Leis da Migração”, adaptado pelo

professor e antropólogo da Universidade de Utrecht Frank Bovenkek. Para esse autor, está relacionado aos movimentos migratórios praticados por esse grupo ancestral em território colombiano, isso porque a busca de emprego nas cidades é o segundo motivo pelo qual partem para esses destinos, à medida que eles encontram “facilidades para a divisão e combinação do trabalho, para o exercício de todas as artes e para o exercício de todas as profissões, que a cada ano atraem as pessoas para dentro de seus limites” (Ravenstein, 1889).

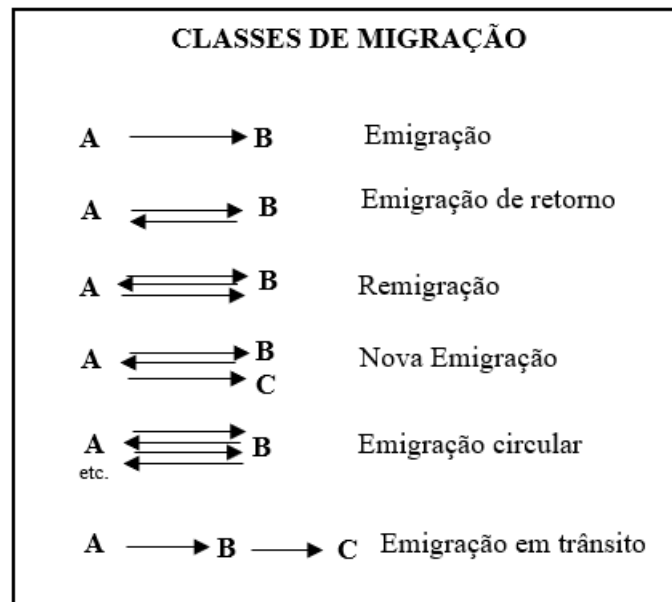
A próxima causa, segundo a ONIC, é a violência e o conflito armado em que vivem os territórios indígenas, pois, segundo as estatísticas, aproximadamente, todos os grupos indígenas na Colômbia têm membros da comunidade vítimas de deslocamento forçado (Corral, 2004).

Esses movimentos migratórios do povo ancestral Nasa, em direção às cidades, ocorrem de diferentes maneiras, conforme explicado pelo professor Bovenkek em sua teoria da migração de retorno, a qual é uma referência do como o povo indígena Nasa tem seus fluxos populacionais (Castillo, 1997), dado que, em alguns casos, fazem-no apenas uma vez sem retornar aos seus territórios, o que ele chama de emigração.

Uma segunda forma, quando saem, mas retornam, o autor chama de emigração de retorno e propõe, ainda, uma terceira: ocasião em que sai para a cidade, mas voltam e saem de novo para aquela cidade que, na ótica deles, é seu novo lar. Para explicar tal movimento, o autor propõe uma quarta regra, a nova emigração, que consiste em sair do local de origem voltando para ele e, algum tempo depois, sai novamente e repete isso para outra cidade, mudando de destino.

Sugere, também, uma quinta forma: a migração circular, ou seja, aquelas pessoas que saem de seu território, regressam e saem repetidamente, uma vez que se encontram nessa dinâmica. Uma regra final é a migração em trânsito, movimento em que sai de seu território para um novo destino e depois de um determinado tempo segue em busca de uma nova cidade. Todas as formas de migração são representadas pelos povos indígenas Nasa, conforme evidencia A Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Classes de migração



Fonte: Bovenkerk (1974, p. 5).

Nesse deslocamento, os indígenas Nasa são afetados social e culturalmente, mas isso não altera, de modo significativo, sua situação econômica e trabalhista, pois devem realizar trabalhos distantes daquela economia primária que lhes é característica, cultivando a terra por meio de empregos terciários que permitem sobreviver, sendo esta com baixa remuneração, em relação à moradia. Além disso, estão localizadas em periferias da cidade de Popayán, que, pela falta de planejamento e outros problemas latentes, os indígenas Nasa se encontram em condições precárias iguais ou pior do que em seu próprio território. Em vista disso, são obrigados a construir o seu novo território e ali desenvolver a sua vida e atividades diárias.

Tais atividades ganham importância e são analisadas a partir da abordagem de Lefebvre (1991) com o método dialético, no qual propõe uma análise, para além da questão material e a dimensão daquela experiência vivida, daquele cotidiano com o qual busca entender essa relação sociedade-natureza. Tal aspecto deve ser levado em consideração, no tange aos povos indígenas Nasa, pois toda a sua cultura é baseada na experiência, com conhecimentos baseados no empirismo.

Por ser uma cultura sem conceitos, transmitem seus conhecimentos de geração em geração por meio da oralidade, compreendendo, sobretudo, anedotas, histórias e interpretações de ritos, magias e exemplos que servem para orientar a prática e preservar ou adaptar costumes, que possibilitam direcionar emoções e ações, agindo, diretamente, sobre elas, sendo essa a forma como preservaram seus usos e costumes (Xavier, 1958).

Na concepção da Nasa, o espaço em que vivem e constroem não é apenas onde ficam retidas suas memórias; para eles, trata-se de um elo com o passado, de modo que podem ver, tocar, unir e moldar, tornando-se um, o presente e o passado. Nasa se refere àquilo que é vivenciado no espaço e não é desprovido de significado e de simbolismo. Para eles, trata-se do resultado de relações sociais, uma relação entre sociedade e natureza em que a aquela se produz e, ao mesmo tempo, transforma a natureza (Lander, 2005).

Lefebvre (2013) considera que as cidades são o resultado das relações sociais no espaço capitalista contemporâneo, e analisa-o em três dimensões: espaço percebido, espaço concebido e espaço vivido (Figura 3), uma vez que:

O primeiro, um espaço percebido que deve ser entendido como o espaço da experiência material, que liga a realidade cotidiana (uso do tempo) e a realidade urbana (redes e fluxos de pessoas, bens ou dinheiro que se instalam – e transitam – no espaço), abrangendo tanto a produção quanto a reprodução social. O segundo é o espaço dos especialistas, dos cientistas, dos planejadores. É o espaço dos signos, dos códigos de organização, fragmentação e restrição. O terceiro, finalmente, é o espaço da imaginação e do simbólico dentro de uma existência material. É o espaço dos usuários e habitantes, onde se aprofunda a busca por novas possibilidades de realidade espacial (Lefebvre, 2013, p. 15).

Figura 3 – Método dialético (Henri Lefebvre)



Fonte: Elaborado pela autora com base na teoria de Henri Lefebvre (2023).

Conforme Figura 3, esse espaço percebido é aquele lugar no qual ocorrem as práticas sociais e a inter-relação, sendo essa a fragmentação do material e do concreto, uma vez que

permite que aconteça a interação dos diferentes grupos sociais que habitam o espaço. Desse modo, permite-nos compreender além do que os sentidos apreendem à primeira vista (Stanek; Schmid, 2011) e, assim, adquirir aqueles primeiros conhecimentos e aquelas primeiras experiências, as quais, em cada cultura, é importante obter.

Essa é a base da formação do ser e sobre a qual os povos indígenas têm grande relevância, visto que a terra, a visão de mundo, a língua, a espiritualidade ou o apego à natureza é o primeiro conhecimento que se adquire na cultura Nasa. Isso sem ignorar a diversidade do ambiente, que inclui outros modos de vida e acrescenta essa pluralidade na transformação e na descoberta da realidade do espaço (Hurtado, 2017). Sendo, pois, uma mudança de espaço em que, para algumas culturas, obter ou interagir com esses outros modos de vida não permite um equilíbrio e pode levá-los ao extremo.

No caso do povo indígena Nasa, a urbanidade seria a perda total de sua cultura, no entanto, a estrutura e a forma de organização que se têm e ensinam-se nos territórios Nasa ajudam a preservar a cultura, apesar da interação com outras realidades, tendo, assim, um nível de equilíbrio num mínimo vital e num mínimo social.

Por sua vez, o espaço concebido refere-se àquele projetado e especializado (fundamentalmente pelo e para o consumo) que exigirá a adaptação dos usos à forma e às normas impostas, tentando reduzir o vivido ao visível, e ao legível (Lefebvre, 2013). Portanto, as cidades são planejadas através de regulamentos e de planos de ordenamento territorial (POT). No caso das cidades colombianas, o intuito é organizar e planejar o espaço urbano.

O POT tem validade de nove anos, nos quais pretende orientar e priorizar investimentos nos setores público e privado para determinar o uso do solo. Esse documento está sujeito a diagnóstico, à formulação e a ajustes a cada três anos, a exemplo de questões educacionais, rodoviárias etc.

De acordo com a Lei nº 152 da Constituição política (1991), em seu art. 31, estabelece que as entidades territoriais indígenas poderão estabelecer seus “âmbitos, procedimentos na elaboração, execução, avaliação e monitoramento de planos de acordo com seus usos e costumes” (Popayán, 2012), para o qual os povos indígenas desenvolvem seus planos de vida de longo prazo (30 anos), diferentemente do POT, isso pois neles retornam os mandatos estabelecidos pela lei de origem, do povo e da mãe natureza.

Por fim, o espaço vivido trata daquele que é vivenciado e dotado de sentimentos, emoções e símbolos, ou seja, aquele espaço no qual a sociedade reproduz o seu cotidiano, “considerado como um conjunto de atividades, aparentemente, modesto (Stanek; Schmid, 2012,

p. 10), como um conjunto de produtos e obras muito diferentes dos seres vivos (plantas, animais que nascem na natureza).

Esse cotidiano não deve ser considerado tão somente como um conceito, na verdade, pode ser tomado como fio condutor para conhecer a “sociedade”, visto que é a forma mais racional de apreender a nossa sociedade e defini-la penetrando-a (Lefebvre, 2013). Sendo, pois, onde criam e identificam-se características como sons, cores, luzes, cheiros e formas, que permitem distinguir um local de outro (Castro, 2008).

É dessa maneira que a ciência ocidental e a teoria de Lefebvre propõem esses três espaços, que se inter-relacionam e tornam visível o cotidiano do ponto de vista científico, e não apenas como ações que se repetem dia após dia sem qualquer relevância. Por isso, são abordados encontrando um vínculo com a visão de mundo indígena da Nasa, onde a vida é concebida em:

Três fios (espaços, mundos) que compõem a relação homem-elemento, o Nasa U'sh ou povo espiritual, Nasa Kiwe ou povo natureza e o Nasa ou povo, que são categorias que intervêm na classificação e não a humanização da paisagem, em cada um dos componentes que habitam a região é influenciado por um deles [...], o outro espaço é habitado pelas crianças mais novas onde vivem os Nasas, animais e vegetais. Sendo este o mundo dos homens e o dos Yúkipmenas, os tapanos, homens sem cauda que vivem no subsolo, espaços que apresentam formas de comunicação entre si, onde se encontra a parte espiritual que é habitada pelos K's'a'wala o espírito dos mais velhos filhos a partir dos quais se estrutura a ordem do cosmos e se dão as bases para o funcionamento do mundo das pessoas, este mundo contém uma carga energética que pode ajudar ou prejudicar as tarefas diárias, por isso é preciso estar em harmonia com as forças que regem a existência na esfera social e material da vida dos Nasas (Gastronómico; Humberto; Montoya, 1999, p. 59).

Essas particularidades, que se encontram na visão de mundo e no cotidiano, são carregadas de significados que geram a apropriação daquele lugar de onde se extraem elementos cognitivo-avaliativos da disposição emocional. Além disso, como segundo elemento de familiarização com aquele espaço, a linguagem é base fundamental da cultura do povo indígena Nasa, na medida em que esse é um dos muitos povos indígenas que transmitem seus conhecimentos por meio da oralidade.

Lefebvre sustenta que, uma vez que os sujeitos se relacionam no mundo, produzem uma interpretação e uma representação do espaço. Nessa abordagem, ele desnaturaliza a concepção de espaço como um recipiente “*a priori*” de relações sociais e apela ao processo de “produção espacial” (Garay, 2020).

7 CAPÍTULO I

7.1 História e visão mundial indígena Nasa

Neste capítulo, faremos um relato do processo histórico de conquista pela coroa espanhola em sua missão expansionista no ano de 1542 e como isso afetou, historicamente, os povos indígenas que habitavam o território que, na atualidade, é conhecido como Colômbia.

Abordaremos, ainda, como transcorreu esse fluxo populacional rural-urbano no território colombiano nos séculos XIX e XX, suas causas e como isso fortaleceu os processos de ocupação, expansão e urbanização das principais cidades do país. Além disso, como os povos indígenas não ficaram imunes a esse fenômeno. Com foco nos povos indígenas Nasa, é feita uma descrição de seus processos de fluxo populacional, sua cultura, sua origem, língua, visão de mundo, símbolos, entre outros.

7.1.1 Relato histórico da conquista espanhola: nação Nasa

Desde a origem da humanidade, sabe-se que existiram grupos populacionais que partilham características semelhantes e que, em determinado momento da sua história, realizaram processos de migração e ocupação de espaços, nos quais criaram e recriaram as suas vivências e vivências culturais. Como é o caso dos povos indígenas, que, segundo a história sempre existiram como sociedades nômades, que, ao longo dos anos, principalmente, devido ao desenvolvimento da agricultura, começaram a tornar-se sedentárias.

De tal modo que criaram as suas populações, que foram afetadas, na Idade Média, pelos processos de colonização e expansão territorial, levados a cabo na América em nome da coroa espanhola como sinal de seu poder. Não se sabe ao certo o número da população indígena existente até aquele momento, mas segundo DANE (1973):

Quando os espanhóis chegaram à América encontraram povos indígenas com estruturas organizacionais e sociedades diferentes deles, segundo a hipótese colocada por Borah, que foi citado por Fajardo (1979c), inferiu a existência de 100.000 milhões de habitantes, porém Jaime Jaramillo (1964) estimou no máximo um milhão de indígenas pré-hispânicos, por outro lado Hermes Tovar (1970) menciona 3,5 milhões e German Colmenares (1973) fala de 3 milhões, deixando a clareza da falta da veracidade dos dados, porque toda a área incluída não está incluída. No caso colombiano, segundo Fajardo (1979), nota-se que na chegada dos espanhóis havia cerca de 11.548.172 milhões de habitantes em Uribe (1993), apontando que na chegada dos espanhóis havia cerca de 11.548.172 milhões de habitantes indígenas (DANE, 1973, p. 29).

Segundo Jackson (2001), são chamados pelos cronistas de nações indígenas, dado que essa categorização lhes permitiu unificar pequenos povos indígenas no contexto colonizador, isso uma vez que compartilhavam características semelhantes, como a língua, eram povos da floresta tropical do Noroeste-central e viviam em territórios contíguos.

Eram conhecidos na história apenas até o ano de 1492 com o processo colonizador expansionista em que foram ocupados e despojados de suas terras, apesar de sua luta e resistência. Em consonância com Bes (2015), o processo de ocupação espanhola foi realizado mediante a expansão por enclaves urbanos, deslocando os povos indígenas para áreas montanhosas como forma de sobrevivência. Anos depois, devido às mudanças sociais e ambientais, tal deslocamento ocorre novamente, mas de forma expulsiva, em direção aos espaços urbanos ou às cidades atuais (Padilla *et al.*, 2017).

O processo de desapropriação e dominação dos territórios indígenas desencadeou fortes enfrentamentos devido à sua resistência, pois não cederam facilmente, o que causou grandes perdas humanas e econômicas. Razão pela qual os espanhóis realizaram ataques militares que levaram à escravidão e ao extermínio, esse último processo não só começou com os enfrentamentos, mas também pela presença de doenças novas e desconhecidas, trazidas por eles para o novo continente. Segundo Fajardo (1979 *apud* DANE, 1993), após a sua chegada “50 anos depois o número de aborígenes tanto na Colômbia como na América diminuiu de 60% para 90%”.

Mediante a resistência dos povos indígenas para evitar a perda de seus territórios, os espanhóis implementaram a religião (missões religiosas) com a ajuda da Igreja Católica para que, dessa forma, os indígenas apaziguassem e cedessem.

Essa nova forma de dominação chamada civilização cristã, florescente no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX [...] segundo Dom José Romero, civilizar os povos indígenas não era apenas uma forma de salvar suas almas, além disso a república ganhou mais população ajudando nos processos comerciais e na comunicação rodoviária com a vizinha república da Venezuela (Benavides, 2020, p. 104).

Essas missões foram realizadas nos territórios em processo de colonização espanhola, a qual chegou impondo seu idioma e tirando-lhes a língua original, seus mitos, usos e costumes. Ocasão em que os Nasa não foram exceção, embora esse grupo étnico resistiu como todos os povos. Segundo a história dos conhecedores ancestrais, são estes que realizam a sua maior rejeição através de uma luta armada e de uma guerra contra o opressor, pela qual se organizaram para enfrentar uma peleja que durou mais de 100 anos.

Essa luta é lembrada por grandes lideranças indígenas, como o cacique Gaitana, Pigoanza e todo o exército que lutou até derrotar quem foi seu principal conquistador, o espanhol Sebastián de Belalcázar⁴. Dessa forma, conseguiram destruir duas das cidades fundadas, La Plata e Caloto, entre outras cidades, ainda assim foram preservadas como memória de seu feito. O domínio dessas populações favoreceu a construção de fortalezas para mais do que prevenir, atrasar a chegada dos espanhóis a Popayán, permitindo-lhes preservar a sua honra, já que não eram dominados pelos espanhóis e pelas missões como haviam planejado na época.

Situação que se altera, posteriormente, pela diminuição da população indígena por guerras e doenças das quais não se tinha conhecimento, bem como pelo domínio de algumas comunidades nas quais os espanhóis conquistaram os caciques, e estes revivem antigas inimizades entre os povos, conseguindo divisão, dominação e submissão mediante o que chamaram de tratados de paz. Neste, foi proposta igualdade de tratamento quando não conseguiram vencer nos campos de batalha, embora não tenham cumprido, aumentando, assim, o abuso e a exploração.

Os povos indígenas, ao se verem mais uma vez violados, retomaram a guerra formando guerrilhas e prosseguindo com a luta contra o opressor espanhol. Nesse contexto, é dessa maneira que decidiram gerar estratégias que detivessem seu enfraquecimento. No entanto não obtiveram êxito nessa empreitada, devido ao grande fortalecimento militar e armado.

Em sua resistência, os povos indígenas sofreram a perda de seus melhores soldados, além da traição de alguns deles, o que os direcionou para a repressão de forma ainda mais violenta até o ano de 1656, momento em que a guerra militar contra o poder do opressor espanhol chegou ao fim.

Esses acontecimentos dão lugar a uma nova perspectiva dos povos indígenas do Cauca, uma vez que se encontravam em situação de obediência, homenagem, exploração e doutrinação, essa última nas mãos dos *encomenderos* (missionários) jesuítas espanhóis. Processo que não ocorreu imediatamente, isso posto que os *encomenderos* em 1640 tiveram de se retirar do território até 1648, ano em que regressaram para cumprir o seu objetivo. Por sua vez, em 1650, iniciaram a exploração na recolha de ouro nas reservas indígenas.

Estando nessa situação, os povos indígenas deixaram evidente que a resistência foi uma maneira de informar à coroa que a derrota no campo de batalha não lhes tirou o direito ao autogoverno, tampouco o direito sobre os territórios ocupados, uma vez que estes eram deles antes da guerra e do próprio rei. Em virtude disso, esses povos passaram a reivindicar as suas

⁴ Sebastián de Belalcázar: nascido Sebastián Moyano y Cabrera, foi um soldado, explorador, descobridor e conquistador espanhol, nomeado avançado e governador de Popayán em 1540, apenas para tomar posse em 1542.

terras, tendo os espanhóis respondido à criação de reservas indígenas, entendidas não como uma concessão da coroa, mas como um reconhecimento do direito sobre os territórios herdados pelos mais velhos para evitar dispersão e aniquilação, apesar de ser subjugado.

A coroa, junto com os missionários, criou reservas, obrigando os Nasa a trabalhar nas fazendas dos colonos, a aceitar prefeitos, xerifes e governadores como responsáveis pela administração e pela arrecadação do ouro. A despeito de toda imposição e exploração, os indígenas Nasa conseguiram preservar seus capitães e médicos encarregados da ordem, da saúde e das tradições dentro das reservas.

O que aconteceu com os indígenas em Cauca também ocorreu em outros territórios, impulsionando algumas cidades, como Yalconias, Pijaos, Andakies, a fugir dos *encomenderos* e refugiar-se em Tierradentro, onde se unificaram e surgiu a nação Páez, mais tarde chamada de Nação Nasa. Ela é composta por cinco grandes chefias que trabalhavam nas terras dos latifundiários, na região de Nova Granada, onde se praticou, por mais tempo, a distribuição de povos indígenas.

A luta do povo indígena Páez não foi apenas armada, mas também contra o domínio ideológico. Rejeitando as ideias missionárias, conseguiram construir apenas a casa do seu Deus, pois não havia autoridade para forçá-la. Por isso, quem quer que fosse o bispo de Popayán, naquele momento, ordenou “desestabilizar, reduzir, confiscar a propriedade e incutir nos indígenas a necessidade do batismo para cristianizá-los” (Bonilla, 1982), ainda que lograssem o que haviam combinado, o povo continuou a rejeitar o invasor.

Fortalecendo ainda mais com a decisão de acabar com os *encomenderos* e dar lugar à invasão das reservas tomadas pelo rei, o povo Nasa, entre 1800 e 1837, decidiu iniciar a recuperação de seu território através das brechas nas leis criadas pelo rei. Dessa forma, o povo Nasa iniciou a luta de seus territórios, alcançando a recuperação das suas reservas. Nesse contexto, o povo notou que poderia defender seus direitos, ainda que, caso tivesse que retomar e usar a força, recorreria a ela. Isso permitiu prosseguir com sua resistência contra o novo poder opressor dos descendentes de seus conquistadores, os quais decidiram pela independência da Espanha.

No processo de independência, os descendentes, chamados crioulos⁵, assim como a coroa, buscaram uma forma de os povos indígenas, principalmente, os Páez, serem parte de seus exércitos, em virtude de sua localização geográfica estratégica, dado que estavam a caminho do Equador, e por serem reconhecidos como grandes guerreiros. Em resposta,

⁵ Crioulos: era assim que eram chamados os americanos, filhos de espanhóis nascidos na América.

recusaram-se a participar, contudo foram levados à força. Em decorrência disso, mais tarde, decidiram apoiar os crioulos com a esperança de que esse novo governo melhorasse a sua situação.

Quando conquistamos a “independência”, que durou apenas alguns meses e os historiadores chamaram de “a segunda conquista”, o novo estado retomou a arrecadação de impostos, criou e implementou leis para acabar com as reservas, ao passo que, junto com a igreja, ampliou a humilhação e a exploração dos povos indígenas. De tal modo que houve a necessidade de participar de guerras, nas quais disputaram o poder da nova república.

Em função disso, mais tarde, culminou no nascimento de partidos políticos, processo que enfraqueceu e dividiu o povo Nasa. Isso porque foi necessário participar da guerra dos mil dias no campo de batalha de ambos os lados, lutando entre os próprios Nasa, até que os partidos políticos concordaram com a forma de governo da nova república.

O que gerou mudanças bastante importantes, como a fragmentação do antigo Cauca, diminuindo o poder político dos latifundiários de Popayán, bem como a edição da Lei nº 55 de 1905⁶, que buscava avaliar censo e distribuição das reservas, como a reação dos Páez que reivindicaram seus direitos sobre seus territórios, mas sem sucesso. Isso dado que as leis vigentes estavam contra eles, assim como os partidos políticos liberais e conservadores que também estavam interessados no fim das reservas. Diante desses abusos dos novos governantes, um indígena Páez decidiu se revelar e recomeçar a briga.

7.1.2 Emergência de um novo líder

Manuel Quintín Lame, indígena Nasa, era integrante do exército, no qual aprendeu a ler e a escrever, bem como a ideia do respeito pela legalidade e acreditando nela, iniciou uma luta silenciosa em 1910. Ao notar a exploração dos terreiros e como as reservas foram invadidas, percorreu as fazendas vizinhas de Popayán, dando a conhecer os direitos dos povos indígenas proclamados pelos caciques Quilo e Tama há dois séculos, tais como: não pagamento de terras; defesa e não divisão de reservas; recuperação de terras desapropriadas e não aprovação de títulos que não fossem baseados em carteiras de identidade reais; afirmação da cultura indígena; e rejeição da discriminação.

Tendo conseguido o não pagamento dos impostos, iniciou uma nova luta, para qual foi nomeado representante de vários conselhos, e viajou, então, para Santa Fé de Bogotá em busca

⁶ Lei pela qual foi ratificada a venda de diversos ativos nacionais e a transferências de outros.

dos títulos das reservas para impedir a invasão de reservas. Sem sucesso nessa empreitada, teve de retornar a Cauca. Durante sua viagem, contactou indígenas de outros departamentos para integrá-los nessa luta, prometendo uma lei que reconhecesse os direitos indígenas e que seria aprovada pelo Governo nacional. Dessa maneira, conquistou o ódio dos exploradores que o acusaram de uma revolta, pela qual foi preso duas vezes e, em ambas, as ocasiões foi libertado enquanto se defendia.

Nos anos de 1916 e 1917, ocorreu a última etapa do que seria chamado de “*La Quintiniada*”. Devido às falhas nas vias legais, Lame mudou sua estratégia e começou a atacar os proprietários de terras, forçando-os a abandonar suas posses. Assim, as terras permaneciam sob controle dos latifundiários, dos conselhos ou dos *terrajeros*. Diante dessa situação, o governo, com apoio da Igreja Católica, intensificou as repressões e conseguiu capturar Lame. Durante sua prisão, ele presenciou a morte de outros líderes indígenas. Esse evento marcou o fim do movimento em Cauca, o que, eventualmente, levou Lame a se mudar para Tolima, de onde foi libertado em 1921.

A luta de Lame pela reivindicação dos direitos dos povos indígenas destacou pontos fortes e fracos. E caracterizou-se pela fusão do indigenismo com o caudilhismo, revelando divisões internas na igreja, nas leis colombianas e nos partidos políticos. Em 1919, a promulgação da Lei nº 104 visava à extinção de reservas indígenas e conseguiu abolir, legalmente, sete pequenos distritos próximos a Popayán.

Esse ato impulsionou os povos Misak e Nasa a se unirem para resolver as disputas sobre seus limites territoriais nas reservas. Essa união foi crucial para a formação do Conselho Regional Indígena do Cauca (CRIC) em fevereiro de 1971. O CRIC busca refletir a realidade dos indígenas e dos não indígenas de Cauca, baseando-se em princípios de unidade, terra, cultura e autonomia. Como resultado, estabeleceu dez mandatos que orientam sua plataforma política e suas ações como organização indígena:

1. Recuperar os terrenos das reservas
2. Expandir as salvaguardas
3. Fortalecer os conselhos
4. Não pagamento de transporte terrestre
5. Divulgar as leis indígenas e exigir sua aplicação justa
6. Defender a história, a língua e os costumes
7. Formar professores indígenas
8. Fortalecer as organizações econômicas

9. Proteja os recursos naturais

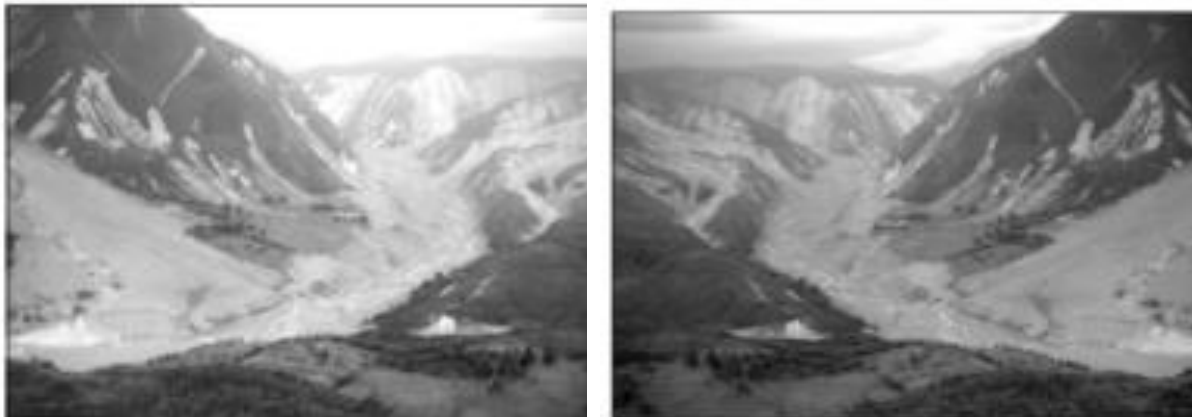
10. Defesa da família

Essa organização indígena foi protegida por uma luta política pacífica através de manifestações, protestos e reivindicações legais em nível nacional e internacional, sendo que foi desse modo que conseguiu obter seus recursos econômicos e beneficiar a sua população.

A unidade e a organização também se refletiram no ano de 1991, uma vez que a República da Colômbia, em sua Carta Magna, reconheceu os direitos que lhes foram negados por mais de 200 anos e obrigaram os povos indígenas a viver em condições de desigualdade. Esse processo foi relevante porque sua luta alcançou uma grande vitória. Da mesma forma, a união e a organização se refletiram em 1994, devido à avalanche ocorrida no rio Páez, visto que houve uma migração populacional dos povos indígenas e não indígenas afetados, tendo que deixar seus territórios.

Essa avalanche ocorreu em decorrência das fortes chuvas, que saturaram a superfície terrestre, e do terremoto de 6,4 graus na escala Richter, ocorrido no dia 6 de junho, e desestabilizou as encostas dos rios Páez (Nxame yu'), San Vicente (Cxag yu') e Rio Moras (Nwesga yu') (Figura 4). Por meio dos quais, toneladas de sedimentos foram movimentados, afetando seis municípios do departamento de Huila e nome municípios de Cauca, incluindo Páez e Inza, onde foram registadas cerca de 1.100 vítimas mortais e 20 mil pessoas deslocadas, cerca de 20% da população indígena Páez habitantes daquela sub-região (Chaux, 2005).

Figura 4 – Rio Avalancha Páez (1994)



Fonte: Wilches-Chaux (2005).

O impacto no território obrigou os sobreviventes a abandoná-lo, uma vez que três das reservas desapareceram parcial e completamente: Toes, Wila e Irlanda. Em vista disso, foram realocados para municípios vizinhos e abrigos temporários próximos aos templos doutrinários

construídos por ordem da igreja, a fim de “salvar suas almas”, uma vez que ainda não haviam sido cristianizados, em função do difícil acesso da topografia de seus territórios, permitindo a conservação do povo Nasa.

As organizações indígenas, em colaboração com o governo nacional, realizaram um censo da população afetada para atender às suas necessidades imediatas, como a construção de abrigos temporários; posteriormente, iniciaram os processos de realocação. Uma parte da população foi realocada para uma zona rural próxima às sedes municipais de Caloto, Cajibío e Morales. Outra parte foi transferida para a zona urbana, especificamente, para a Comuna 2 do município de Popayán.

O povo Nasa, profundamente afetado, enfrentou mudanças significativas, não apenas em termos espaciais, mas também na inter-relação com a população camponesa e mestiça. Além da adaptação a um novo clima, eles enfrentaram estigmatização por serem indígenas. As pessoas da cidade os depreciavam, vendo sua cultura como inferior, em vista da falta de educação e do modo distinto de falar, resultando em ofensas e estigmatização.

Esse estigma pode ser caracterizado de três tipos: rejeição ao corpo, ao caráter e triviais relacionados à raça, à nação e à religião. Em cidades da Colômbia, essa estigmatização é evidente (Goffman, 2006), razão pela qual o povo indígena e o povo Nasa a fortalecer sua cultura para dar sentido aos novos espaços urbanos, em que, por diversas razões, tiveram de construir território para sobreviver como povo (Quinceno, 2018).

Nesse cenário, o processo de contagem realizado evidenciou que as perdas humanas foram poucas em comparação com a magnitude do evento. Essa baixa taxa de mortalidade se deve ao fato de a população indígena Nasa não estar localizada próxima a corpos d'água, respeito o significado sagrado desses locais dentro de sua visão de mundo.

7.1.3 Inclusão dos povos indígenas nos censos populacionais e habitacionais na Colômbia

Ao longo da história, as estatísticas sempre estiveram presentes no processo de formação da grande colônia e da atual república, na medida em que, no início, era a forma de contabilizar o número de escravos e de terras expropriadas. Embora não tenha sido realizada de maneira oficial, a contagem não foi segregada por grupos populacionais, tampouco distinguida por sexo, idade, raça ou pela localização específica dos povos indígenas, incluindo o povo Nasa.

Segundo DANE (1993), o primeiro censo realizado foi em 1770, abrangendo os territórios da Colômbia, Venezuela e Equador, para averiguar as características básicas da

população e de suas moradias, o número de escravos, libertos, casados e solteiros (Vidales, 1978). Isso tudo foi realizado para entender melhor a realidade colonial, o que levou à criação do Gabinete de Estatística do Novo Reino de Granada. A prática de realizar censos, seguindo os mesmos parâmetros, continuou até o ano de 1810.

Durante os censos realizados entre 1777 e 1778, sob o vice-reinado de Gil y Lemus, constatou-se que 80% da população era composta por brancos e mestiços, 15% pela população indígena e 5% pela população negra. Embora esses dados não representassem a totalidade da população real, eles já indicavam um declínio evidente da população indígena.

Somente após a independência em 1825, a população indígena e negra passou a ser uma preocupação do governo nas estatísticas oficiais. Em virtude disso, a partir da Lei Orgânica dos departamentos, ordenou-se contar toda a população, segregando homens, mulheres e escravos. Com essas informações em 1826, criou-se uma lista denominada “tribos indígenas independentes e incivilizadas” (*sic*), circunstância em que se permitiu conhecer 70% dos nomes tribais indígenas da época.

Na realização destes censos, a população indígena, inicialmente, não foi incluída, na medida em que sua contagem era realizada separadamente e somente mais tarde adicionada ao total geral. Tão somente no século XIX, com a colaboração de missões religiosas, passaram a ser contados, mas essa contagem se restringia apenas àqueles que estavam dentro das áreas protegidas, uma vez que:

Os critérios pelos quais ele foi registrado como indígena não estavam claramente definidos, e todo aquele que falava aborígene e vivia em sistema tribal era designado como indígena; assim, os indígenas que deste ponto de vista antropológico e de suas características culturais e seu fenótipo se fossem classificados como indígenas, mas para os indígenas que falavam espanhol e que eram confundidos com a população rural ou mestiça, não foram incluídos no censo indígena oficial (Fajardo, 1979, p. 41).

Muitos indígenas que, em função dos processos de colonização, aprenderam o espanhol em vez de sua língua nativa não foram contabilizados como parte da população total durante os censos. Isso também se aplicava àqueles que viviam nas cidades ou fora das reservas no momento do censo.

Tal realidade se transformou para os povos indígenas no censo de 1993, visto que foram contabilizados, independentemente de sua localização no momento do censo. Isso ocorreu dois anos após a Assembleia Constituinte de 1991, Lei nº 70, de 27 de agosto, 1993, quando os direitos dos povos indígenas foram reconhecidos pela Carta Magna, em seu art. 7º: “O Estado colombiano reconhece e protege a diversidade étnica e cultural da nação colombiana”; art. 10º:

“As línguas ou dialetos das etnias também são oficiais em seus territórios. A educação ministrada em comunidades com tradições linguísticas próprias será bilíngue”; art. 63: “As terras da Resguardo [...] são inalienáveis, imprescritíveis e inacessíveis”; art. 68: “[...] terão direito a uma formação que respeite e desenvolva a sua identidade cultural [...]”; art. 286: “Os departamentos, distritos, municípios e territórios indígenas são entidades territoriais [...] uma lei que reconheça às comunidades negras [...] o direito à propriedade coletiva sobre as áreas que a mesma lei deve demarcar”.

Portanto, essa classificação não poderia continuar como fora gerida, na medida em que os povos indígenas geraram mecanismos de resistência e sobrevivência, de acordo com o seu momento histórico, deixando à vista a grande diversidade étnica. Por isso, todo censo populacional na Colômbia deve contemplar e refletir tal diferença demográfica, independentemente de sua localização.

7.1.4 Fluxo populacional e processos de ocupação urbana na Colômbia

Anteriormente, a Colômbia não possuía tantas cidades como na atualidade, isso porque, até o século XIX, as mais populosas eram Santa Fé de Bogotá, Pamplona, Pasto e Popayán (Steiner, 2008). Isso mudou em função de um fluxo populacional e da ocupação atípica de novos espaços territoriais, passando de áreas rurais para outras, resultando na formação de novos e pequenos núcleos populacionais.

Esses núcleos contribuíram para um processo de dominação fundiária no sul e oeste do país (Padilla *et al.*, 2017). Esse fenômeno social ocorreu em grande parte do território colombiano, o que segundo Steiner (2008), não causou, de imediato, o surgimento de cidades. Na verdade, propiciou o surgimento de novos centros populacionais, aldeias que se tornaram o embrião das cidades atuais.

Esse processo de fluxo populacional ocorreu, principalmente, devido à bonança da cultura do café. Era evidente sua rentabilidade e, com o aumento das safras desse produto, seu cultivo estimulou a expansão da fronteira agrícola. Isso levou à exploração de terras devolutas e virgens e, ao mesmo tempo, a criação de pequenos centros povoados, interligados por uma rede rodoviária que se desenvolveu e consolidou-se graças ao café e aos seus produtores.

Tal expansão agrícola deu lugar a uma migração pendular de campo para campo ou de campo para cidade “[...] em relação a situações diversas como a procura de emprego [...]” (Castro-Escobar, 2016, p. 18). Noutros casos, fluxos populacionais e a ocupação das cidades ocorreram em consequência do deslocamento forçado pelo conflito armado e pelas diferentes

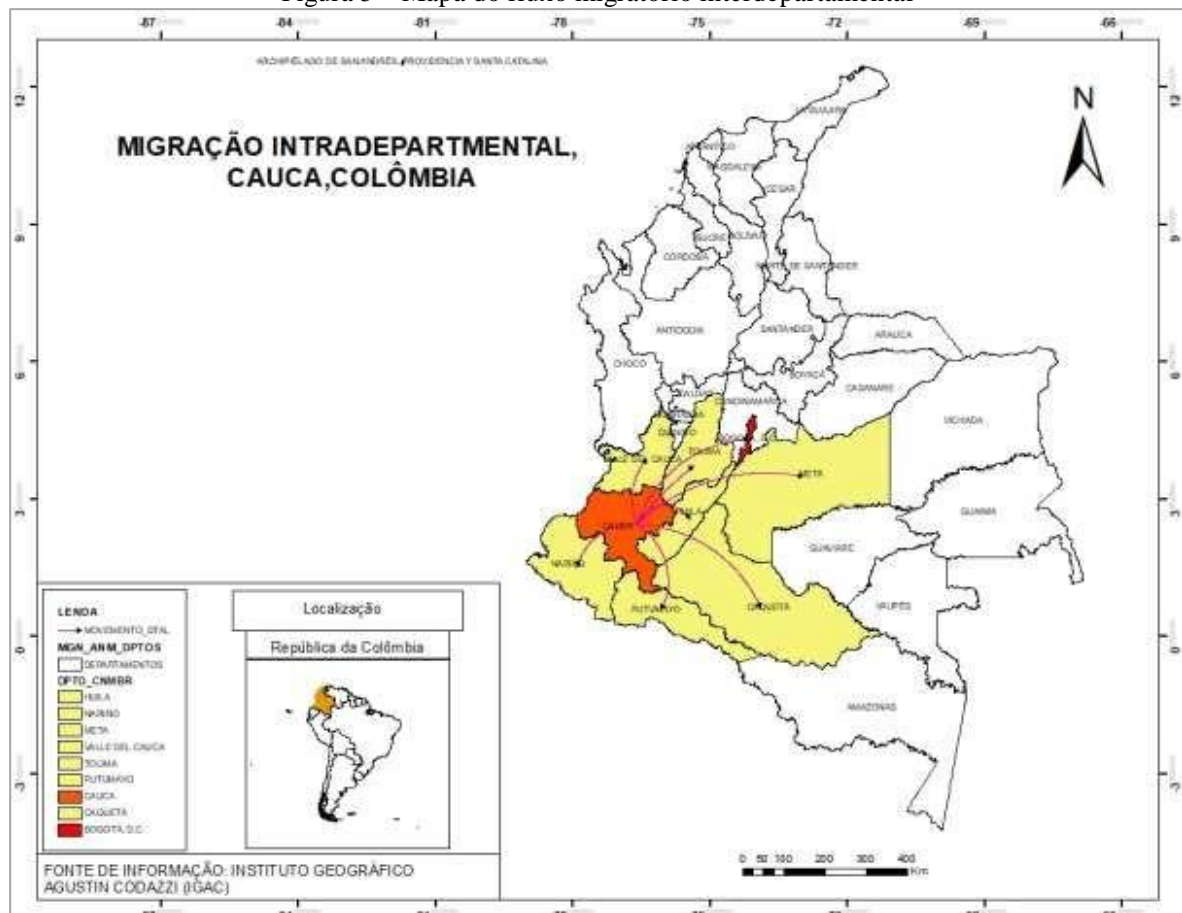
mudanças que seus locais de origem apresentavam, dadas as mudanças climáticas. Situação que afeta as possibilidades de fornecer seu sustento diário (Sarmiento Erazo, 2018).

Por outro lado, Steiner (2008, p. 62) menciona que a vinda de população do campo também aconteceu em resposta à extrema pobreza em que se encontravam em seus territórios. Dessa feita, “a urbanização nas cidades colombianas não era sinônimo de industrialização como nos países desenvolvidos”.

Os diversos fatores que levaram a população rural a abandonar o campo destacaram padrões distintivos, como o local de origem, a idade, o nível de escolaridade e o gênero. Tendo em vista que a Colômbia, sendo um país cujo território tem características geográficas diversas, está dividida em seis regiões: insular, Caribenho, Andino, Pacífico, Orinoco e Amazônico, as quais influenciam o processo migratório e a ocupação urbana. As serras possuem barreiras naturais, em vista disso, acarretam alguns dos fluxos migratórios dentro de uma mesma região no sentido campo, pequeno município ou maiúsculo (Banguero, 1980).

No mapa da Figura 4, o departamento de Cauca, em laranja, está localizado no sudoeste do país, ao passo que os departamentos para onde a população migraram são destacados em amarelo. Conforme observado, essa população migrou, predominantemente, a capital do departamento de Cauca, Popayán, e para a capital do país, Bogotá.

Figura 5 – Mapa do fluxo migratório interdepartamental



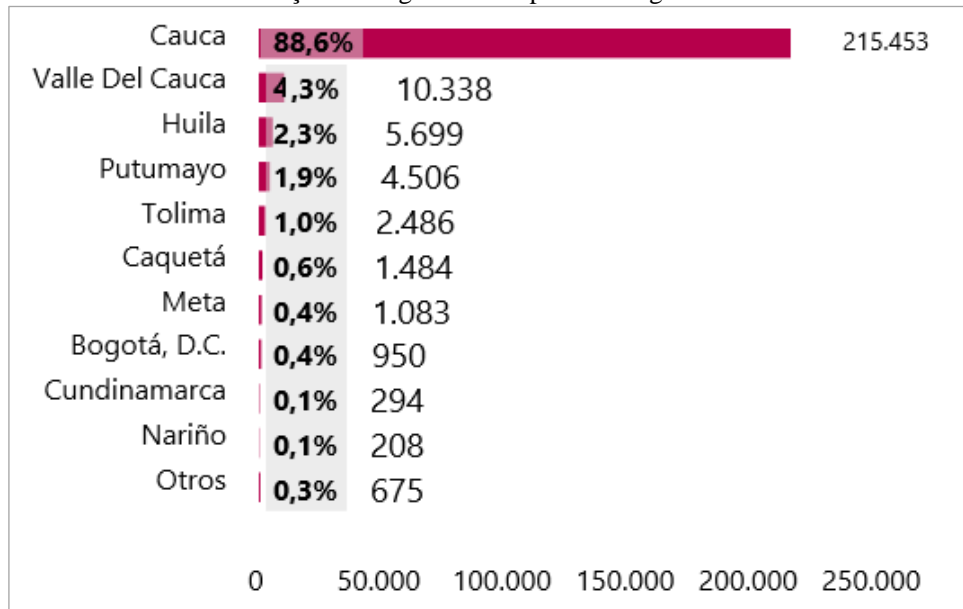
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do DANE (2018).

Historicamente, a primeira onda de migração em massa na Colômbia resultou em uma rápida urbanização, sendo um “[...] processo forçado, não ‘natural’ [...]”, em que houve suporte insuficiente para o processo de integração, uma vez que:

A Colômbia passou de um país rural a um país urbano. Em 1973, o país atingia 22,8 milhões de habitantes, dos quais 59% já residiam em centros urbanos; em 1985 atingiu 30 milhões, com 65% da população vivendo em áreas urbanas, em 1993 a população na Colômbia era de 37,6 milhões, dos quais 68% estavam em centros urbanos (DANE, 2007, p. 33).

Os processos de crescimento urbano e urbanização (Figura 5), no departamento de Cauca e a cidade de Popayán, foram moldados, inicialmente, por fatores sociais, com destaque para a violência associada ao conflito armado. Isso porque Popayán é uma cidade que recebe populações deslocadas de departamentos vizinhos, como Huila, Nariño, Caqueta, Putumayo, que incluem, também, o próprio Cauca entre os territórios com presença significativa desse povo indígena, conforme o Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Distribuição demográfica dos povos indígenas Nasa na Colômbia

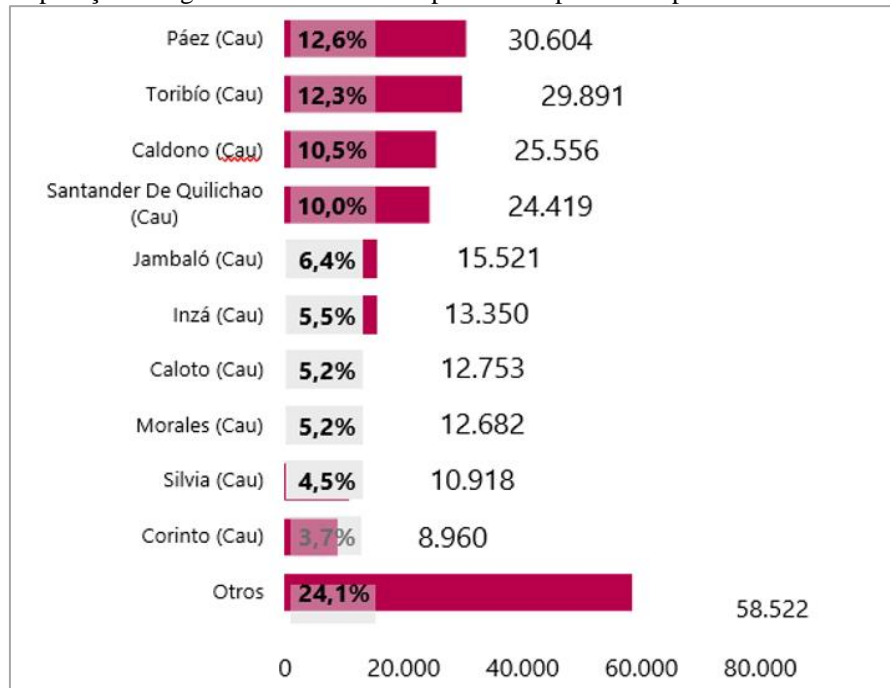


Fonte: DANE (2018).

O Gráfico 1 reúne o percentual populacional indígena por departamento, confirmando que Cauca detém a maior população indígena Nasa, ou seja, 88,6% (215.453), seguido por Valle del Cauca com 4,3% (10.338), Huila com 2,3% (5.699), Putumayo com 1,9% (4.506), Caquetá, Meta e a capital do país (Santa Fé de Bogotá, D.C), Cundinamarca e Nariño, representando 1,9% da população indígena Nasa no país.

O departamento de Cauca, destacado como a região com a maior população indígena Nasa, apresenta uma concentração, particularmente, alta nos municípios do Noroeste, conforme ilustrado no Gráfico 2 e na Figura 4. Diariamente, indígenas Nasa dessas áreas são deslocados para a periferia da cidade de Popayán, onde consomem os recursos disponíveis no espaço urbano (Otero; Landázury, 2021), embora, com frequência, não atenda às necessidades com que chegam à região.

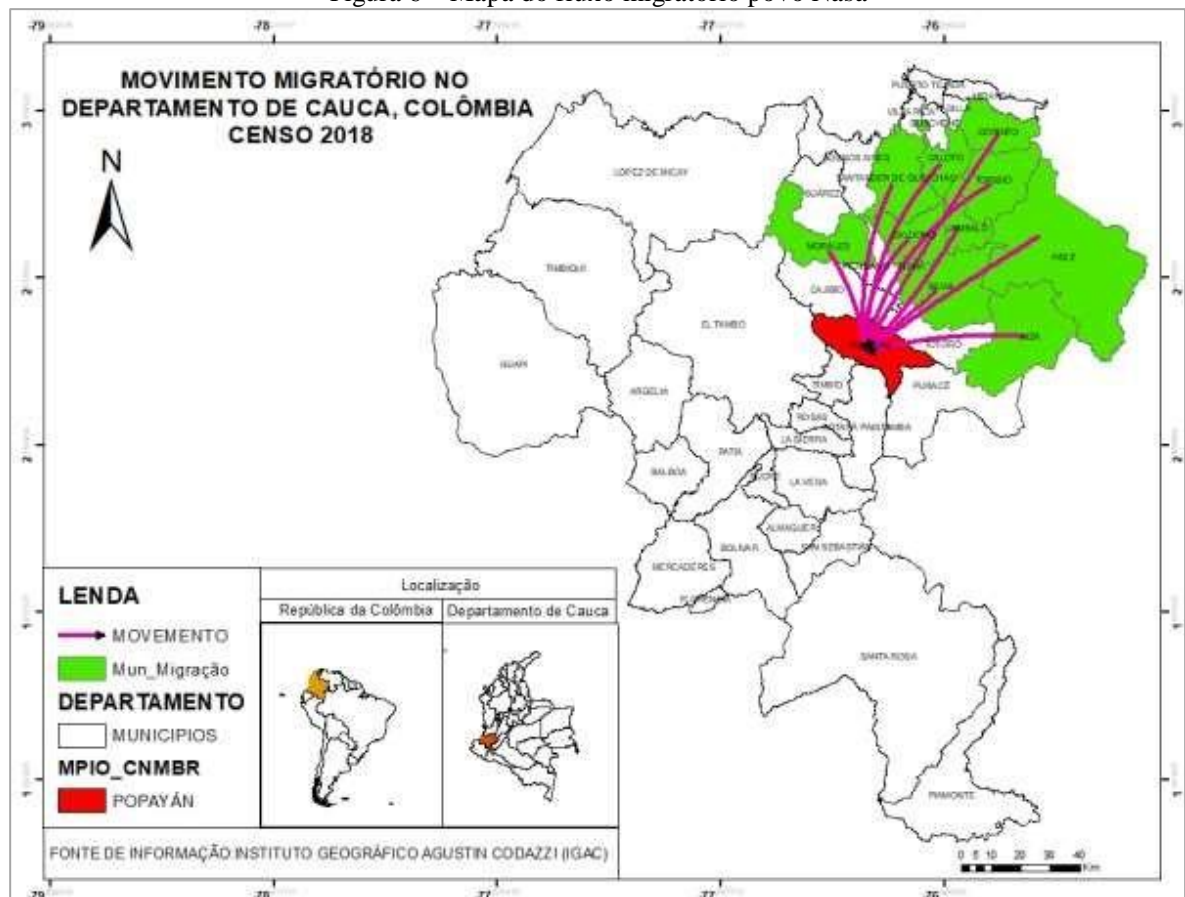
Gráfico 2 – População indígena Nasa distribuída por municípios do departamento de Cauca, Colômbia



Fonte: DANE (2018).

Conforme ilustrado no Gráfico 2, os municípios do departamento de Cauca com significativa presença da população indígena são destacados. O município de Páez, onde se localiza a reserva Tierradentro, origem do povo Nasa, tem a maior população indígena, com 12,6% (30.604 habitantes). Segue-se Toribio com 13,3% (29.891 habitantes) e Santander de Quilichao com 10,0% (24.419 habitantes). Outros municípios como Jambaló, Inzá, Caloto, Morales, Silvia e Corinto também são representados na Figura 6 a seguir.

Figura 6 – Mapa do fluxo migratório povo Nasa



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do DANE (2018).

Vale ressaltar que devido ao fluxo da população indígena Nasa para a cidade, há uma presença representativa no espaço urbano de Popayán. Tal circunstância contribui para o aumento das listas e das ruas nas cidades com pessoas em busca das oportunidades que lhes foram negadas em seus territórios de origem, permitindo-lhes, assim, continuar desenvolvendo suas vidas.

Adicionalmente, entre os fatores sociais, deve-se considerar fenômenos naturais, como o terremoto de 1983 em Popayán, que danificou, de modo significativo, a cidade e impulsionou um crescimento urbano acelerado e desorganizado. O Plano de Ordenamento do Território (POT) de 2002 indica que, antes do terremoto, a população estava concentrada no centro e nas áreas adjacentes. Após o evento, observou-se uma expansão direcionada ao norte da cidade, resultando em um perímetro urbano ainda incompleto (Figura 7).

Figura 7 – Processo de crescimento da cidade de Popayán 1983-1994



Fonte: Prefeitura Municipal de Popayán (2002).

Após o desastre, o perímetro urbano de Popayán começou a se expandir consideravelmente (Figura 8). Esse crescimento não se deveu apenas à necessidade de reconstruir as residências dos habitantes afetados, mas também à construção de novas habitações para acomodar uma crescente população imigrante, que já somava 26.400 pessoas.

Figura 8 – Processo de crescimento da cidade de Popayán 1994-1999

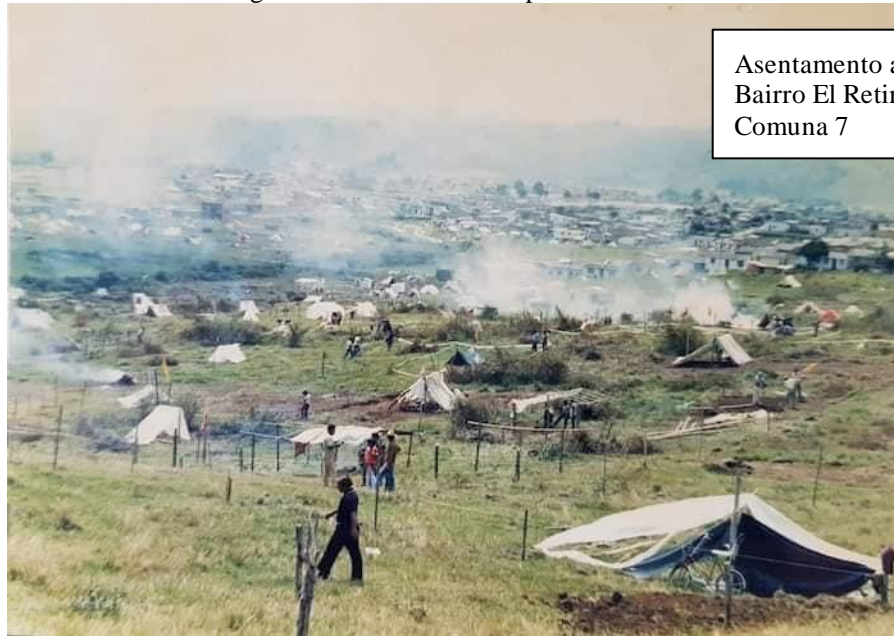


Fonte: Prefeitura Municipal de Popayán (2002).

Dada a falta de planejamento e a urgência de encontrar uma solução para atender às necessidades básicas dessa população, os assentamentos surgem com precariedade nos serviços

básicos como energia elétrica e água potável. Além da contaminação ambiental para massas de água, pelo fato de alguns dos habitantes se situarem perto de circuitos de água, esses assentamentos marcaram a base para o que seria a futura consolidação da cidade (Figura 9).

Figura 9 – Assentamentos pós-terremoto



Assentamento atual
Bairro El Retiro Alto
Comuna 7



Assentamento atual
Bairro El Mirador

Fonte: Arquivo pessoal – Construção de casas de bairro (28 mar. 2022).

Em conformidade com o último censo realizado em 2018, Popayán, capital do departamento e foco deste estudo, tem uma população total de 318.059 habitantes. A demografia da cidade é diversificada, incluindo mestiços, afro-colombianos e indígenas, muitos dos quais migraram de outros municípios em busca de melhores oportunidades urbanas. Dados

estatísticos revelam a presença de 9.568 indígenas em Popayán, pertencentes a seis povos ancestrais distintos: Nasa, Yanaconas, Misak, Coconuco, Totoro e Eperara Siapidara (DANE, 2018), dentre os quais 1.341 são identificadas como Nasa.

7.1.5 Origem mitológica do povo Ancestral Nasa⁷

A criação do mundo e o surgimento da vida são explicados pelo povo Nasa de uma maneira única, distinta das interpretações científicas ou religiosas convencionais. Esta visão é baseada nos conhecimentos ancestrais, transmitidos oralmente de geração para geração.

Segundo os relatos ancestrais, no início havia duas poderosas correntes de ar, uma feminina e outra masculina, que vagavam sem direção ou destino definidos. Ao se encontrarem, essas correntes começaram a esfregar-se uma na outra, e nesse processo, perceberam-se como complementos essenciais um do outro. A corrente feminina revelou seu nome como *Uma*⁸, e a masculina se apresentou como *Tay*⁹. A união de Uma e Tay deu origem a seus filhos, os *Taafxi*, marcando, assim, o princípio da vida conforme entendido pelos Nasa.

Sek (sol), *A'te* (lua) e *A'* (estrela) são os filhos mais velhos que habitam o espaço cósmico. Eles foram enviados para lá porque, caso se encontrassem, poderiam se machucar. Para prevenir isso, pediram a *Newje*¹⁰ que desse vida a seus descendentes para que evitassem ferimentos, resultando na criação do *Çxifxi*.

No entanto, a desordem persistiu, e os *Newje* tiveram de intervir para melhorar a convivência. Como solução, geraram mais irmãos e enviaram *Ksxa'w*, representante da energia da noite. Sentindo-se solitário, foi acompanhado por *Î'Kwe'Sx*, que complementaria sua presença, dado que, na visão indígena, tudo se origina do casal e deve conter energias masculina e feminina. Diante de contínuos conflitos, *Nejwe* os orientou a viver em harmonia. Decididos a encerrar as disputas, abraçaram-se intensamente, criando, assim, a Terra. O abraço foi tão forte que sangue jorrou e, conforme secava, formavam-se os picos e os vales da paisagem terrestre.

Com a união de todos os filhos naquele grande abraço, ocorreu a formação da terra e, já na idade madura, sentiu vontade de parir, mas estava sozinha. Em vista disso, a jovem pediu um companheiro para *Uma*, *Tay* e *Nwjes*, os quais escolheram *Sek Taki*¹¹, um jovem sol que aceitou o convite, cujo resultado dessa união criou todas as Nasa (referindo-se a todas as

⁷ SISCO, M. *Yaçkawe'sx dxi'ja's thegçxa, kwe'sx ûusa's nuyçxhâçxhan u'jweka*. 2001.

⁸ *Uma* é a bisavó dos Nasa e uma mulher que tece a vida.

⁹ *Tay* é o bisavô e quem dá a força que cria a vida.

¹⁰ *Nejwe*, termo generalizante para se referir aos deuses Uma e Tay.

¹¹ *Sek Taki*, sol jovem, capaz de fertilizar.

espécies habitantes e irmãos do mundo). Dessa união nasceram muitos mais filhos, e a Terra, então, falou a eles, instruindo-os a serem bondosos e lembrando-os que estariam, eternamente, conectados pelo cordão umbilical.

Para manter a harmonia com os *Nwjes*, os filhos oferecem aos *Thê' busx*¹² itens como coca, remédios e chicha. Essas oferendas, aliadas ao equilíbrio e à harmonia domésticos, possibilitaram o nascimento dos *Thê' wala*¹³, que são os netos dos *Nejwes*. Esses netos são os únicos autorizados a realizar *Pewexa'jnxi*¹⁴, um ritual de comunicação com os *Newjes*, mediado pelos sonhos, como *Pa'ksxa'w*¹⁵. Conforme o *Kiwe*, é essencial manter esse rito para preservar o vínculo com os ancestrais.

Esse equilíbrio foi ameaçado quando o jovem sol, ao tentar se aproximar, causou danos severos, incluindo a morte involuntária de muitos de seus irmãos. Como consequência, ele foi enviado de volta ao seu lugar de origem. Em sua jornada, cada passo que dava gerava incêndios, dando origem aos desertos mundiais. Na tentativa de reconciliar-se com sua amada, o jovem sol se dividiu em dois. Uma metade se internalizou na Terra, mantendo seu calor interno, enquanto a outra regressou ao cosmos.

Após um longo período, o jovem sol, agora um adulto, buscou reatar seu relacionamento, dessa vez, com a fria lua. Dessa união, nasceram vários filhos com papéis fundamentais na vida do povo Nasa, como o *kdul* “condor”, o *mewêhx ne'hwe'sx* “rei dos urubus”, a própria “galinha” *mewêhx*, a “águia” *uj* e o “falcão” *çelxi'lx*. Todos eles são aves de rapina, e a cada um é oferecido um agradecimento por sua proteção aos Nasa.

Entre os filhos está *Yú*, a mulher da água, filha da terra. Ao atingir a maturidade, ela desejou um companheiro, mas, sem sucesso, decidiu ascender ao ponto mais alto das montanhas. Lá, *A'*, uma estrela solitária que procurava uma companheira, avistou *Yú*. Ele se aproximou furtivamente, mas *Yú*, sentindo sua presença, afastou-se simulando desinteresse.

Enquanto *A'* a seguiu, ele observou água jorrar de sua perna direita. Cansada, *Yú* se sentou, e a água se acumulou ao seu redor, formando o que, nos dias de hoje, chamamos de mar. Momento em que iniciam seu primeiro diálogo, no qual *A'* revelou estar em busca da dona das águas, a mulher de seus sonhos. Apesar das reservas iniciais, *Yú* aceitou sua presença após uma troca de olhares e o exame de suas mãos trabalhadoras.

¹² *Thâ' busx*, área superior da cabeça.

¹³ *Thê' wala*: pessoa que recebe da natureza o dom de comunicar-se com ela e realizar rituais de agradecimento ou oferenda.

¹⁴ *Pewexajnxi*, ritual de reconciliação.

¹⁵ *Pa'ksxa'w*, visita de um sonho.

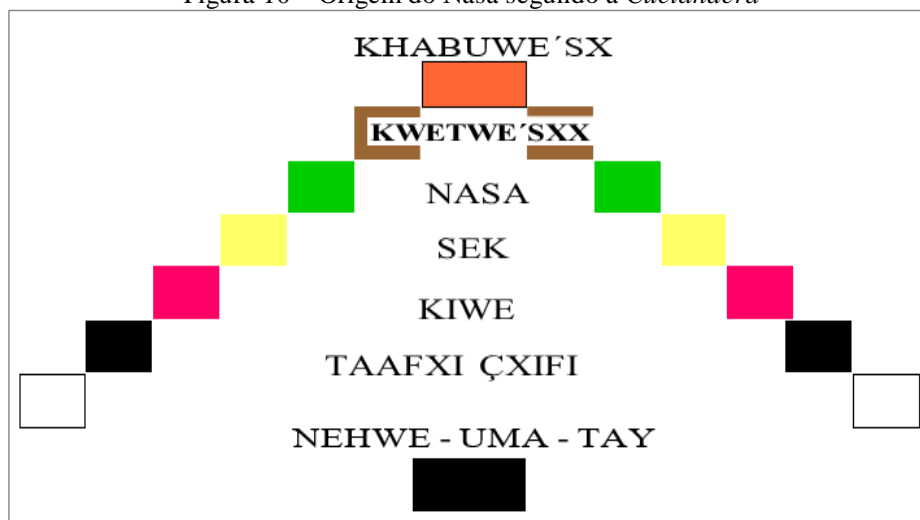
Eles retornam juntos ao topo das montanhas, onde residem nas lagoas sagradas. Nesse lar sagrado, A'une-se a Yú, e ela concebe. Quando chegou a hora do parto, na língua Nasa *yuwe*, é chamado de *Yu'a' duuk* — o “parto na água”. Yú liberou uma grande quantidade de água durante o parto, dando à luz primeiro uma menina e depois um menino. Dessa união, nasceu uma numerosa prole, conhecidos como os Nasa – “filhos da Água e da Estrela” – destinados a serem abundantes como família (Sisco, 2001).

7.1.6 *La Cuetandera*¹⁶

A *cabuya jigra* é um instrumento essencial para os *Thê walas*, ou médicos tradicionais do povo Nasa, utilizada em rituais para promover a harmonização das famílias e do território. Confeccionada com lã de ovelha, essa peça contém folhas de coca e plantas medicinais, além de bebidas que servem como oferendas aos espíritos da natureza.

A confecção da *cabuya jigra* segue um padrão piramidal (Figura 9), no qual se emprega cores específicas como verde, amarelo, azul, vermelho e branco; cada uma com seu significado e propósito no ritual. Cores como marrom, cinza ou preto são evitadas, uma vez que a psicologia indígena explica que tais cores estão associadas à relatividade, à tristeza ou ao desânimo. Essa associação deriva das condições climáticas: dias nublados e escuros são considerados desfavoráveis, enquanto dias claros sem nebulosidade são vistos como promissores.

Figura 10 – Origem do Nasa segundo a *Cuetandera*



Fonte: (Sisco, 2001).

¹⁶ Narração encontrada na Estrutura *Nej Wesx* – Autoridade Tradicional – Sistema de Autogoverno Jambaló.

Vale ressaltar que a escolha das cores é uma prerrogativa da *cuetandera* (Figuras 10 e 11) do médico tradicional, que determina sua utilização baseando-se no efeito energético desejado, potencializando, dessa forma a eficácia dos rituais conduzidos (Sisco, 2010).

Figura 11 – A *cuetandera*



Fonte: Estrutura *Nej Wesx* – Autoridade Tradicional – Sistema de Autogoverno Jambaló (2023).

7.1.7 Estrutura *Nej Wesx*

A estrutura espiritual e cósmica das autoridades tradicionais *Nej Wesx* (Figura 11) está, profundamente, enraizada na “lei de origem”, conhecida como *Kwesx Ki'sni Fxinzni* (Quadro 1). Essa lei rege o direito ao espaço que habitamos e vivemos, referido como *Kwesx Kiwe*. Essa estrutura representa a conexão constante do homem com três espaços territoriais fundamentais desde a antiguidade. Os *Enk Os*, ou “seres do espaço”, são guias espirituais que habitam o espaço acima de nós. Eles incluem o sol, a lua e as estrelas, considerados nossos criadores e orientadores no cosmos.

Os *Kiwe Os*, ou “seres terrenos”, são os guardiões da Terra, também chamada de *Pacha Mama*. Tais seres protegem a água sagrada e os seres vivos da terra, incluindo homens, animais e pássaros. O canto dos pássaros é bastante significativo, pois indica o sucesso ou o fracasso das ações coletivas da comunidade.

Finalmente, os *Kiwe Sxi*, ou “seres superterrenos”, são responsáveis por regular a essência química da existência humana. Eles são uma força vital que mantém o equilíbrio e a

harmonia entre os elementos físicos e espirituais da vida (Figura 12). A expressão “*Pakaçx tewa kwesx kisni Nasa ûuste u’pwasa*” reforça a importância perene da lei de origem, destacando que ela deve perdurar no coração dos Nasa como um guia eterno para viver em harmonia com o universo.

Quadro 1 – Estrutural espiritual

Autoridade política – territorial e espiritual	Compreensão territorial ocidental
<i>Enk the</i> : seres espaciais	Espectro eletromagnético
<i>Kiwe the</i> : seres do território sagrado	Camada terrestre
<i>Kiwe sxi</i> : seres subterrâneos	Subsolo

Fonte: Elaborado pela autora com base no plano de vida do povo Nasa do território Do Jambalo (2023).

Figura 12 – Estrutura *Nej Wesx* do povo Nasa



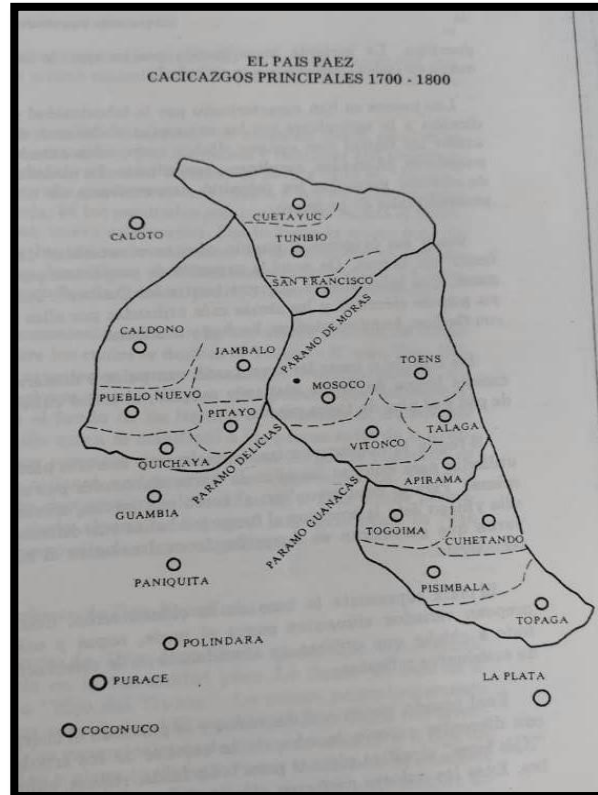
Fonte: Estrutura *Nej Wesx* – Autoridade Tradicional – Sistema de Autogoverno Jambaló (2023).

7.1.8 Chefes Nasa

Durante os séculos XVIII e XIX, nos territórios ancestrais indígenas, várias lideranças locais defendiam, vigorosamente, suas terras contra a invasão espanhola. No entanto, ao longo dos anos, essas chefias enfrentaram enormes desafios dada a crescente pressão colonial. Os colonizadores espanhóis, com estratégias eficazes de infiltração e divisão, conseguiram fragmentar a coesão entre as diversas organizações indígenas.

Essa divisão enfraqueceu as defesas indígenas ao ponto de forçar as lideranças a unirem seus exércitos para manter o controle sobre seus territórios. Apesar desses esforços, muitas dessas chefias desapareceram, e seus territórios foram gradualmente dominados pelos colonos, alterando, significativamente, a estrutura social e territorial dessas comunidades.

Figura 13 – Distribuição espacial de *cazicasgos* Nasa



Fonte: Beltrán (1989, p. 25).

7.1.9 Origem geográfica do povo Nasa na Colômbia

De acordo os registros históricos, os indígenas do povo Nasa originaram-se na encosta leste da Cordilheira central, exatamente na área conhecida como Tierradentro, localizado no departamento de Cauca, no sudoeste da Colômbia. (Surralles; Hierro, 2004). A economia Nasa, tradicionalmente, focava no cultivo de batata, mandioca, café e cana-de-açúcar, sustentando um modo de vida predominantemente agrícola.

Com a chegada dos europeus em meados do século XVI, sob o comando Sebastián de Belalcázar, enviado pela coroa espanhola, a comunidade Nasa enfrentou consideráveis mudanças e desafios culturais. A desapropriação de suas terras iniciou um período de resistência e confronto que se estendeu pelos próximos 100 anos. Durante esse período, houve

7.1.10 Descrição demográfica e populacional

De acordo com o censo populacional e habitacional de Colômbia, há um total de 186.178 habitantes que se identificam como indígenas do povo Nasa, dos quais 50,5% são homens e 49,5% são mulheres. Essa população está distribuída, majoritariamente, no departamento de Cauca, que abriga 88,6% do total de indígenas Nasa, o que corresponde a 215.453 pessoas.

O Valle del Cauca vem em seguida com 4,3% da população Nasa (10.338 pessoas), seguido pelo departamento de Huila com 2,3% (5.699 pessoas) e o departamento de Putumayo com 4.506 pessoas. Juntos, esses quatro departamentos concentram 97,1% da população Nasa da Colômbia. Em termos gerais, os Nasa representam 13,4% da população indígena da Colômbia.

7.1.11 Língua

O Nasa Yuwe é a língua do povo Nasa. Embora com frequência associada à família linguística Chibcha, essa conexão ainda não foi, definitivamente, comprovada. Essa língua é imprescindível na Colômbia, representando 21% dos povos indígenas que ainda falam suas línguas nativas no país. No entanto, a preservação do Nasa Yuwe enfrentou desafios, sobretudo, quando os falantes deixavam as reservas, encontrando dificuldades para usá-la em razão da falta de interlocutores e do estigma associado ao seu uso.

De acordo com dados do DANE (2005), havia 78.068 falantes do Nasa Yuwe. Esforços para fortalecer a língua em contextos familiares e educacionais nas reservas resultaram em um aumento significativo de falantes. A pesquisa mais recente, realizada em 2018, registrou um total de 80.805 falantes, indicando um aumento de 2.741 pessoas, ou cerca de 8,78%, mostrando um avanço positivo na revitalização da língua entre os Nasa.

7.1.12 Bases organizacionais de conformação

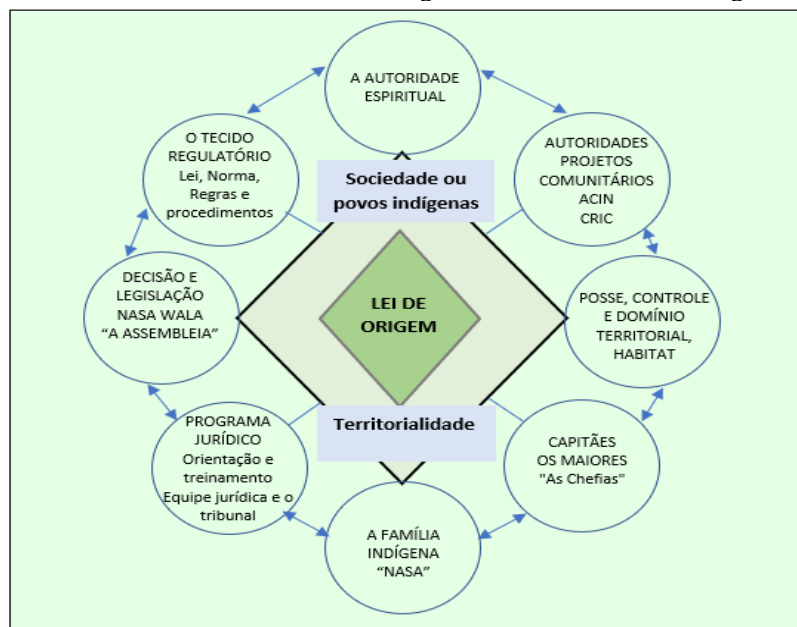
Em conformidade com a Procuradoria General de La Nación (2008), o povo Nasa, um dos povos ancestrais da Colômbia, tem uma longa história de resistência que remonta a 1535, quando formaram um exército sob a liderança do cacique Gaitana para combater a conquista espanhola. Tal resistência continuou ao longo dos séculos, culminando na obtenção de títulos coloniais em 1700 por figuras como Juan Tama de la Estrella e Manuel de Quito, o que levou à formação das primeiras reservas indígenas.

Em 1971, fundou-se o Conselho Regional Indígena de Cauca (CRIC), uma organização política dedicada a defender os direitos dos povos Nasa e outros povos indígenas no departamento de Cauca. O CRIC tem como objetivos principais a recuperação e a expansão de terras de reserva, o fortalecimento dos conselhos comunitários, a isenção do pagamento pela terra, a disseminação das leis relativas aos povos indígenas, a preservação da história, língua e costumes e a formação de professores indígenas capazes de oferecer uma educação que reflita e reforce as tradições ancestrais.

A iniciativa de 1980, liderada pelo padre e indígena Álvaro Ulcue Chocue, focou no reconhecimento e na promoção da educação entre os jovens Nasa, de modo a incentivar a prática de seus costumes tradicionais. Nesse sentido, foram desenvolvidos sete projetos comunitários em diferentes áreas do norte do departamento de Cauca para implementar um plano de vida integral para as comunidades. Esses projetos incluem o projeto Nasa em Toribio, San Francisco e Tacueyo, a unidade Páez em Miranda, Pegadas de Caloto, Cxhacxa Wala em Corinto, Yu`Lucx nos Cabildos de Canoas e Munchique los Tigres, Sa't Fxinxi Kiwe nos Cabildos de Delicias e Guadualito, e o projeto global em Jambaló.

Tais organizações têm sido importantes para lutar pelo reconhecimento e pela proteção dos direitos dos povos Nasa, estabelecendo um sistema jurídico próprio para organizar e eleger representantes coletivamente e fortalecendo a estrutura comunitária para garantir que os mandatos e os direitos estabelecidos sejam respeitados e cumpridos (Figura 15).

Figura 15 – Estrutura do sistema de autogoverno nos territórios indígenas Nasa



Fonte: Estrutura *Nej Wexx* – Autoridade Tradicional – Sistema de Autogoverno Jambaló (2023).

7.1.13 Plano de vida

O plano de vida do povo Nasa é uma estratégia de longo prazo, projetada para um período de 30 anos, que intenta preservar a identidade cultural e a sobrevivência dos povos indígenas. Ele plano não está, precisamente, formalizado em documentos, na verdade, trata-se de um processo coletivo que envolve a participação ativa de toda a comunidade. O cerne é manter equilíbrio e harmonia com a natureza e todos os seres que compartilham seu território, refletindo os princípios da lei de origem, fundamentais para a cosmovisão Nasa.

Esse plano abrange diversas áreas, incluindo aspectos sociais, culturais, ambientais e políticos. É um esforço para fortalecer e recuperar as tradições dos povos ancestrais. Por intermédio dele, os Nasa desenvolvem sua própria jurisdição e governança, mantendo, contudo, uma relação com as leis estaduais. Isso evidencia um exemplo de autodeterminação e gestão comunitária que garante a continuidade e a resiliência de sua cultura e tradições num universo em rápida mudança (Chaux, 2005).

7.1.14 Cosmovisão, usos e costumes

A cosmovisão dos povos indígenas, como os Nasa da Colômbia e os Tükúna do Brasil, evidencia uma conexão profunda com suas tradições, cultura e o ambiente natural. Essa visão de mundo abrange a maneira como esses povos percebem a vida, sua origem e seus universos, sendo relevante para a transmissão de conhecimento entre gerações e para evitar a extinção de práticas ancestrais. Segundo Oliveira (1996), os Tükúna mantêm vivas suas festas, danças e ritos de iniciação mesmo quando estão fora de suas reservas, demonstrando a resiliência de suas tradições culturais.

De maneira similar, os Nasa, um dos 34 povos indígenas colombianos em risco de extinção, trabalham para retomar e adaptar seus usos e costumes em contextos urbanos, esforçando-se para manter viva sua cultura e ensiná-la a quem deseja aprender. A planta de coca, por exemplo, é bastante significativa na cultura Nasa, sendo utilizada em rituais e para fins medicinais. Elementos como o Deus do Trovão (*Kapish*), que vive nas profundezas das lagoas e nas névoas das altas serras, são centrais para a cosmovisão desse povo.

Entre os rituais mais importantes do povo Nasa, estão o *Saakhelu Ne'Jwesx*, *Sek Buy*, *Cxapus*, a harmonização de paus e o desligamento do fogão. Esses rituais representam a expressão viva da relação que os Nasa mantêm com o mundo espiritual e natural, sendo primordiais para a identidade e a continuidade cultural deles.

7.1.14.1 *Saakhelu Ne'jwesx* ritual maior

Considerado um dos mais significativos na cultura dos Nasa, esse ritual foi revitalizado com a fundação do CRIC, uma organização dedicada à recuperação das tradições Nasa. A cerimônia é realizada como uma oferta ao condor, um gesto de gratidão por garantir boas sementes para o plantio (Figura 16). O elemento mais importante do ritual é o mastro principal, escolhido durante um ritual específico conduzido pelo *Wala*, o médico tradicional da comunidade.

Nesse processo, são oferecidos à Mãe Natureza alimentos, sementes e chicha, além de serem realizadas danças. Essas oferendas são feitas com o intuito de que a lua, o sol e as chuvas escutem e atendam aos pedidos do povo Nasa, protegendo-os da fome em seus territórios.

Figura 16 – Ritual *Saakhelu Ne'jwesx*



Fonte: Mateo Leguizamón Russi (2014).

Nota: Local de encontro para o ritual do povo Nasa. Reserva indígena López Adentro, Cauca.

7.1.14.2 Ritual de compra de sexo (*Sun Child*)

O ritual conhecido como *Sek Buy*, que significa “receber os raios solares”, é uma expressão de gratidão à Mãe Terra. Realizado nos dias 20 ou 21 de junho de cada ano, durante o novo ano andino, esse ritual não foge à tradição de oferecer agradecimentos e oferendas aos espíritos da natureza, como parte integrante das práticas rituais dos Nasa.

Figura 17 – Recebendo os primeiros raios de sole *Sek Buy*



Fonte: Estrutura Nej Wesx – Autoridade Tradicional – Sistema de Autogoverno Jambaló (2023).

Figura 1 – Representação ritual *Sek Buy* (*Chxca Wala Kiwe*)



Fonte: Chacx Wala Kiwe – ACIN (2023).

O ritual *Cxapus* consiste na oferta de alimentos aos espíritos que já deixaram o plano terreno (Figuras 17 e 18). Sendo realizado a partir do primeiro dia de novembro, simboliza a conexão entre os vivos e os ancestrais. A harmonização de bengalas (*chonta*) de autoridade *khabu fizxe'nxi* ocorre sempre que há uma mudança de autoridade ancestral, marcando a transição de liderança entre os escolhidos pelo povo Nasa para guiá-los. Por fim, o ritual de “desligando o fogão” é executado com o propósito de harmonizar as casas, as famílias e o território, utilizando o fogo como elemento principal na purificação e na renovação dos espaços.

7.1.15 Estrutura organizada

O processo político organizacional dos povos indígenas ancestrais, em especial, o povo Nasa, é uma estratégia relevante para assegurar sua persistência e a preservação de sua ordem cultural e social. Nesse cenário, são estabelecidas diversas instituições em níveis local, regional, departamental e nacional, dedicadas à defesa dos seus direitos fundamentais, que se baseiam na lei de origem.

Localmente, a estrutura inclui conselhos compostos por diferentes cargos, como governador, governador suplente, capitão sênior, capitão suplente e comissário. Em nível regional, encontram-se os *thuthegnas*¹⁸, posições ocupadas por indivíduos que já serviram como autoridades em seus conselhos.

O sistema de escolha desses representantes é comunitário, com os membros da comunidade selecionando seus líderes, os quais são, previamente, avaliados pelos médicos tradicionais mediante um ritual conhecido como *cateo*¹⁹. Esse método assegura que a liderança esteja alinhada com as tradições e os valores do povo Nasa, reforçando a governança e a coesão social dentro da comunidade.

7.1.16 Lei de origem (*Kisni*)

Em cada sociedade, comunidade ou organização, existem regras ou leis para seu bom funcionamento. No caso do povo Nasa, não é diferente, embora essa lei não seja reconhecida pelo governo, é imprescindível para o povo e é transmitida oralmente a cada geração. Tal aspecto estabelece o cumprimento que permitirá ao povo Nasa sobreviver como povo e com sua cultura, evitando a fragmentação do conhecimento ancestral e da relação com a natureza.

De modo a definir como isso deve ser feito e como o povo Nasa se comporta com a comunidade. Essa lei indica que a natureza já possui uma ordem, regras próprias, modo de funcionamento e espaços de convivência que devem ser respeitados para que o desenvolvimento da cidade ancestral não seja afetado.

O espaço ou *habitat* de todos os seres espirituais que habitam a natureza não pode ser invadido ou transformado. Logo, as pessoas são responsáveis por seu cuidado para evitar

¹⁸ *Thuthegnas*: nome usado para chamar um líder indígena no nível zonal, visto que dentro deste há uma hierarquia que vai do local, zonal ao regional. No nível local, são chamados de *Satwesx*, no nível zonal de *Thuthegnas* e no nível regional de Conselheiro Maior.

¹⁹ *Cateo*: é um ritual ancestral realizado por ancestrais conhecedores quando coisas importantes precisam ser decididas e levadas em benefício da comunidade.

alterações na ordem que ela possui, evitando desarmonias que causam fome (*wěe*), sofrimento (*nxusna*), sede (*nxu'ween*) e doenças (*ãça'n*), conforme o Plano de Vida do povo Nasa (2015).

Os mandamentos estabelecidos na lei de origem incluem cuidar, preservar e conservar os espaços de convivência, oferecer oferendas e rituais aos especialistas da natureza como forma de agradecimento pela abundância, seguir as instruções do *Wala* em ritos, harmonizações ou oferendas, respeitar as autoridades ancestrais e praticar atividades comunitárias como as mingas, além de promover o uso e cuidado do tule²⁰.

A visão de mundo, os rituais, os usos e os costumes dos povos indígenas Nasa têm sido fortalecidos pela preocupação de lideranças, anciãos ancestrais e pessoas que, ao se deslocarem para a cidade, podem se esquecer de suas origens. Essa preocupação inspirou o município a fazer parte da lista dos 34 municípios indígenas em risco de extinção. Por isso, dentro do marco de sua lei de origem, como direito principal e próprio como povos ancestrais, a realização e a prática dessas tradições são retomadas nas reservas para que cada indígena Nasa conheça e reconheça sua cultura e, assim, transmita-a às novas gerações.

Os rituais foram retomados com boa recepção pelos indígenas e são realizados dentro de suas reservas, permitindo que algumas pessoas que vivem na cidade se desloquem para o território para participar. São momentos de compartilhamento coletivo, de encontro de famílias e de preparação de comidas e bebidas tradicionais que reforçam sua visão de mundo e cultura como povo indígena Nasa.

²⁰ Tule: plantio de policulturas ou culturas de transição.

8 CAPÍTULO II

8.1 Cotidiano dos povos indígenas Nasa

Nesta seção, foram identificados processos de reprodução no espaço e explorado o cotidiano do povo Nasa na cidade de Popayán com base nas entrevistas semiestruturadas realizadas com os diferentes membros do povo Nasa, que tendem a dizer as funções que eles desempenham por direito próprio.

8.1.1 A percepção dos indígenas Nasa sobre o espaço urbano

A cidade é percebida como uma configuração espacial viva, um lugar em que convergem diversidades de culturas e “[...] ideias, pensamentos, sensações e emoções são criadas numa relação simbiótica entre o público e o privado, o coletivo e o individual [...]” (Rodríguez, 2008, p. 58). Ela funciona como um espaço de mistura e difusão cultural, além de contribuir para o desenvolvimento local mediante a produção de bens e serviços especializados. Concentrando uma grande parcela da população, cria ambientes de naturezas variadas – seguros, tranquilos, caóticos, estressantes e conflituosos.

Tais características estão presentes tanto nos centros urbanos colonizados quanto nos povoados das comunidades indígenas (Solano, 1990). Para o povo indígena Nasa, a cidade de Popayán é percebida como um espaço distinto de seu contexto territorial tradicional.

O prefeito Jesus (Figura 19), indígena do povo Nasa e atual deputado da Assembleia Departamental do movimento político Movimento Alternativo Indígena e Social (MAIS), relata o início de sua jornada na defesa dos direitos indígenas e do povo Nasa. Anteriormente sacerdote, ele pregava a palavra de Deus, experiência que lhe trouxe sentimentos contraditórios. A identificação e o sentimento de pertencimento como indígena Nasa o confrontaram com um dilema interno sobre continuar a evangelizar e colonizar seu próprio povo. Escolheu renunciar aos seus votos para se engajar no processo organizacional, contribuindo, significativamente, para o povo Nasa.

Morando na cidade, Jesus trilhou um caminho político até se tornar deputado indígena, vivenciando o contraste entre o espaço urbano e as reservas indígenas rurais. Ele percebeu a cidade como um lugar de perda considerável dos valores familiares e comunitários, postos em alto risco. A cidade promove um individualismo marcante, exemplificado pelos conjuntos residenciais em que, apesar da proximidade física, a estrutura não favorece a interação social,

diferentemente das práticas comunitárias nas reservas, nas quais, mesmo distantes, os membros conhecem uns aos outros e colaboram mutuamente, cultivando relações harmoniosas e solidárias. Além disso, a cidade apresenta muitos desafios e variáveis, sendo um cenário em que a identidade pode ser diluída se não houver um compromisso constante com as práticas culturais (Entrevistado 1).

Figura 2 – Jesus – Deputado da Assembleia Departamental do Cauca



Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 1) (2023).

Na perspectiva da mulher Nasa:

[...] a cidade de Popayán é um espaço onde encontramos muitas situações que se não tivermos um nível de formação política e cultural forte, podem nos arrastar para baixo e nos afastar de sermos indígena. Ser indígena tem a ver com os nossos valores, não ignoramos que outros grupos sociais não têm valores, mas na perspectiva indígena é que se enraíza na natureza, na compreensão que temos como povos a partir das nossas próprias normas, dando a possibilidade de perdermos a importância e aquela ligação com a medicina tradicional que tem a ver com as normas de comportamento com a nossa relação com a natureza mas também podemos perder-nos no sentido de não querer estar na comunidade, de não querer contribuir para a comunidade e levando-nos a esquecer o nosso território, a abandonar tudo e a encontrar-nos num sistema muito patriarcal, num sistema muito colonial e a esquecer o nosso sistema comunitário, a esquecer aquela relação mais próxima com os territórios e com nossos ancestrais (Entrevistado 2).

Figura 20 – Rosalba, deputada da Assembleia Departamental do Cauca

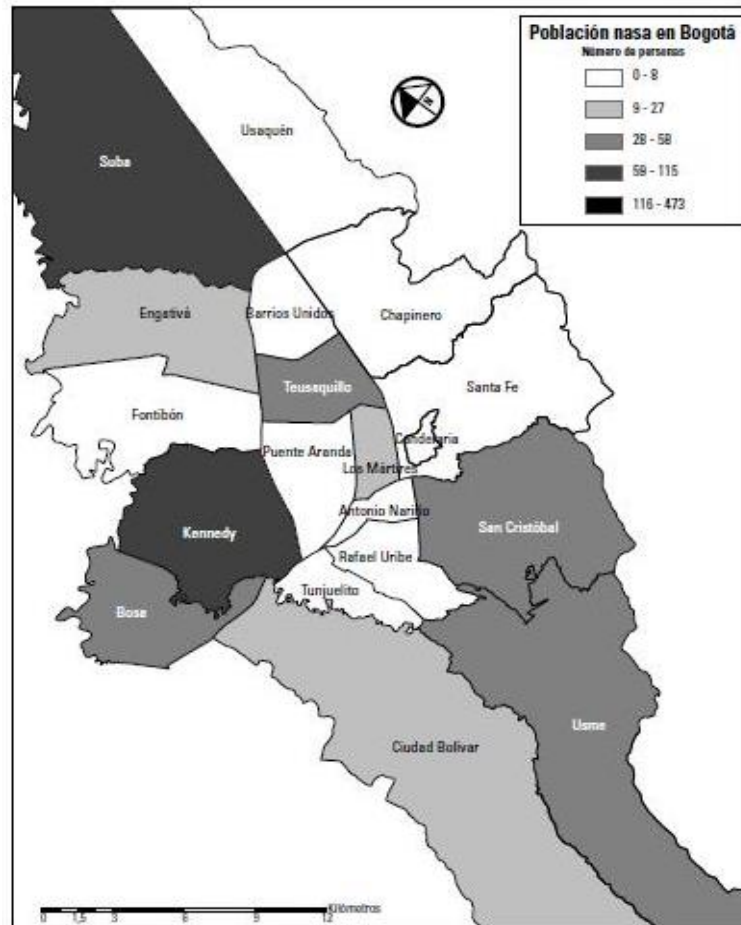


Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 2).

Os indígenas do povo Nasa, presentes na cidade de Popayán, têm uma experiência distinta comparada a outras cidades colombianas como Cali ou Bogotá, ou mesmo em relação à maioria das cidades latino-americanas, onde é comum que grupos étnicos se agrupem em bairros ou colônias habitadas principalmente por pessoas de baixa renda (Baeza; Aizenberg, 2018), com frequência, em uma espécie de reservas urbanas. Ao contrário, na cidade de Popayán, os indígenas Nasa estão dispersos por variados setores, predominantemente, nas áreas periféricas da cidade.

Ao notar que membros de seu povo migravam para as cidades distantes de seu território tradicional em busca de melhores oportunidades, esse povo indígena se organizou para formar colônias e bairros. Essas áreas urbanas foram planejadas para permitir que eles se reestruturassem como povo indígena Nasa, adaptando sua identidade cultural à nova realidade urbana. A Figura 21 ilustra a distribuição dessa população nos grandes espaços urbanos colombianos de Bogotá e Cali.

Figura 21 – Localização da população Nasa na cidade de Bogotá

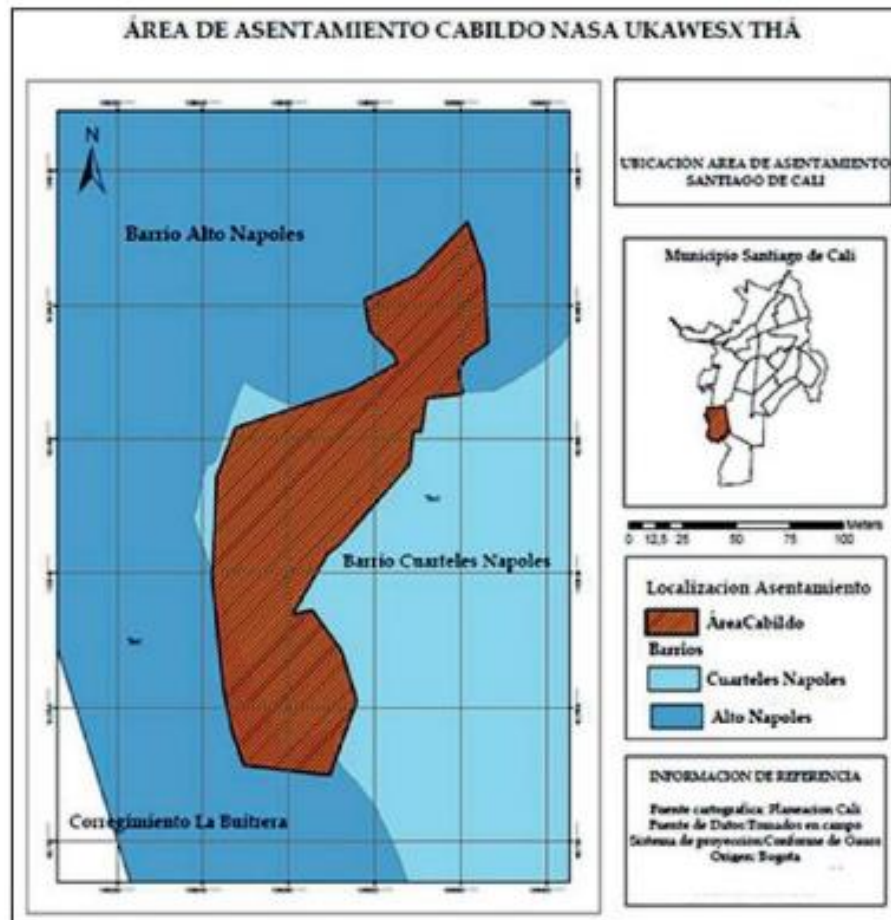


Fonte: Bernal Mora (2012).

Na perspectiva de Mora (2012, p. 89):

A cidade de Bogotá é a capital da Colômbia, uma cidade de grandes oportunidades, desafios e dificuldades para onde migram alguns indígenas Nasa em busca de melhorar suas condições de vida. Ao chegar nesta enorme cidade, eles primeiro se estabelecem com amigos ou familiares que geralmente moram nas periferias e bairros populares de baixa estratificação. Os tons escuros representam onde estão localizadas suas residências e, como se pode observar, apenas os bairros localizados na periferia, situação que não muda para as populações indígenas que sempre alcançam espaços precários ou até mais que seus próprios territórios.

Figura 22 – Localização da população Nasa na cidade de Santiago de Cali



Fonte: Basante e Castro (2016).

O conselho urbano indígena Nasa *Uka Wesx Thaj*, situado na periferia da cidade de Santiago de Cali, ocupa uma área que foi urbanizada informalmente. Consequentemente, sua população enfrenta condições precárias, situando-se à margem da economia formal da cidade (Basante; Castro, 2017). Na cidade, organizaram-se de tal forma que conseguiram criar e obter reconhecimento para seu conselho nos territórios urbanos, permitindo-lhes continuar juntos e minimizar alterações nas realidades que trouxeram consigo.

Os *cabildos* urbanos, formados por povos indígenas que residem de forma permanente ou temporária, no contexto de cidades, municípios, distritos e/ou regiões metropolitanas, são entendidos como mecanismos excepcionais para controlar, unificar e manter a coesão da população indígena. Essa necessidade surge, especialmente, para aqueles povos cujos territórios ancestrais foram absorvidos pelo crescimento urbano moderno ou para aqueles que, por razões históricas – forçadas ou subjetivas – desenvolvem suas atividades culturais, sociais, econômicas, políticas, recriando, preservando e afirmando sua identidade étnica nesse contexto (Governo Maior, 2023).

Na periferia de Bogotá e Cali, os povos indígenas encontraram locais para se estabelecer, conforme ilustrado na cartografia. Tal aglomeração permitiu que mantivessem sua organização e comunidade vivas, a despeito do novo ambiente urbano desafiador. A população indígena Nasa em áreas urbanas pode ser categorizada de duas maneiras: os que chegaram e estabeleceram-se permanentemente, cujos modos de vida estão sujeitos a mudanças significativas, mas isso não implica a perda de seu direito de ser e identificar-se como indígenas Nasa.

Na perspectiva de Costa Malheiro (2023) , “[...] a relação entre entidade e urbanização não consiste no reflexo de uma eticidade rural original, transplantada para a cidade, nem na conservação de uma continuidade cultural [...]”. Em segundo lugar, há os que transitam entre a cidade e seus territórios ancestrais, reforçando seus laços com o território ancestral.

Tais indivíduos Nasa aprendem e praticam sua cultura, tradições e costumes livremente, utilizando-os como mecanismos de resistência e sobrevivência. Contudo, apesar dessa interação com o mundo urbano, frequentemente, sentem-se estigmatizados e, em alguns casos, enfrentam discriminação. Isso se manifesta pelas barreiras sociais, econômicas e educacionais que podem comprometer e alterar sua cultura.

8.1.2 Desarmonias urbanas da percepção da Nasa

Na perspectiva do povo Nasa, Popayán é, ao mesmo tempo, unida e fragmentada, em que o individualismo supera o censo de coletividade, tão prevalente nos territórios ancestrais. Esse espaço urbano ainda sofre com o racismo e a segregação, ainda mais latentes para aqueles que se identificam e reconhecem-se como indígenas. Razão pela qual a primeira interação do povo Nasa com o ambiente urbano é descrita como “um processo traumático”. Isso porque:

O mudança de morar no campo e depois chegar na cidade é traumática porque sempre vivemos no campo. Então, a gente se acostuma e tem aquela relação com as plantas, a fazenda é toda muito próxima. E percorrer um caminho com vontade de visitar um vizinho, amigo ou familiar se consegue sem dificuldade, caso diferente da cidade, onde você anda próximo ao muro de uma casa, você deve pegar um ou mais transportes para chegar lá. Esses transportes não te deixam exatamente onde você deseja, você não tem privacidade, eu sei que ela fica exposta pelo fato das paredes estarem juntas, o que você fala, o outro te escuta. A vulnerabilidade ao atravessar uma rua, a falta de conhecimento dificulta a má orientação me deixou deslocado, onde, às vezes, eu vagava acidentalmente por diferentes quarteirões ou ruas onde o contexto já era diferente, são áreas de maior insegurança ou áreas onde você não pode nem entrar onde moram as pessoas da classe rica de Popayán, sentindo, assim, aquele racismo e também quando você chega em algum lugar pode ouvir as expressões das pessoas se referindo umas às outras de forma depreciativa (esses índios já chegaram). Por tudo isso, essa mudança de vida é difícil (Entrevistado 3).

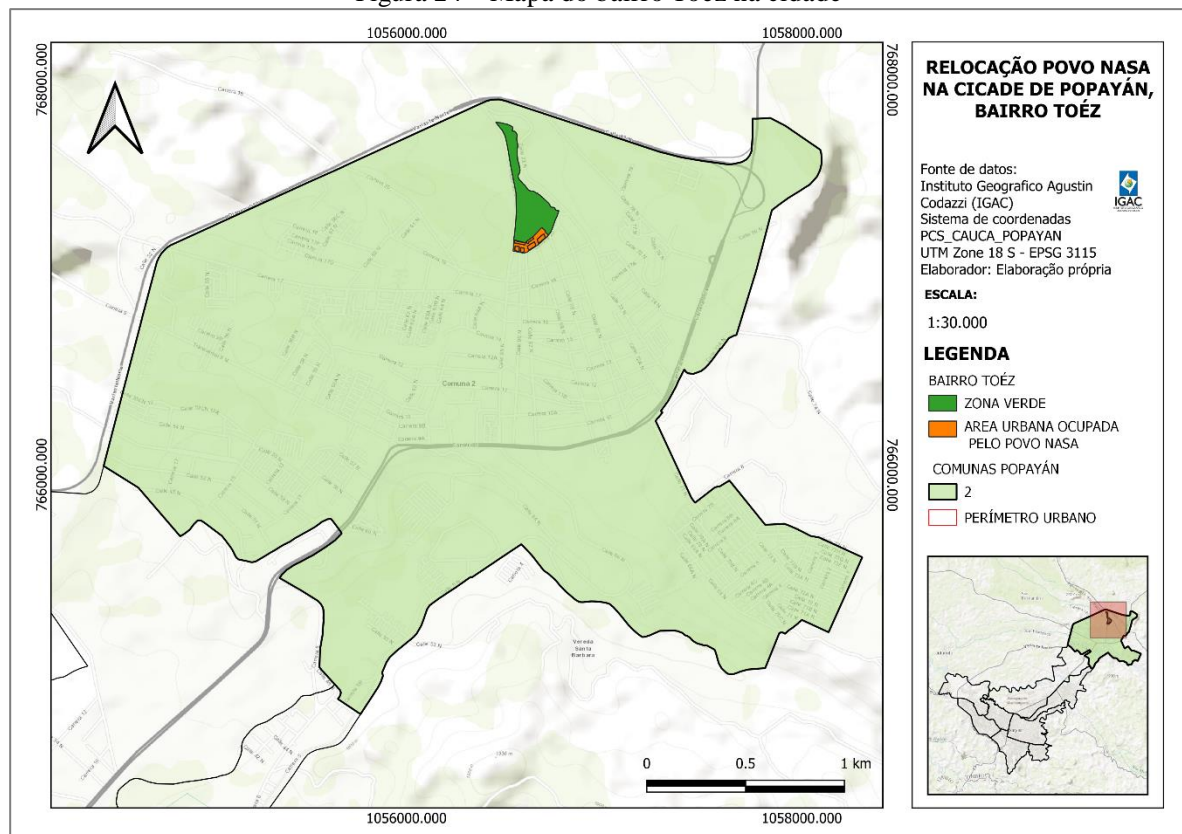
Figura 23 – Javier Noscué, ex-governador do povo Nasa no território ancestral de Corinto



Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 4) (2023).

Portanto, os processos de chegada à cidade, apresentados individualmente, não foram muito diferentes para aqueles que chegaram em grupo, visto que uma entre não mais de 60 famílias participou do processo de realocação após a avalanche de 1994 nos municípios de Páez, que afetou a reserva Toez (Figura 24), sendo transferida para a comuna dois da cidade de Popayán. Além desta, ocorreram mais três realocações em zonas rurais.

Figura 24 – Mapa do bairro Toez na cidade



Fonte: Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC) (2023).

O mapa da Figura 24 mostra a localização da “maior” comunidade Nasa que se estabeleceu como colônia ou grupo. Com o tempo, por serem originários de áreas rurais, vários não se adaptaram à cidade, sentindo-se deslocados e, em alguns casos, enfrentando discriminação e rejeição em razão de sua origem e identidade indígena. Isso motivou muitos a buscar novos lugares para continuar suas práticas tradicionais, como a agricultura. Os que permaneceram na cidade eram os mais jovens, que encontraram na infância um caminho mais fácil de integração ao ambiente urbano, embora isso tenha impactado sua identidade cultural.

Dona Martha, presidente do bairro, relatou que, quando as famílias indígenas chegaram ao bairro Toez, foram alvo de racismo. Identificados erroneamente como membros de grupos guerrilheiros, eles experienciaram xenofobia. Na atualidade, ainda enfrentam estigmatização devido à localização do bairro, que, antigamente, era adjacente a uma área verde em que ocorriam atividades ilícitas. Isso contribuiu para uma imagem de alta periculosidade e insegurança do bairro, exacerbando a marginalização dessas famílias por não se encaixarem no ideal urbano que lhes era imposto. Nesse contexto:

Ser indígena em uma cidade como Popayán garante ser discriminado, é uma cidade que esquece que esses territórios pertenciam aos povos indígenas e por isso nos excluem e nos

isolam. Por exemplo, presume-se que por sermos indígenas e apesar de estarmos em áreas urbanas temos direito ao cuidado intercultural em todos os serviços governamentais, mas não é o caso, o direito e os cuidados de saúde é o que se pode dizer que assume um pouco que o conhecimento ancestral é muito diferente em outros aspectos como educação, aqui na cidade a educação é igual para todos, nos ensinam que as rochas são seres inertes, outro dia pediram à minha neta na escola que desenhasse seres vivos e sencientes, ela desenhou animais, plantas e pedras (pedras) às quais o a professora respondeu que não era isso, que estava errado, mas como explicamos a ela que dentro da cosmovisão da Nasa eles são seres sencientes, pedras por exemplo são usadas para a tulpa (Entrevistado 4).

Figura 25 – Presidente do conselho de ação comunitária do bairro Toez



Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 5) (2023).

Apesar do racismo ainda percebido nas ruas de Popayán contra a população indígena, é relevante evidenciar os escritórios que são essenciais no processo organizacional e político do movimento indígena, como o CRIC, MAIS²¹ e a AIC²². Diferente de cidades como Cali ou Bogotá, que têm conselhos urbanos do povo Nasa, Popayán não possui essa estrutura em virtude das políticas dessas organizações, que não anteciparam um possível êxodo do povo Nasa para a urbanidade.

Nessas organizações, a ênfase é posta no fortalecimento dos territórios ancestrais, considerando que a identidade e a força dos indígenas estão, intrinsecamente, ligadas à terra,

²¹ MAIS: Movimento Alternativo Indígena Maíz (partido político organizado por lideranças indígenas que, na época, eram autoridades de seus territórios ou tinham relevância política dentro de suas comunidades).

²⁴ AIC: Associação Indígena de Cabildos (Organização responsável pela administração e prestação de serviços de saúde).

fortalecendo sua cultura e eliminando a necessidade de migração, evitando, desse modo, as vulnerabilidades que acompanham a vida urbana.

Os indígenas do povo Nasa percebem o espaço urbano de Popayán como inseguro, um local em que sentem que precisam estar sempre alertas, e suas experiências na cidade, com frequência, envolvem sentimentos de medo e vulnerabilidade.

As mulheres, em particular, enfrentam desafios diversos. Sob a perspectiva dominante, que reflete a visão do “homem branco”, as mulheres indígenas são relegadas a papéis domésticos e vistas como reprodutoras. Na cidade, essa percepção se agrava, e as mulheres indígenas se tornam sexualizadas e discriminadas. Exemplo disso é Karina Gugu (Figura 26), uma jovem indígena que se mudou para Popayán aos 16 anos para iniciar a graduação. Sua experiência na cidade foi marcada por dificuldades. Ao relatar sua chegada, os olhos dela ficam vermelhos, e ela descreve um turbilhão de emoções, evidenciando como foi árduo adaptar-se a esse novo ambiente:

Eu me perdi algumas vezes no centro da cidade do Popayán, pois tem uma peculiaridade: todos os muros dessas ruas são brancos e como eu não sabia, foi ainda mais fácil de se enganar. Por outro lado, sinto inseguranças e também racismo na universidade. Ser indígena e conviver com pessoas fora da minha cultura me fez sentir menos que eles, que eram eles que sabiam tudo, além de ser julgada por usar a tecelagem como forma de concentração, o que faço sempre que posso. Por isso, recebi chamadas de atenção dos professores, porque eles acreditavam que eu não estava prestando atenção neles, também por sempre fazer apresentações relacionadas à questão indígena, a tal ponto que na época um professor me pediu para mudar de assunto e que meu sentimento de pertencimento e raízes fortes eu ignorei. Da mesma forma, fora do mundo acadêmico, as ruas da cidade branca eram espaços onde sentia exclusão e discriminação por ser indígena e, ao mesmo tempo, por usar ou portar qualquer vestimenta identificativa de ser da NASA ou do movimento indígena. Já utilizo este último na rua por questões de segurança, pois a organização é odiada nesta cidade e é melhor não se expor (Entrevistado 6).

Figura 26 – Karina Gugú, indígena Nasa



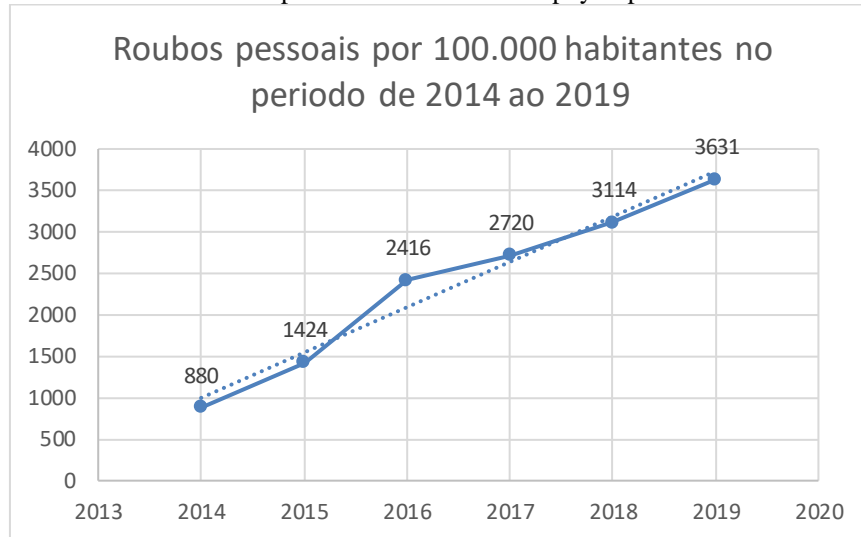
Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 6) (2023).

Além disso, os Nasa da cidade percebem, sentem e vivenciam uma forte sensação de insegurança, sentindo-se incapazes de transitar livremente pelas ruas. A cidade é conhecida por suas altas taxas de criminalidade, particularmente, no que diz respeito a roubos, o que obriga os membros dessa comunidade indígena a adotar precauções adicionais para garantir sua segurança: “estar atentos às nossas coisas, você não pode sair com o celular na mão, não pode sair à noite e andar pelas ruas, a percepção é de baixíssima segurança ao explorar a cidade, pois são áreas ou áreas de alto perigo (Entrevistado 5).

Segundo a DNP²³, o furto de pessoas é o crime de maior impacto e frequência. No período entre 2014 e 2018, foram registradas 14.185 denúncias, realizadas em grande percentual na via pública, gerando um aumento no índice de furtos de pessoas de 15,8% (DNP, 2020), conforme refletido no Gráfico 3.

²³ DNP: Departamento Nacional de População.

Gráfico 3 – Roubos de pessoas na cidade de Popayán período 2014 a 2019



Fonte: Elaborado pela autora com base em informações do DNP (2020).

Esses relatórios estatísticos acerca da segurança na cidade, ou “selva de concreto”, como a chamavam os indígenas Nasa, evidenciam o que eles expressaram, ou seja, não se sentem seguros nas ruas. Mediante tais situações, apontam algumas dificuldades que vivenciam e as mudanças às quais eles se adaptam ao longo do tempo em seu cotidiano.

Portanto, eles comparam suas experiências com as vivências em seus territórios ancestrais, onde não era necessário manter as portas trancadas constantemente para prevenir roubos – uma realidade diferente da que enfrentam em outros lugares. Essa necessidade de proteção altera e compromete a harmonia nos territórios que, tradicionalmente, são administrados pelos próprios habitantes com base em conhecimentos ancestrais. Isso contrasta bastante com os espaços urbanos, em que são regidos por normas ocidentais e suas ações são julgadas, refletindo dinâmicas territoriais muito distintas.

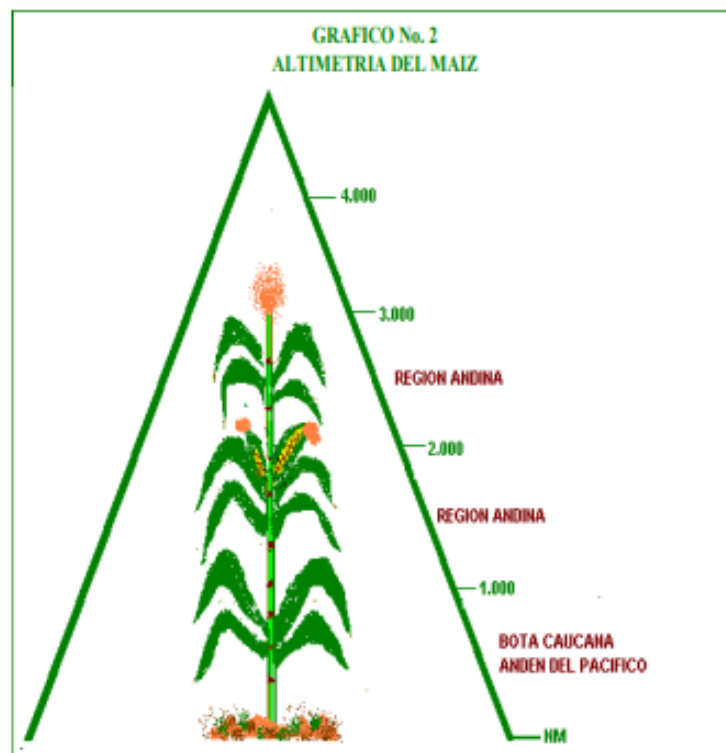
As mudanças decorrentes da vida urbana impactaram o cotidiano dos Nasa, consideradas “[...] um conjunto de atividades aparentemente modestas [...]” (Lefebvre, 2013, p. 23). Aspectos como alimentação e identidade étnica foram transformados para aqueles que migraram para a cidade quando adultos, jovens ou crianças e para os que lá nasceram. Esses elementos do dia a dia, embora básicos, são vitais para a cultura Nasa e sofreram alterações que afetaram sua transmissão cultural assim como sua transmissão oral, isso porque “[...] para este povo indígena falar é o intermediário entre o passado e presente, a transmissão oral é o que permite conhecer e mergulhar na sua cultura, onde formam o seu cotidiano na totalidade da comunicação verbal, que contém metáforas e símbolos [...]” (Osorio, 1999, p. 72).

8.1.3 A alimentação das pessoas Nasa

Os povos indígenas Nasa, influenciados pela urbanidade, passaram por mudanças significativas em relação aos seus costumes e modo de vida ancestrais, destacando-se a alteração em seus hábitos alimentares. Anteriormente, sua dieta era baseada em culturas que eles próprios cultivavam em suas terras, tais como mandioca, *rascadera*, feijão, banana, e, de maneira especial, o milho, que é um ingrediente fundamental na preparação de pratos típicos da sua cultura, como *mote*²⁴, *chicha*²⁵ e *arepas* entre outros.

Além de ser tão importante em sua alimentação, o milho também possui grande relevância cultural, uma vez que “em torno dele se constroem alguns elementos técnicos e simbólicos que caracterizam as culturas andinas no departamento de Cauca e nos Andes sul-americanos em geral, por isso alguns autores ousam chamá-la de civilização do milho” (Gastronómico; Humberto; Montoya, 1999). Isso devido à sua capacidade de adaptação a climas quentes, temperados e frios.

Figura 27 – Pisos adequados para plantio de milho



Fonte: Osorio (1999). A arte de comer, simbolismo e cultura.

24 Mote: prato culturalmente representativo do povo indígena Nasa.

25 Chicha: bebida líquida resultante da fermentação do milho.

Conforme a Figura 28 a seguir, trata-se de uma pequena safra de milho realizada na cidade de Popayán nas instalações da Universidade Indígena e Intercultural (UAIN), representada na forma de uma espiral que se conecta com a tulpa, demarcando, assim, a importância que essa semente detém na cultura, na visão de mundo e na cosmogonia do povo Nasa.

Figura 3 – O cultivo de milho no espaço urbano



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A planta do milho tem grande relevância para as culturas indígenas, sendo a base alimentar de muitos desses povos. No caso dos Nasa, o milho sustenta sua dieta e mantém um papel simbólico bastante significativo. Para a construção de espaços sagrados dentro da cidade, o milho é plantado em forma de espiral, representando, simbolicamente, esses locais, conforme a Figura 28. Esse plantio, por exemplo, ocorre na UAIN.

Figura 4 – Milhos na urbanidade



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Com o tempo, os indígenas deixaram de praticar certos costumes alimentares em Popayán, em virtude da dificuldade em preparar alimentos tradicionais, uma vez que na cidade predominam alimentos prontos para o consumo. Isso impactou sua nutrição e a manutenção de práticas culturais como reunir-se ao redor da tulpa para compartilhar conhecimentos ancestrais e experiências vividas pelos mais velhos, elementos vitais para a transmissão de saberes às novas gerações. Essa mudança traz nostalgia àqueles que deixaram seus territórios e agora enfrentam uma realidade diferente na urbanidade de Popayán.

Na reserva indígena lá na Huíla Tierradentro a comida e alimentação foi bem diferente, não continha tantos produtos químicos como atualmente, lá ele comeu uma arepa de milho preparada de forma tradicional no café da manhã usando as cinzas do fogão, mandioca cozida, comeu o cisco, sopas de milho, milho pão assado no forno de lenha. Bem diferente aqui na cidade as arepas já vêm prontas na geladeira e com conservante, o mesmo vale para a mandioca e o milho, tudo no supermercado com muitos produtos químicos, por isso eu pessoalmente digo que na alimentação é, é algo que nos influenciou bastante. Para quem chegou, como para quem nasceu aqui, bom, saímos adaptando-se e adaptando-se a esses tipos de refeições e assim deixando de lado grande parte dos nossos costumes, pois o momento de preparar os alimentos exigia o fogão a lenha e uma vez prontos a família se reunia e enquanto comiam eles davam palestras que fortaleciam aquela união familiar e com ela a cultura, Aqui não, isto é à volta de uma mesa ou de uma sala de jantar, cada um come e como se vive na correria ou cansado de trabalhar, é difícil permitir estes espaços, ainda mais com a tecnologia envolvida onde crianças, jovens e até si próprio como um adulto Ele passa seu tempo livre ou passa o tempo compartilhando com sua família (Entrevistado 7).

Figura 30 – Parteira Indígena da Nasa



Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 7) (2023).

Assim como a dieta é afetada pela vida urbana, o acesso aos alimentos também é impactado. A condição econômica é um fator que influencia as mudanças na alimentação dos Nasa em áreas urbanas. Ter dinheiro para comprar mesmo os alimentos mais básicos é uma necessidade e, com frequência, uma dificuldade, como menciona o major Javier Soscue:

Se na cidade você não tem 100 pesos (moeda local colombiana) no bolso você não tem acesso a nada, tive momentos na cidade onde por essa quantia de dinheiro fiquei barato, muito diferente do que acontece no campo, como há lavouras nas fazendas e com isso a fome é sanada, além de produzir alimentos, também são cultivados produtos que, quando comercializados, geram renda representada em dinheiro é por isso que nossa dinâmica de vida está totalmente alterada. Quando passamos a ser analisados não pelo que éramos, mas sim por não sermos iguais àqueles que nos caracterizavam como tal, os quais dispunham do capital, do conhecimento, da tecnologia, do ideal urbano ao qual deveríamos nos tornar (Porto, 2015).

Tanto os rituais diários em suas casas, que serviam como proteção contra energias negativas e envolviam o uso de plantas medicinais como o *alegon*, ou a erva alegre, estão sendo abandonados pelos Nasa na vida urbana. O ritmo acelerado das cidades, com suas obrigações e horários apertados, ocasiona o esquecimento dessas práticas ancestrais.

Simultaneamente, o artesanato de tecidos e acessórios tradicionais Nasa, como *kapiyaso*, chapéus, alças, bolsas e chumbes, que possuem significado cultural profundo, está sendo marginalizado, visto particularmente como uma atividade para os mais velhos. Esse

cenário ressalta a importância do fortalecimento dos territórios ancestrais e do empoderamento da identidade indígena entre as novas gerações.

Figura 31 – Tecidos Nasa na urbanidade



Fonte: Pesquisa de campo (Entrevistado 6) (2023).

Fortalecer práticas e costumes como a tecelagem é um ato de resistência para o povo Nasa, essencial para garantir que o conhecimento ancestral não seja esquecido e continue a ser transmitido às novas gerações. A tecelagem é uma habilidade manual, mas uma forma de comunicação e transmissão de conhecimentos ancestrais antigos, de modo que cada ponto e desenhos funciona como uma escrita, capturando e transmitindo saberes ancestrais. No entanto, manter essa prática tem sido um desafio, com a transmissão desses conhecimentos ocorrendo de maneira mais lenta e, por vezes, dificultada.

Figura 32 – Tecido Nasa (*Taw Nasa*), feito de lã de ovelha

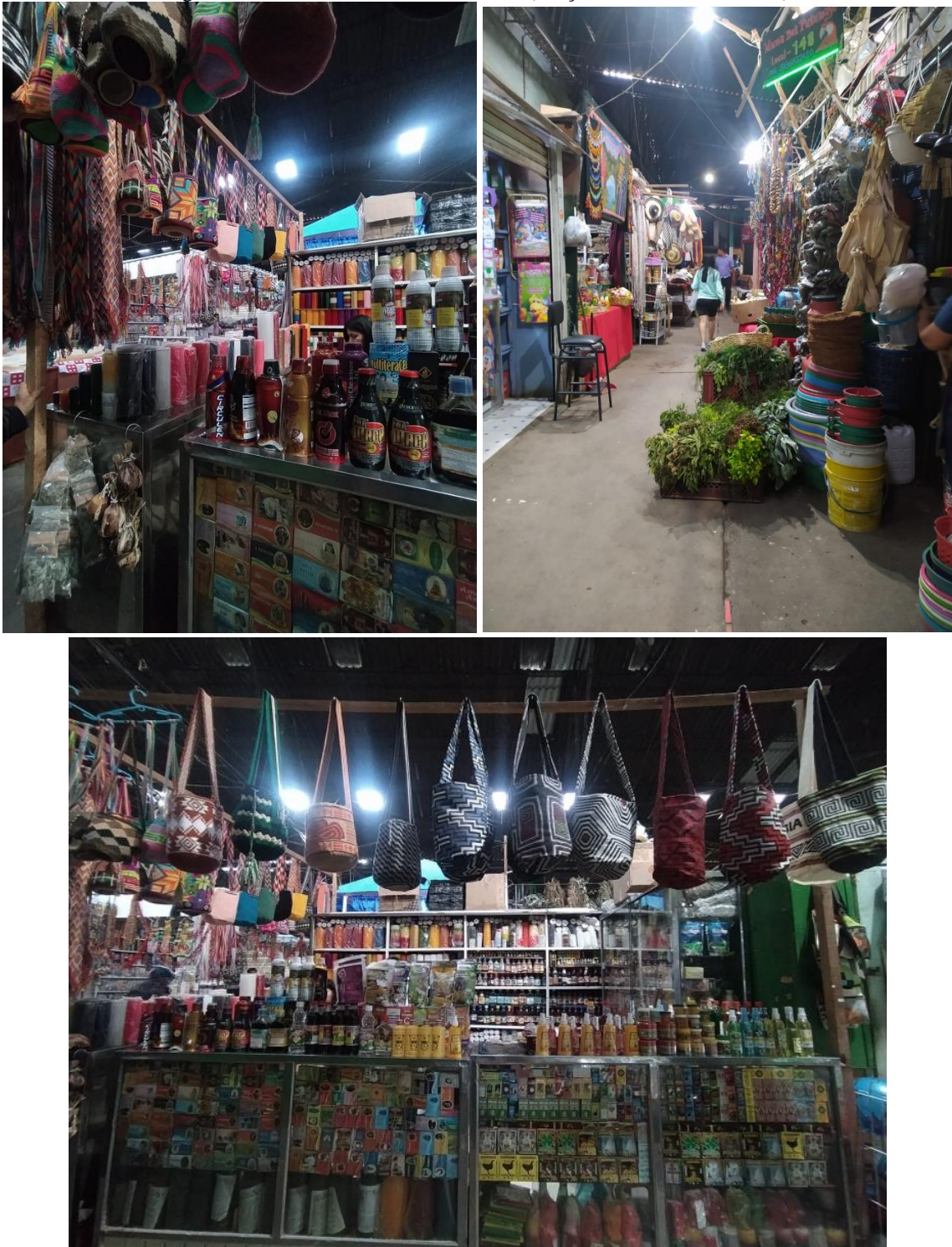


Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Praticar esse antigo costume, nas áreas urbanas, é incomum em virtude das diversas atividades do dia a dia, sendo, com frequência, relegada a momentos de lazer. Embora ainda seja uma prática cultural nas cidades, geralmente, ocorre em ambientes domésticos ou em encontros sociais e de trabalho.

Quando os produtos são destinados ao mercado, as quantidades produzidas são pequenas, devido ao tempo e à atenção que cada peça exige. Cada item carrega uma mensagem específica. No entanto, é comum que esses itens sejam vendidos por comerciantes informais que não são do povo Nasa e que, muitas vezes, desconhecem a profundidade e o significado desses objetos. Esses vendedores, movidos pela necessidade e pela conveniência, entram nesse tipo de comércio para atender às suas necessidades econômicas.

Figura 33 – Comércio de tecidos Nasa (Praça do Mercado Bolívar)



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Para o povo Nasa que vive em Popayán, a cidade representa um espaço no qual a comunidade se dilui e a individualidade prevalece, tornando a sobrevivência desafiadora e complexa. Eles veem a cidade como um local de desarmonia cotidiana, muitas vezes, descrita

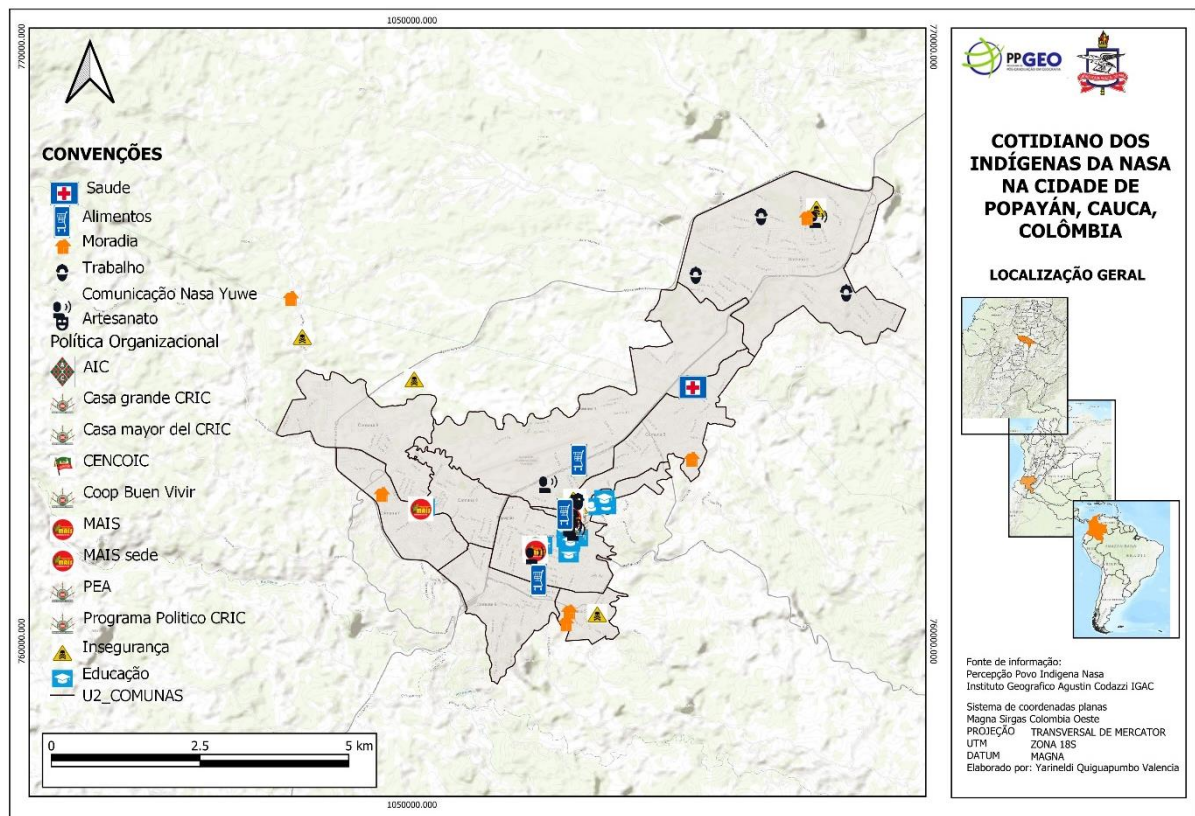
como caótica em decorrência da falta de responsabilidade coletiva dos cidadãos, evidenciada por problemas como o lixo nas ruas e a insegurança.

Todavia, Popayán também é percebida como um espaço que promove a diversidade de pensamentos, conhecimentos e culturas, posto que facilita a interação e o intercâmbio cultural. Nesse contexto, a cidade é um centro de concentração de bens e serviços especializados, o que viabiliza oportunidades para o povo Nasa abrir negócios e comercializar seus produtos, como tecidos e artesanatos, para um público mais amplo.

Popayán é conhecida por sua arquitetura colonial no centro histórico, mas também por ser um importante centro educacional, com uma variedade de instituições de ensino, o que a torna um polo atrativo para estudantes de outras regiões. Adicionalmente, a relevância educacional e a infraestrutura de saúde contribuem para sua identidade como uma cidade universitária, atraindo muitas pessoas que buscam formação acadêmica.

Essa percepção do povo Nasa sobre Popayán foi destacada durante uma oficina de mapeamento social, em que integrantes dessa comunidade expressaram suas visões da cidade por intermédio de mapas, de forma a ilustrar a complexidade de suas experiências urbanas.

Figura 34 – Cartografia social, povo Nasa na urbanidade



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A cartografia social é uma ferramenta metodológica utilizada, atualmente, em diversas disciplinas, dado que permite o envolvimento dos atores presentes na área de estudo, não apenas como objeto a ser investigado, mas também como sujeitos. Tal ferramenta faz com que participem, permitindo-lhes conhecer e construir um conhecimento mais profundo do território em que se evidencia a realidade, ou as realidades, nele encontrada (Habegger; Mancila, 2006).

Para representar a percepção dos povos indígenas, do povo indígena Nasa, foram realizadas oficinas de mapeamento social com abordagem de pesquisa-ação participativa como forma de abordagem da realidade territorial, nas quais as comunidades contribuí com seu conhecimento. Essas oficinas foram realizadas com alguns indígenas Nasa que vivem na cidade de Popayán, nas quais são identificados locais relevantes para eles, como: escolas, universidades, faculdades, hospitais, galerias, lazer, locais de trabalho, locais de venda de tecidos, artesanato. Igualmente, os escritórios da organização indígena, como o CRIC, ACIN, MINGA, entre outros, além de identificar locais nos quais percebem insegurança, devem ser ambiente propício para falar sua língua nativa sem sentir vergonha.

Conforme a Figura 33, observa-se que os domicílios do povo Nasa estão, majoritariamente, situados na periferia de Popayán. Além disso, os pontos de interesse, como locais de *marketing* institucional, lazer e artesanato, tendem a se agrupar próximos às organizações indígenas. Essa proximidade é estratégica, uma vez que essas áreas servem como centros para a realização de atividades administrativas, políticas e culturais dos diferentes povos indígenas do departamento. O mapa da Figura 34 ilustra como o povo Nasa está distribuído e movimenta-se pela cidade, evidenciando sua presença e integração em várias partes de Popayán.

Figura 35 – Percepção da cidade de Popayán (oficina de cartografia social)



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

8.1.4 Desenvolvimento das atividades diárias do povo Nasa no espaço urbano da cidade de Popayán (trabalho, moradia, relações familiares, organizações políticas, lazer) – cotidiano da Nasa na urbanidade

Ir trabalhar, estudar, passear, praticar esportes são partes integrantes do cotidiano. Por serem atividades diárias, reiteradamente, são subestimadas, mas são fundamentais para o avanço de abordagens, ideias e inovações que influenciam o desenvolvimento social. No

contexto dos povos indígenas, essas atividades diárias representam a perpetuação do conhecimento ancestral. Para o povo Nasa, por exemplo, trabalhar a terra e colher seus frutos têm um profundo significado, refletindo uma relação de reciprocidade com a terra, *Uma Kiwe*²⁶. No entanto, essa conexão se perde na vida urbana, isso porque as atividades laborais tendem a ser diferentes e desconectadas da cultura ancestral.

Muitos Nasa que se mudaram para a cidade encontraram empregos que não exigem qualificação formal e, por isso, não oferecem garantias de direitos trabalhistas, resultando em baixa remuneração. Esses trabalhos, incluindo posições como garçons em restaurantes e ajudantes em obras, são ocupados por homens Nasa sem formação formal, cuja motivação principal é a sobrevivência e o sustento diário de suas famílias.

Para as mulheres Nasa, a situação no mercado de trabalho urbano é semelhante à dos homens em termos de informalidade, mas com um espectro um pouco mais amplo de opções. Elas podem trabalhar como garçonetes, cozinheiras, recicladoras, vendedoras de frutas e verduras em mercados, ou vendedoras ambulantes de alimentos ou outros produtos.

Apesar dessa variedade, as condições de trabalho permanecem incertas e sem garantia de segurança ou direitos trabalhistas. Muitas também atuam como empregadas domésticas, um dos empregos mais “estáveis” que podem encontrar, mas onde, costumeiramente, enfrentam discriminação e abusos tanto psicológicos quanto físicos. A Entrevistada 7 relata que, enquanto trabalhava como empregada doméstica, sua alimentação era controlada, era tratada de maneira depreciativa e obrigada a trabalhar todos os dias da semana sem descanso, por um salário muito baixo, com empregadores se aproveitando de sua vulnerabilidade e da de outras mulheres na mesma situação.

Em termos de transporte, tanto homens quanto mulheres Nasa, que trabalham na cidade, de modo geral, dependem de transporte público, como ônibus, ou de meios próprios, como bicicletas ou motocicletas, para minimizar os custos de deslocamento do lar ao trabalho, dada a distância a ser percorrida.

Por outro lado, aqueles Nasa que conseguiram formação acadêmica tiveram de se deslocar para áreas urbanas, uma vez que essa formação não está disponível em seus territórios ancestrais. Eles desempenham funções administrativas e especializadas, como advogados, engenheiros, economistas e comunicadores sociais, necessárias na estrutura administrativa e política das organizações indígenas.

²⁶ *Uma Kiwe*: palavra na língua indígena Nasa que traduz a mãe Terra.

Embora esses profissionais recebam uma remuneração melhor, nem todos possuem meios de transporte próprios, o que os obriga a depender do transporte público, que nem sempre atende, completamente, às suas necessidades de deslocamento, forçando-os, em alguns casos, a optar por alternativas mais caras para seus trajetos diários.

De acordo com Cerón e Sierra (2023), a situação trabalhista em Popayán é complexa, tanto para a população em geral quanto para os Nasa. A cidade enfrenta uma escassez de empregos formais, de tal modo que muitos de seus habitantes, incluindo diversas etnias e o povo indígena, dependem do trabalho informal para sobreviver. Essa realidade é evidente no centro histórico de Popayán, onde uma grande quantidade de vendedores e comerciantes informais preenche as ruas, vendendo produtos e serviços sem as garantias ou os benefícios associados ao emprego formal.

As condições de moradia para aqueles que migram para Popayán variam consideravelmente. Alguns conseguem se acomodar em casas, apartamentos, estúdios ou quartos, ao passo que outros requerem soluções mais temporárias, como morar com amigos ou familiares, em razão das dificuldades econômicas. A localização na cidade influencia o custo do aluguel, com os preços sendo mais acessíveis nas áreas periféricas, nas quais os serviços básicos também são menos disponíveis dada a estratificação social que define o custo desses serviços.

A situação econômica desafiadora leva alguns Nasa a se estabelecerem em “zonas de invasão” – áreas não regulamentadas que, com frequência, carecem de serviços básicos. Apesar das adversidades, as relações comunitárias e familiares se fortalecem na cidade. A interação diária e a ajuda mútua são características marcantes dos Nasa, ainda que as obrigações diárias e a distância limitem as interações familiares a encontros esporádicos.

A migração de um membro da família para a cidade pode servir como um catalisador para que outros membros sigam o mesmo caminho, buscando educação ou oportunidades de emprego, de modo a fortalecer as redes de apoio dentro do ambiente urbano.

Quanto ao lazer, os Nasa tendem a se reunir em locais específicos, como praças, *shoppings* ou perto do escritório da organização indígena CRIC. Esses encontros servem como momentos de descanso e socialização e reforçam os laços comunitários e familiares no contexto urbano, evidenciando a adaptabilidade e a resiliência dessa comunidade em um ambiente urbano desafiador.

9 CAPÍTULO III

9.1 Usos e costumes preservados

Os povos indígenas na Colômbia, incluindo os Nasa, mantêm uma rica herança cultural composta por rituais, costumes, dialetos, gastronomia e música, que são preservados e praticados em seus territórios ancestrais como uma forma de resistência e sobrevivência. Contudo, essas práticas também encontram espaço nas áreas urbanas, especialmente, entre os indígenas mais velhos, os quais passaram a maior parte de suas vidas nos territórios ancestrais, o que fortalece sua conexão com essas tradições. Em contraste, os mais jovens que nasceram ou cresceram em ambientes urbanos enfrentam o desafio de reforçar e resgatar essas práticas culturais.

Nesse contexto, a urbanidade apresenta uma oportunidade e uma ameaça para a sobrevivência desses usos e costumes. A influência da vida urbana pode enfraquecer as tradições culturais, uma vez que pode criar um risco de desaparecimento à medida que os indígenas se distanciam de suas raízes ancestrais.

Apesar desses desafios, alguns membros da comunidade Nasa em Popayán continuam a praticar rituais como a limpeza espiritual. Esse rito, que visa purificar o corpo de energias negativas e promover um equilíbrio para atrair influências positivas, é, às vezes, visto com desconfiança ou desaprovação por não indígenas. Essa prática é defendida por um dos mais respeitados médicos tradicionais da comunidade, que enfatiza sua importância para o bem-estar físico e espiritual dos praticantes:

O povo Nasa tem o hábito de limpar o corpo com plantas quentes e frias de uso medicinal que nos permitem descarregar aquelas energias negativas que se acumulam, pois quando nos relacionamos e interagimos com outras pessoas, seja no trabalho ou pessoalmente, ficamos carregados de energias que dificultam a harmonia total do corpo, por isso este ritual é realizado, embora aqui na cidade de Popayán seja difícil realizar dentro da cidade não existem espaços que permitam essa conexão com a Mãe Terra, tudo é cimento e concreto o que dificulta essa conexão, os rios são algo muito fundamental dentro da realização espiritual mas porque foram transformados em lixões, por isso quando geralmente são feitos é em casa, mas não é a mesma coisa que estar em contacto com a Mãe Natureza, poder senti-la e agradecer-lhe (Entrevistado 8).

Figura 36 – Conhecedor ancestral



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Os espaços de convivência da Nasa não são no chão de cimento como mencionado acima, está na relação com a Mãe Terra, a relação com a natureza é poder ver o que a natureza quer comunicar na cidade. Não é possível já que aqui você está ouvindo o barulho do carro, o barulho da moto, diferente em um espaço de campo aberto você ouve os pássaros e a própria natureza, porque da prática da Nasa você tem respostas da natureza, por exemplo: Se o canto do palheiro é uma bronca ou se, pelo contrário, o canto era de alegria, ele tem um sentido, se observarmos como se manifestou o maior raio ou como se mostrou o sujo, tudo isso são manifestações naturais que não se vê na cidade (Entrevistado 5).

Outra prática cultural relevante entre os Nasa é a manutenção de seu dialeto ancestral, o *Nasayuwe*. Com uma presença crescente em áreas urbanas como Popayán, os falantes de *Nasayuwe* têm oportunidade de praticar sua língua, uma mudança significativa comparada a períodos anteriores quando se sentiam constrangidos pela falta de uma comunidade Nasa significativa nas cidades. Anteriormente, muitos se viam obrigados a comunicar-se tão somente em espanhol, deixando de lado sua língua materna. Manter o uso do *Nasayuwe* fortalece a identidade Nasa e serve como um poderoso símbolo de resistência cultural nas cidades contemporâneas.

Entre os costumes ainda praticados, destaca-se o papel das parteiras Nasa, cuja função transcende o cuidado durante a gravidez, abrangendo conhecimentos tradicionais importantes para as mulheres Nasa longe de seu território ancestral. Essas parteiras realizam massagens

abdominais e banhos de vapor com plantas medicinais, técnicas que preparam o corpo para o parto e o pós-parto.

Além disso, existe o *enchumbar*²⁷, uma prática em que as mães envolvem seus bebês recém-nascidos durante a noite para garantir o correto desenvolvimento de seus membros inferiores. Esse é um costume que, como tantos outros, se dá pela prática oral e pela prática com mães Nasa de primeira viagem. Também realizam o costume de estimular as glândulas mamárias a gerarem leite materno para o recém-nascido através de banhos com plantas medicinais e massagens que auxiliam no processo de alimentação e concepção de mãe e filho.

Outro costume preservado é o plantio da placenta, que simboliza a conexão da vida nova com a terra. Nas áreas urbanas, a adaptação desse ritual inclui o plantio em vasos, uma modificação necessária dada a infraestrutura das cozinhas urbanas. Por isso, solicita-se que seja entregue para a realização do seu respectivo ritual e semeadura na mãe terra.

No território esse ritual de plantio é feito na cozinha da família e na cidade é plantado em vasos, já que as cozinhas urbanas são construídas com piso de concreto para que não possa ser realizado e é modificado para não deixar de ser realizado. A senhora pôde acompanhar esse processo na clínica Estancia, na cidade de Popayán (Entrevistado 6).

Além disso, é comum ver Nasa carregando seus bebês nas costas, uma prática adaptada para as tarefas domésticas e para o trabalho no campo. Esse costume tem um significado profundo, relacionado à transmissão de conhecimento e à continuidade cultural. Os bebês, ao serem carregados nas costas, olham para frente, aprendendo com os passos dos mais velhos e absorvendo lições de vida e histórias de resistência que moldaram sua comunidade ao longo dos séculos. Essa prática simboliza o respeito pelos ancestrais e a importância de perpetuar a cultura Nasa, sobretudo, mediante as adversidades históricas como a colonização.

²⁷ *Enchumbe*: processo de envolver todo o corpo do recém-nascido com o tecido ancestral denominado chumbe.

Figura 37 – Passado e futuro NASA



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

O uso de plantas medicinais pelos Nasa em Popayán ilustra a continuidade de uma prática ancestral importantíssima cultural e terapêutica, mesmo em contexto urbano. Essas práticas, que envolvem o uso de plantas para prevenir, tratar e curar doenças, ganharam destaque ao longo das crises de saúde, como a pandemia de Covid-19 em 2023, quando muitos se voltaram novamente para essas tradições.

A despeito das limitações de espaço na urbanidade, alguns Nasa mantêm o cultivo de plantas medicinais em vasos. Além disso, a escolha do momento para plantar essas ervas leva em consideração o ciclo lunar, uma prática que respeita os conhecimentos tradicionais sobre os melhores períodos para o cultivo, baseando-se nas fases da lua que influenciam o crescimento das plantas.

A preservação dessas práticas fortalece a conexão com suas raízes culturais e representa um elemento de resistência cultural e adaptação, ilustrando a capacidade de manter tradições ancestrais vivas mesmo longe de seu território original. Esse uso de plantas medicinais é um exemplo vívido de como os Nasa continuam a integrar e adaptar seus conhecimentos tradicionais à realidade das cidades, mantendo viva sua herança cultural em um ambiente urbano.

Figura 5 – Orelha de cachorro



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Nota: Planta usada em rituais pelos conhecedores ancestrais.

Figura 6 – Hortelã-pimenta



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Nota: Planta usada para infusões para aliviar a dor de estômago.

Figura 40 – Coca



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Nota: Planta usada para infusões e rituais pelos conhecedores ancestrais.

Figura 41 – Arruda



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Nota: Planta usada para infusões para aliviar a dor de estômago.

Figura 42 – Ervas cultivadas na cultura Nasa



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A prática cultural do *cateo*²⁸, ainda preservada em Popayán, desempenha uma função basilar na compreensão profunda do ser humano. Realizada por um conhecedor ancestral, essa tradição envolve movimentos sutis sobre o corpo da pessoa para explorar seu âmago espiritual e psicológico. Esse ritual é importante na seleção de líderes territoriais e na contratação de funcionários para várias organizações da comunidade.

O resultado do *cateo* influencia a decisão sobre quem deve ser potencializado ou reforçado em suas funções de facilitador²⁹ comunitário, conforme é nomeada no processo organizacional. Essa prática é conduzida no bairro La Aldea, na zona norte da cidade, onde o conhecedor ancestral aplica seu conhecimento espiritual tanto na análise de currículos quanto na avaliação pessoal.

²⁸ *Cateo*: ritual espiritual realizado pelos mais velhos ancestrais para identificar o potencial de uma pessoa.

²⁹ Facilitador: pessoa que cumpre a função de exercer dentro da organização indígena.

Figura 43 – Sakthees



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Figura 44 – Parte interna de *la Maloka*

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Figura 45 – *Tulpa*

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Esse espaço não serve, exclusivamente, ao povo Nasa, mas também a conhecedores ancestrais de outras etnias que se estabeleceram na cidade. Desse modo, o local recebe diferentes nomes conforme a cosmovisão de cada grupo: o povo Nasa o denomina “*Sakthees*”, enquanto o povo Kokonuco o chama de maloca, entre outros termos. A escolha do local para a construção é guiada pela natureza, mediante um ritual ancestral no qual os especialistas se reúnem para receber e interpretar as mensagens divinas.

Até mesmo os materiais de construção são escolhidos com cuidado: são trazidos de territórios vizinhos com a devida autorização e após oferendas à natureza, incluindo palha para o telhado e madeira para as bases e as cadeiras, arranjadas em uma espiral³⁰, a qual simboliza a visão de mundo indígena e tem, em seu centro, pedras que representam os irmãos mais velhos.

Na cosmovisão Nasa, vários espíritos irmãos, encontrados na natureza, desempenham papéis imprescindíveis. Um deles é o espírito do sono, que, conforme os anciãos, comunica eventos futuros ou transmite mensagens que podem ser interpretadas com a ajuda dos médicos ancestrais. Embora esse espírito fraterno possa se manifestar, esporadicamente, fora do território tradicional, permanece presente entre os Nasa que vivem na cidade. Em contrapartida,

³⁰ Espiral: no povo Nasa significa e representa a vida. É o passado, é o ir e vir, razão pela qual os povos indígenas avançam e retrocedem e voltam a se reunir para continuar construindo (Entrevistado 7).

os anciãos alertam que essa conexão se enfraquece na ausência de rituais de limpeza e de harmonização³¹ espiritual.

9.2 Relação território-cidade

A relação entre sociedade e território é moldada por uma série de experiências carregadas de emoções, sentimentos e simbolismos que, em conjunto, estabelecem um vínculo emocional profundo e duradouro. Na cultura Nasa, esse laço é fortalecido por meio de uma *kiwe*, um ritual ancestral que envolve a sementeira do cordão umbilical na terra logo no início da vida, simbolizando e reforçando a conexão com o território.

O terreno para o povo Nasa tem grande relevância dentro de sua visão de mundo, “sendo o elemento central que conecta uma comunidade ao seu território, e a criança à mãe” (Vitonas, 2019). É por essa razão que os indígenas Nasa, que se mudam para a cidade, carregam consigo as memórias vividas em seus territórios originais, buscando reconectar-se e recriar esses laços mesmo em um novo ambiente urbano.

Os indígenas que se mudaram para a cidade de Popayán carregam consigo uma nostalgia profunda pelos territórios de origem, uma relação sentimental e simbólica intensificada pelo que viveram e pelas conexões familiares deixadas para trás. A partida de seus territórios não representa um esquecimento ou uma desvinculação completa, sobretudo, para aqueles nascidos longe das áreas rurais, que encontram grandes desafios para manter viva a prática de sua cultura, usos e costumes ancestrais.

Essa relação com o território pode variar consideravelmente; em alguns casos, ela persiste, em outros, dilui-se ou desaparece em virtude de uma série de fatores. A decisão de se estabelecer permanentemente em áreas urbanas, sem a possibilidade de retornos esporádicos aos seus territórios devido a questões de segurança que ameaçam a integridade pessoal ou familiar, exemplifica uma dessas situações.

Ademais, a necessidade de adaptação às condições urbanas, muitas vezes, precárias, pode ocasionar o abandono dessa conexão cultural. A violação dos direitos desses povos se evidencia quando são forçados a renunciar à sua identidade indígena em registros oficiais como parte do processo de qualificação para programas sociais. O Departamento Nacional de

³¹ Harmonização: ritual realizado com plantas medicinais pelos médicos ancestrais com auxílio de plantas medicinais em que buscam que o homem esteja em harmonia com os seres que habitam o espaço.

Planejamento³² e o SISBEN³³, por intermédio de seus sistemas de cadastro, identificam, classificam e selecionam beneficiários de programas governamentais com base em critérios socioeconômicos que, não raro, desconsideram a essência cultural e identitária dos povos indígenas.

Mediante tal realidade, membros da população indígena, incluindo o povo Nasa, optaram por se identificar como parte da população majoritária, e não como um grupo étnico distinto para acessar benefícios governamentais destinados à população urbana ou a pessoas que não se identificam como indígenas. Essa escolha reflete um dilema profundo, na medida em que, ao fazer isso, abdicam do reconhecimento de suas identidades étnicas, conquistadas depois de intensas lutas e mobilizações que, em muitos casos, resultaram em confrontos violentos nas áreas urbanas.

Esse ato de assimilação estatística, descrito pelo líder indígena Nasa Gilberto Muñoz Coronado como um “genocídio estatístico”, reflete a perda significativa para as bases de dados que representam o povo Nasa e outros grupos indígenas. A contagem inadequada e a classificação das populações indígenas nos censos e em outras estatísticas oficiais omitem sua presença e sua realidade em ambientes urbanos, impactando, de forma negativa, o planejamento e a execução de políticas públicas destinadas a essas comunidades.

Apesar dessa realidade, a conexão com os territórios ancestrais permanece viva. Diversos membros da comunidade Nasa, que se mudam para áreas urbanas para buscar educação superior com o apoio de conselhos locais, ainda mantêm um vínculo forte com seus territórios. Esses estudantes retornam aos seus territórios durante os períodos de férias para engajar-se em trabalhos comunitários, refletindo um compromisso contínuo de contribuir e manter suas raízes culturais e familiares vivas.

A população indígena Nasa, que migra dos seus territórios para as cidades em busca de educação superior, enfrenta a necessidade de se adaptar ao ambiente urbano quase permanentemente no transcurso de sua jornada acadêmica. Todavia, com o apoio dos conselhos locais, esses estudantes são incentivados a manter uma conexão forte com suas raízes, retornando aos seus territórios nos períodos de férias para participar de atividades comunitárias.

³² Departamento Nacional de Planejamento: trata-se de um departamento administrativo pertencente ao poder executivo do poder público e subordinado à presidência da república.

³³ Sistema de identificação de potenciais beneficiários de programas sociais (SISBEN): permite classificar a população de acordo com suas condições de vida e renda. Este sendo focado em estabelecer investimento social e garantir que ele seja destinado a quem realmente precisa.

Além disso, existe a necessidade de obter a “AVAL”³⁴, que é essencial para que prossigam com seus estudos, tanto em instituições de ensino privadas quanto públicas. Esse documento é essencial para validar sua continuidade acadêmica, funcionando como uma garantia de que os estudantes mantêm o apoio necessário dos conselhos locais ou outras entidades relacionadas, assegurando a sua permanência e sucesso no ensino superior.

Diante de tal realidade, para renovar matrículas em universidades, os estudantes indígenas, mormente aqueles que se beneficiam de créditos ou bolsas, devem apresentar a documentação necessária nos processos de renovação. Semelhantemente, indígenas que deixam seus territórios por razões de trabalho enfrentam requisitos iguais: devem participar de atividades comunitárias ou coletivas para obter a assinatura de um documento que confirme seu vínculo e relação com o território ancestral. Esse documento é essencial e deve ser assinado pelas autoridades ou governadores das reservas a que pertencem.

Outrossim, aqueles que se mudam para áreas urbanas para trabalhar em entidades associadas ao movimento indígena também precisam apresentar a AVAL, um documento que atesta sua identidade indígena e o suporte das autoridades ancestrais de seu território. Isso assegura que, mesmo trabalhando nas cidades, continuem a responder aos chamados de seu território.

A AVAL serve como uma prova de identidade indígena, mas também como uma forma de acessar oportunidades em áreas como educação, trabalho e saúde. Curiosamente, essa necessidade de certificação também levou à identificação de indivíduos que antes não eram reconhecidos como indígenas.

Há também aqueles que trabalham em cidades para entidades não relacionadas ao movimento indígena, em cuja conexão com o território é mais tênue. Essas entidades externas, alheias à cultura indígena, não impõem qualquer obrigação de manter laços com o território, tornando a participação em atividades comunitárias mais esporádica ou até inexistente, sobretudo, se estiverem em conformidade com a legislação trabalhista formal.

Finalmente, a comunidade indígena Nasa que reside nas cidades continua a lutar para preservar sua cultura, incluindo sua língua, artesanato e rituais. A manutenção de sua identidade cultural é bastante apoiada pelas famílias e pela comunidade, possibilitando a eles adaptar e manter seus símbolos culturais e valores emocionais em um novo ambiente urbano. Essa relação cultural e emocional com o território ancestral subsiste como uma parte vital de sua identidade, mesmo vivendo longe de suas origens.

³⁴ AVAL: documento emitido pelo conselho indígena ao qual pertence, que é assinado pelas autoridades ancestrais do território, de forma original para atestar sua veracidade a qualquer interessado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da migração indígena para as cidades, embora pareça voluntário, revela-se como uma necessidade imposta pela falta de condições adequadas em seus territórios tradicionais. A ausência de oportunidades e garantias por parte do Estado força muitos povos indígenas a buscar melhores condições de vida nos centros urbanos. Mediante o exposto este estudo evidencia que, para muitos, essa migração não é uma escolha, mas uma exigência para a sobrevivência e busca por dignidade.

Historicamente estigmatizados como atrasados ou menos capazes, os povos indígenas encontram nas cidades uma oportunidade para acessar a educação ocidental, que pode fornecer ferramentas relevantes para a participação ativa em processos políticos e organizacionais. A educação obtida ajuda a fortalecer suas comunidades e a preservar suas tradições culturais, ainda perante os desafios da urbanização.

Os indígenas Nasa, por exemplo, ao adquirirem conhecimentos em Direito, meio ambiente e saúde, reforçam a sustentabilidade de suas comunidades e contribuem, ativamente, para a preservação de sua identidade cultural. A migração para cidades como Popayán, motivada por necessidades educacionais, laborais, familiares ou, mesmo, por situações de violência, é um fenômeno antigo e contínuo. Entretanto, a falta de dados estatísticos detalhados dificulta o entendimento completo dessa dinâmica e o desenvolvimento de estratégias eficazes para sua gestão.

O diálogo com membros da comunidade Nasa que residem em áreas urbanas indica que esses desafios são de longa data e ainda carecem de soluções efetivas. À vista disso, reconhecer e integrar essas realidades em futuros estudos é essencial para criar políticas públicas mais inclusivas e que respeitem as particularidades dessa migração. A colaboração entre as autoridades indígenas e as populações dos territórios ancestrais é primordial para fortalecer os esforços de luta e garantir a continuidade cultural, mesmo frente aos desafios da urbanização.

Não é segredo que a maioria dos povos indígenas, que migram para as cidades, enfrenta condições de pobreza, miséria e recorre à mendicância para sobreviver. Ainda assim, os indígenas Nasa que habitam Popayán não se enquadram nesse cenário. Reconhecidos por sua resiliência e trabalho árduo, os Nasa buscam emprego em diversos setores, seja formal ou informal, para garantir sua subsistência no contexto urbano de Popayán. Lamentavelmente, a mendicância ainda é uma realidade para alguns membros da comunidade indígena Embera Chami, originária do departamento de Risaralda, Colômbia, que também se encontra nas ruas da cidade.

Os Nasa que optam por migrar para Popayán mantêm uma conexão profunda com seu território ancestral, realizando uma migração temporária e, em poucos casos, permanente por motivos de segurança. A relação dos Nasa com a terra é intrínseca, começando antes mesmo do nascimento e consolidando-se ao longo da vida pelo contato com a *Uma Kiwe*, a mãe terra.

A chegada dos indígenas Nasa a Popayán não foi e ainda não é fácil. O racismo contra essa população é evidente, exacerbado pelas constantes reivindicações feitas pelos Nasa e por todos os povos indígenas associados ao CRIC. Como forma de protesto, muitos recorrem às estradas de facto, bloqueando a estrada principal que conecta o departamento de Cauca ao restante do país. Esses bloqueios, embora efetivos em chamar a atenção para as questões indígenas, prejudicam a mobilidade de outros departamentos, incluindo Nariño, Puyumayo e municípios do sul do Cauca, além da própria população de Popayán.

Os bloqueios de estradas provocados pelas reivindicações indígenas levam ao aumento dos preços dos produtos em Popayán. Como resultado, ocorrem retaliações contra as instalações administrativas das organizações indígenas na cidade, bem como discriminação contra indivíduos identificados, visualmente, como indígenas por suas vestimentas.

A inclusão no mercado de trabalho em Popayán é limitada, uma vez que a economia local se concentra, majoritariamente, em serviços comunitários, pessoais, comerciais e de construção, resultando em oportunidades de emprego instáveis e informais. Alguns indígenas Nasa conseguem se inserir no mercado graças à educação recebida em currículos escolares convencionais que, costumeiramente, ignoram aspectos étnicos e culturais, diferente do modelo de educação intercultural praticado nos territórios ancestrais. Este último enfatiza a transmissão de conhecimentos ancestrais aos jovens, considerados sementes de vida, reforçando suas raízes e o amor pela identidade Nasa.

Quanto à saúde, os Nasa têm acesso aos serviços em Popayán, onde alguns estabelecimentos médicos começaram a integrar saberes ancestrais ao atendimento, promovendo uma interculturalidade que, embora ainda em estágio inicial, está, paulatinamente, ganhando reconhecimento.

Nesse cenário, a experiência cotidiana do povo indígena Nasa em Popayán é complexa, marcada por desordem e caos, tal como por ser um espaço de encontro, diversidade cultural e oportunidades. Esse contexto urbano afeta, sobretudo, aqueles que nasceram e cresceram na cidade, os quais, amiúde, perdem sua conexão cultural, ao contrário daqueles cuja vivência e apropriação cultural ocorrem dentro dos territórios ancestrais, o que gera mudanças menos drásticas em suas vidas, mantendo forte o vínculo com suas raízes.

O cotidiano do povo Nasa em Popayán se adapta ao contexto urbano, obrigando-os a abandonar algumas práticas culturais incompatíveis com as condições urbanas, como a agricultura e a vida comunitária e coletiva. Além disso, a realização de rituais tradicionais enfrenta obstáculos significativos, tanto pela falta de espaço apropriado quanto pela recepção negativa dessas práticas na cidade, que são vistas com desdém, suscitando um ambiente de desarmonia para sua execução.

A presença crescente da população indígena em Popayán também impacta o consumo local de bens e serviços. Para os Nasa, isso se traduz em uma demanda adicional por emprego, que resulta no aumento do trabalho informal e contribui, de forma ambígua, com o desenvolvimento urbano. Paradoxalmente, mesmo com avanços educacionais, o racismo permanece como uma realidade palpável e persistente para os indígenas em Popayán.

Quanto à manutenção de suas tradições, os Nasa encontram dificuldades consideráveis em preservá-las na cidade. Muitos recorrem a viagens aos seus territórios ancestrais para praticar rituais, pelos quais sentem uma conexão mais profunda com seus espíritos ancestrais.

Em outras cidades, como Cali e Bogotá, os Nasa enfrentam desafios legais para o reconhecimento de sua identidade étnica, o que os levou a estabelecer conselhos urbanos para reivindicar esse pertencimento. Em contraste, em Popayán, a ideia de criar uma vila urbana para os Nasa foi rejeitada por líderes locais, alegando que tal iniciativa incentivaria o abandono dos territórios ancestrais.

Essa pesquisa revela que o fenômeno da urbanização dos Nasa é inevitável e não deve ser ignorado. Em vez disso, deve-se entender e abordar essas dinâmicas urbanas para que a cultura indígena sobreviva e seja fortalecida em qualquer ambiente no qual os Nasa se estabeleçam, marcando sua presença e reafirmando sua identidade cultural.

As intensas batalhas legais e protestos ainda não atingiram uma inclusão efetiva dos povos indígenas nas políticas públicas urbanas com uma abordagem que respeite suas particularidades. No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, tive a oportunidade de me aproximar do povo Nasa e de outros grupos indígenas, observando como testemunha ocular e auricular suas lutas jurídicas, políticas e culturais para ganhar visibilidade e relevância nos espaços urbanos.

Em 2023, iniciou-se uma consulta prévia para negociar um protocolo estabelecido originalmente em 2013, visando à criação ou à organização de conselhos urbanos, que não havia sido acordado com os povos indígenas. Destarte, as organizações que representam os 115 municípios trabalham para formular um novo protocolo que considere as perspectivas indígenas e defina, claramente, os parâmetros para essas formações.

REFERÊNCIAS

ARIEL, Carlos. **Políticas de reconocimiento: cabildos indígenas en contexto de ciudad.**

Washington, D.C.: USAID, 2014. Disponível em:

https://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PA00M8K3.pdf. Acesso em: 12 fev. 2022.

BAEZA, Brígida; AIZENBERG, Lila. Mujeres quechuas y aymaras provenientes de Bolivia, salud reproductiva y agencia en contextos restrictivos de Acceso em: al sistema sanitario en Córdoba y Comodoro Rivadavia (Argentina). *In*: CORREDOR, Jorge Enrique H. (coord.). **La cuestión indígena em las ciudades de las Américas, procesos, políticas e identidades.**

Procesos, políticas e identidades. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2018. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181206095407/La_cuestion_indigena.pdf.

Acesso em: 27 jun. 2022.

BANGUERO, Harold. **El proceso migratorio en Colombia:** determinantes y consecuencias. 1980. p. 23-36. Disponível em:

https://assets.fsnforum.fao.org/public/discussions/contributions/El%20proceso%20migratorio%20en%20Colombia%20Determinantes%20y%20consecuencias_0.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

BASANTE, Pamela N.; CASTRO, Liliana T. Proceso migratorio de la comunidad del cabildo Nasa Uka Wesx Thäj: factores, trayectorias espaciales y temporalidades. *Perspectiva Geográfica*, v. 21, n. 2, p. 299–320, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.19053/01233769.5855>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BENAVIDES, Amada Carolina P. Cristianismo y civilización: imposición y resistencia en las misiones católicas. Colombia, siglos XIX y XX. **Ariadna Histórica.** Lenguajes, conceptos, metáforas, [S.l.], v. 9, n. 9, p. 101-121, 2020. Disponível em:

<https://ojs.ehu.eus/index.php/Ariadna/article/view/22169>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BES, Alberto O. Los Indígenas En El Proceso Colonial: Leyes Jurídicas Y La Esclavitud.

Anuario del Centro de la Universidad Nacional de Educación a Distancia en Calatayud, [S.l.], n. 21, p. 189-206, 2015. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5570442>. Acesso em: 8 mar. 2022.

BONILLA, Victor D. **Historia política de los paeces.** [S.l.]: Colombia nuestras ediciones, 1982. Disponível em: <http://www.luguiva.net/%5C/admin/pdfs/Bonilla-Historia%20pol%C3%ADtica%20paeces1.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2022.

CORRAL, Rubén Darío G. Desplazamiento Indígena, Conflicto interno y Expresiones de Participación Comunitaria en el Departamento del Cauca (Colombia). **HAOL**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 65-72, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=829429>. Acesso em: 12 maio 2023.

CASTILLO, Jose C. Teorías de la migración de retorno. **Políticas de retorno de emigrantes.** 1997. p. 29-44. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61905361.pdf> Acesso em: 23 set. 2022.

CASTRO-ESCOBAR, Edisson. Configuración de la migración interna en la región del Paisaje Cultural Cafetero de Colombia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**

Ninez y Juventud, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 1563-1585, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/773/77346456047.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidade. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7744261/mod_folder/content/0/CASTRO_EDNA-urbanizacao.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 26 nov. 2022.

COSTA MALHEIRO, Tatiane. Os (des)encontros entre etnicidade indígena e urbanização na Amazônia brasileira. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 269-294, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/130882/88556>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DANE. Población indígena de Colombia. Resultados del censo nacional de población y vivienda. **Colombia Potencia de la vida**, 2018. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/demografia-y-poblacion>. Acesso em: 15 mar. 2022.

DANE. Colombia una nación multicultural: su diversidad étnica. **DANE**, 2007. Disponível em: https://www.dane.gov.co/files/censo2005/etnias/present_etnicos.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

GARAY, Alejandro Rivas, A. Reivindicación Geográfica: desde un análisis histórico a una perspectiva crítica “descolonial”. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346059151_REIVINDICACION_GEOGRAFICA_DESDE_UN_ANALISIS_HISTORICO_A_UNA_PERSPECTIVA_CRITICA_DESCOLONIAL. Acesso em: 26 jul. 2021.

GASTRONÓMICO, P.; HUMBERTO, C.; MONTOYA, I. El Arte De Comer. [s.d.].

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. La identidade deteriorada. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006. Disponível em: <https://sociologiaycultura.files.wordpress.com/2014/02/goffman-estigma.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2021.

HABEGGER, Sabina; MANCILA, Iulia; SERRANO, Eduardo. El poder de la cartografía social en las prácticas contrahegemónicas. **CityWiki**, p. 1-10, 2006. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/d31cf37f-e6cf-428e-8924-140d3441d73e/content>. Acesso em: 12 dez. 2023.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 7, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419>

HURTADO, Jina Paola G. Al paso de las semillas de vida del pueblo Nasa de Tierradentro y la construcción de las nuevas identidades. **Revista de Antropología y Sociología: Virajes**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 11-30, 2017. Disponível em: <https://revistasoj.s.ucaldas.edu.co/index.php/virajes/article/view/3187>. Acesso em: 20 abr. 2023.

JACKSON, Jean. E. Treinta años estudiando el Vaupés: Lecciones Y Reflexiones. In: FRANKY, Carlos E.; ZÁRATE, Carlos G. **Imani Mundo**: Estudios en la Amazonia

colombiana. Bogotá: Editorial Unibiblos, 2001. Disponível em: https://anthropology.mit.edu/sites/default/files/documents/jackson_treinta_anos.pdf. Acesso em: 6 jan. 2023.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013. Disponível em: <https://istoriamundial.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/06/henri-lefebvre-la-produccion-del-espacio.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

LEFEBVRE, Henri; GAVIRIA, M. Henri Lefebvre. **Thesis Eleven**, v. 33, n. 1, p. 152-155, 1992.

OLIVEIRA, Roberto C. **O índio e o mundo dos brancos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1964. Disponível em: https://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aoliveira-1996-indio/Oliveira_1996_OIndioEOMundoDosBranco.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.

OTERO, Ronald A. Macuacé; LANDÁZURY, Raúl Cortés. La dinámica de la población y el Crecimiento Urbano en Popayán: un análisis comparativo 1985-2018, 2021. Disponível em: <https://repositoriodim.esap.edu.co/handle/123456789/25396>. Acesso em: 15 maio 2022.

PADILLA, Jose D.; PIMENTEL, Luz C.; LUJÁN, Patricia M.; GOMES, Dime Alexandre L. Estrategias de ocupación del gobierno central en la amazonia colombiana. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, [S.l.], v. 1, p. 60-80, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteiriça/article/view/780>. Acesso em: 6 abr. 2022.

PORTO GONÇALVES, Carlos W. Del desarrollo a la autonomía: la reinención de los territorios; el desarrollo como noción colonial. **Revista Kavilando**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 157-161, 2015. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-63510-8>. Acesso em: 6 abr. 2022.

QUINCENO, Claudia N. Reconstrucción del tejido social después de un desastre: mujeres y territorio en la avalancha del río Páez 1994. [Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid]. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=151841>. Acesso em: 6 abr. 2022

RAVENSTEIN, E. G. The Laws of Migration. **Journal of the Royal Statistical Society**, [S.l.], v. 52, n. 2, p. 241, 1889. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2979333>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SARMIENTO ERAZO, Juan Pablo. Cambio Climático En Colombia: Y Los Migrantes. **Jurídicas**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 53-69, 2018. Disponível em: [http://juridicas.ucaldas.edu.co/downloads/Juridicas15\(2\)_4.pdf](http://juridicas.ucaldas.edu.co/downloads/Juridicas15(2)_4.pdf). Acesso em: 26 mar. 2021.

SOLANO, Francisco. Ciudades hispanoamericanas y pueblos de indios. Madrid: Editorial CSIC-CSIC Press, 1990. Disponível em:

https://books.google.es/books?hl=es&lr=&id=zJOI31dOSJoC&oi=fnd&pg=PA7&dq=indigenas+en+los+procesos+de+conquista+de+america+para+orgerin+de+las+ciudades+&ots=w8ZSiqd3q2&sig=h4cGo1qtTomZueTHOJ5_GqAMKNk#v=onepage&q&f=false

SOLÍS NARVÁEZ, Norling S. Hacia la investigación multidisciplinar e interdisciplinar reflexión sobre la aplicación de metodologías participativas. UNAN-Managua, 2015.

Disponível em:

<https://revistashumanidadescj.unan.edu.ni/index.php/Humanismo/article/view/80>. Acesso em: 15 fev. 2022.

STANEK, T.; SCHMID, C. Teoría, no método: Henri Lefebvre, investigación y diseño urbanos en la actualidad. **Urban**, v. 2, 2011. Disponível em:

<https://polired.upm.es/index.php/urban/article/view/1491>. Acesso em: 3 jun. 2023.

STEINER, Lina María S. Éxodos rurales y urbanización en Colombia. Perspectiva histórica y aproximaciones teóricas. **Revista Bitácora Urbano Territorial**, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 57-72, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/748/74811925005.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

STÜRMER, Arthur B. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. Geografia em Questão, v. 13, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.48075/geoq.v13i3.21622>

SURRALLES, Alexandre; HIERRO, Pedro G. (ed.). **Tierra adentro**. Territorio indígena y percepción del entorno. Copenhague: IWGIA, 2004. Disponível em:

https://www.iwgia.org/images/publications/0331_tierra_adentro.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

XAVIER, Glauber L. As incompreensões de um novo sentido de terra: bases de um tratado de sociologia rural segundo Henry Lefebvre. **Cadernos CERU**, série 2, v. 22, n. 1, p. 133-146, jun. 2011. Disponível em:

https://handbook.usfx.bo/nueva/vicerrectorado/citas/SOCIALES_8/Sociologia/80.pdf. Acesso em: 18 nov. 2022.

ZAMBRANO, Fabio; BERNARD, Oliver. **Ciudad y ciudadanos**. El proceso de poblamiento en Colombia. Lima: Institut français d'études andines, 1993. Disponível em:

<https://urbanitasite.files.wordpress.com/2020/04/zambrano-y-bernard-ciudad-y-territorio.-el-proceso-de-poblamiento-en-colombia.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.